DAVI É AVISADO E LAMENTA A MORTE DE SAUL E JÔNATAS

(II Samuel 1)

O homem corre entre corpos em decomposição, vestígios da batalha recente. Tropeça num braço decepado e logo se levanta. Não tem tempo para sentir-se horrorizado: precisa chegar logo a Ziclague. Sabe que suas chances são mínimas, mas confia em sua boa sorte, que lhe permitiu ser um dos poucos sobreviventes do ataque filisteu. O homem que corre nem mesmo é israelita: sua família, amalequita de origem, mudou-se para Israel quando ele era ainda criança. Morou em Israel a vida toda, sempre sofrendo por ser estrangeiro. Mas estava no lugar certo na hora certa, de modo que agora tem em seu poder alguns souvenirs muito preciosos. Então corre para Ziclague, precisa encontrar-se com Davi. Sabe que o líder dos rebeldes é o único capaz de restaurar a nação, agora que Israel está mutilada, com todas as tribos a oeste do Jordão (inclusive Judá) sob domínio filisteu. O amalequita sabe que, se sua idéia der certo, ele pode adquirir a confiança de Davi, e vir a ser personagem importante na montagem do futuro reino.

Procura não pensar muito nisso, porém: concentra-se na corrida. Precisa, mais que tudo, chegar a Ziclague.

Três dias depois de derrotar os amalequitas que haviam saqueado a cidade, Davi e seus homens ainda comemoravam. A festa foi interrompida, porém, pela chegada de um homem esfarrapado e sujo. Dizia ter notícias importantes para o chefe, e foi trazido à presença de Davi.

— Ô, rapaz. Que acontece com você? De onde você saiu desse jeito?

— Fugi do acampamento de Israel.

— Epa. O que aconteceu?

— Os filisteus, seu Davi. Atacaram a gente e não teve como resistir. Saiu todo mundo correndo, e eles não deixaram quase ninguém vivo. O rei Saul e seu filho Jônatas também morreram.

Davi sentiu uma súbita vertigem e sentou-se. Não podia ser verdade. Jônatas não podia estar morto.

— Peraí. Como é que você sabe que Saul e Jônatas estão mortos?

— Pois então... Eu passava por acaso pelo monte Gilboa quando vi a cavalaria dos filisteus cercando o rei. Ele me viu e me chamou. Cheguei perto, mas não muito. Não sou besta. Ele perguntou quem eu era, e eu respondi do jeito de sempre: "Sou amalequita". Sabe como são as coisas, seu Davi, se a gente é estrangeiro em Israel, nego não quer nem saber nosso nome. Amalequita é tudo igual pra eles, não é mesmo? Certa feita, um tio meu...

— O QUE ACONTECEU COM SAUL, PORRA?

— Ah, é. Então. Eu falei que era amalequita, já esperando que ele fosse me desprezar e tal. Mas que nada! Ele me olhou de um jeito muito, muito triste e disse: "Vem aqui e me mata, porque estou muito ferido, e não quero morrer nas mãos desses incircuncisos".

— E aí, e aí???

— Bom, veja o senhor: ele estava cercado, não ia durar muito. Estava muito machucado mesmo, já começando a delirar e tal. Então eu fiz a vontade dele...

— HEIN???

— É, ué. Fui lá e matei ele. Depois peguei a coroa e o bracelete dele, e trouxe aqui para o senhor, chefe.

— Não... Você... Você... Espera. Espera.

Em sinal de luto, Davi rasgou suas vestes, no que foi acompanhado por seus homens. Eles choraram e ficaram em jejum até a tarde. Havia motivo de sobra para o luto: o rei estava morto, o herdeiro do trono e melhor amigo de Davi também. O povo de Deus, Israel, passava pela pior crise de sua história. Sim, havia motivo para pranto.

Assistindo às demonstrações de tristeza de Davi e seu exército rebelde, o amalequita apenas espera pelo momento em que será chamado para receber seu merecido prêmio. À tarde, depois de comer um pedaço de pão e beber um pouco d'água, finalmente Davi o convoca à sua presença. Ele vai radiante, agradecendo a seus deuses e ao deus dos israelitas por ter permitido que ele passasse pelo monte Gilboa no exato momento em que Saul se suicidou. Assim ele pôde pegar a coroa e o bracelete, e forjar a historinha que o transformaria de amalequita malvisto em autoridade sobre Israel. É com surpresa, portanto, que nota o tom seco de Davi quando se dirige a ele:

— De onde você é?

— Er... Eu disse, senhor. Sou filho de um estrangeiro. Amalequita.

— Como é que você teve coragem de matar o rei ungido por Javé? Como?

— Hein? Hum? Hã? Não, veja bem... Eu... Eu...

O amalequita nota que Davi faz sinal a um dos soldados. Continua tentando desculpar-se:

— Eu não matei, veja bem... Eu só... Eu...

É interrompido, porém, pela ordem dada ao soldado:

— Mata esse filho da puta.

— SEU DAVI! Queisso, seu Davi??? Peraí, vamos conversar. Não foi bem assim, eu posso explicar. Olha só...

— Você é o único culpado pela sua morte, amalequita. Você veio até aqui e confessou de boca cheia que matou Saul, o rei escolhido por Deus, e achou o quê? Que eu ia ficar feliz?

— Hum... É, ué! É isso! Mas eu posso expl...

Nesse momento o amalequita é rudemente interrompido. Ainda quer continuar falando, mas percebe que fica difícil assim, com a cabeça separada do corpo.

Depois de mandar matar o amalequita que lhe trouxera a terrível notícia, Davi compôs uma de suas mais belas canções. Sim, sim: para quem não sabe, dentro do corpo de guerreiro sanguinário escondia-se uma alma sensível e dada à poesia. Como diz Chico Buarque em *A Bela e a Fera*, "Tórax de Superman e coração de poeta". Boa parte dos Salmos foi composta por ele. Esta canção, no entanto, não é contada entre os Salmos, visto que, em vez de um hino de louvor, era uma canção de lamentação pela morte de Saul e Jônatas. O versículo 18 deste capítulo diz que a letra da canção está no Livro de Jasar ("O Justo"). Tal livro, embora citado aqui e também em Josué 10, foi excluído do cânon sagrado por cotradizer os outros livros da Bíblia em certas passagens, e noutras narrar histórias um tanto absurdas demais, mesmo para os padrões bíblicos.

Mas eu falava sobre o lamento de Davi pela morte de Saul e Jônatas: trata-se de um dos mais belos poemas da Bíblia, e eu recomendo enfaticamente a leitura. Tanto recomendo, na verdade, que pela primeira vez transcrevo literalmente um trecho da Bíblia:

A tua glória, ó Israel, foi morta sobre os teus altos!
Como caíram os valentes!
Não o noticieis em Gate, nem o publiqueis nas ruas de Ascalom,
para que não se alegrem as filhas dos filisteus,
para que não saltem de contentamento as fihas dos incircuncisos.

Vós, montes de Gilboa,
nem orvalho, nem chuva caia sobre vós,
nem tenhais campos que produzam ofertas.
Pois aí foi profanado o escudo dos valentes,
o escudo de Saul, que jamais será ungido com óleo.

Do sangue dos feridos, da carne dos valentes,
nunca se retirou o arco de Jônatas,
nem voltou vazia a espada de Saul.
Saul e Jônatas, tão amados e queridos em vida,
também na sua morte não se separaram.
Eram mais ligeiros do que as águias,
mais fortes do que os leões.

Vós, filhas de Israel, chorai por Saul,
que vos vestia de escarlata e de delícias,
que adornava os vossos vestidos com ornamentos de ouro.

Como caíram os valentes no meio da peleja!
Jônatas foi morto nos teus montes.

Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas;

quão querido me eras!
Maravilhoso me era o teu amor,
mais maravilhoso do que o amor das mulheres.

Como caíram os valentes,
e pereceram as armas de guerra!

(II Samuel 1:17-27, Tradução João Ferreira de Almeida, Edição Contemporânea)

Belíssimo, não? Pois é, nem tudo na Bíblia é desgraça: aqui e ali encontramos poemas lindos, é só procurar.

Destaquei em itálico um trecho da canção. Esse trecho faz a alegria daqueles que gostam de dizer que Davi e Jônatas tinham um relacionamento homossexual. Oras, só mesmo um militante de grupo gay desses bem xiitas, ou um pobre homem que ainda não tenha percebido que seus amigos são muito mais preciosos que as mulheres, pode dizer uma asneira dessas.

Humpf.

A DIVISÃO DO REINO

(II Samuel 2)

Davi estava muito triste pela morte de Saul, e mais ainda pela de Jônatas. No entanto, não podia perder tempo: lembrava-se de ter sido ungido por Samuel e sabia que seu destino era ser rei. De alguma forma ele teria que começar, e não via melhor oportunidade do que aquela. Então resolveu consultar a vontade de Deus.

— Abiatar! Cadê você, Abiatar? O cachecol das pedrinhas, rápido!

— Porra, Davi. Que que custa você dizer *estola sacerdotal*, *Urim* e *Tumim*?

— Bah, Abiatar, você se apega muito a detalhes. Prepara tudo aí, que eu quero perguntar umas coisas pra Javé.

Então Davi perguntou se deveria atravessar a fronteira para governar alguma das cidades de Judá. A resposta, para sua alegria, foi positiva. Em seguida, perguntou a qual das cidades deveria ir. Depois de uma série de consultas, Abiatar passou-lhe a resposta divina: Hebrom.

Hebrom era uma cidade grande e, mais importante, bem fortificada. Davi partiu para lá com suas esposas Ainoã e Abigail, e seus soldados também foram com suas famílias. Quando os homens da tribo souberam que o herói nacional há tanto exilado voltara a Israel, foram até lá e o aclamaram rei de Judá.

Parece muito fácil? Pois foi mesmo: Judá estava sob domínio filisteu, e Davi era homem de confiança de Aquis, um dos cinco reis da Filistia. Ora, era interessante para os filisteus que Judá tivesse a ilusão de soberania, enquanto eles continuavam a exploração. Davi encaixava-se perfeitamente nos planos dos invasores.

Os homens de Judá, porém, não levavam isso em conta. Tinham um rei agora, era o que interessava. Querendo fazer um pouco de picuinha, disseram a Davi que os homens de Jabes-Gileade haviam sepultado o corpo de Saul. Achavam que o novo rei ficaria ofendido com isso, afinal Saul era seu inimigo. Ele, pelo contrário, mandou uma carta de agradecimento ao povo daquela cidade:

Homens de Jabes-Gileade,

Fiquei sabendo que vocês fizeram a caridade de sepultar o rei Saul. Que Javé os abençoe por esse ato de bondade. Fiquei muito feliz ao saber disso, e podem acreditar que eu retribuirei o bem que vocês fizeram.

Agora, sejam corajosos e fortes. Nosso rei, Saul, foi morto. Mas nem tudo está perdido, vejam só: os homens de Judá me ungiram como rei deles.

Obrigado, amigos.

Davi
Rei de Judá

Com esse final da carta, Davi deixava uma proposta no ar: "Sou rei de Judá, também posso ser rei aí de vocês, pensem bem". E poderia mesmo, não fosse por um detalhe: Abner, o comandante do exército de Saul e homem mais influente do reino, tinha uma carta na mão. Chamava-se Isbosete, tinha 40 anos de idade e era o único filho vivo de Saul. Sim, sim: havia um filho do rei escondido. Abner, muito esperto, sabia que tal precaução poderia ser útil, e acabou sendo mesmo. Ele então saiu com Isbosete de seu esconderijo, foi com ele até a cidade de Maanaim e lá constituiu-o rei de Gade, Aser, Efraim, Benjamim, enfim, de todo o Israel exceto Judá.

Sabendo disso, Davi chamou Joabe. Esse tal Joabe era irmão de Abisai, o sujeito que fora com Davi até o meio do acampamento de Saul em Zife, quando o rei saíram em sua perseguição. Joabe adquirira importância no exército de Davi, tendo-se tornado o oficial de maior patente. Pois então, Davi o chamou e mandou que fosse até Gibeom com os soldados para se encontrar com Abner e tentar um acordo. Se Davi tivesse pensado bem, teria escolhido outro homem para a missão: Joabe não era muito dado a acordos, preferia resolver suas questões apelando para a violência. Mas a escolha de Davi foi essa, então Joabe foi até Gibeom e ficou com seus soldados de um lado do açude da cidade. Do outro lado estavam Abner e o exército benjamita. Os dois grupos ficaram em silêncio por longo tempo. Eram todos israelitas ali, e era um tanto constrangedor estarem de lados diferentes. O silêncio foi quebrado por Abner:

— Isto aqui está um saco! Joabe, escolhe aí doze homens. Eu vou escolher outros doze aqui. Os dois grupos vão lutar para distrair a gente.

— Gostei da idéia, Abner! Vou escolher já.

Joabe escolheu seus doze homens, Abner também. Os dois grupos se encontraram e iam começar a lutar, mas algo de extremamente ridículo aconteceu: cada homem pegou seu

adversário pela cabeça e enfiou a espada no lado dele, morrendo ao mesmo tempo todos os 24 soldados. Por causa disso, o lugar passou a chamar-se Helcate-Hazurim (*Campo das Espadas*).

— Xi, Joabe... Que azar, hein? E agora? Mais doze de cada lado?

— Oras, por favor! Viemos aqui pra brincar ou pra lutar?

— Er... Nenhum dos dois. Eu vim aqui para conversar. Não vou lutar contra irmãos israelitas.

— Pois eu não me importo!

Dito isso, Joabe lançou-se com seus homens contra Abner. Depois da derrota, o exército de Israel já não era mais o mesmo, e aqueles homens foram facilmente derrotados por Joabe. Os que não morreram bateram em retirada. Vendo aquilo, Joabe e seus irmãos (Abisai e Asael) saíram correndo atrás do general. Joabe e Abisai ficaram para trás, mas Asael era rápido feito uma gazela, e logo estava nos calcanhares de Abner. Este olhou para trás e perguntou:

— É você, Asael?

— Opa, eu mesmo. Vou te pegar!

— Pára com isso, rapaz! Corre aí atrás de algum soldado e pegue as coisas dele para você, já está bom demais.

Asael nem levou em conta a proposta: continuou correndo. Vendo que ele estava perigosamente perto, Abner tentou dissuadi-lo mais uma vez:

— Pára de correr atrás de mim, já falei. Se você continuar eu vou ser obrigado a te matar, e aí como é que eu vou olhar nos olhos do seu irmão Joabe?

Asael, que era rápido e forte mas não muito inteligente, continuou não dando ouvidos. Então Abner, combatente experimentado, deu um golpe seco para trás com sua lança, ferindo o rapaz na altura da quinta costela. Asael caiu morto, mas seus irmãos continuaram a perseguição. Assim correram até o crepúsculo, quando chegaram ao monte Amá, na estrada que ia para o deserto de Gibeom. Abner tratou logo de subir até o alto do morro, e aos poucos seus homens reuniram-se em volta dele novamente. Então Abner gritou para Joabe, que só então chegara ao pé do morro:

— Cê tá maluco, Joabe? Vamos ficar lutando para sempre agora? Você não sabe que disso só pode resultar amargura? Está esperando o que para ordenar aos seus soldados que parem de nos perseguir? Somos irmãos, porra! Somo todos israelitas!

Lá de baixo, Joabe respondeu:

— Hum... Olha, se você não falasse a gente ia continuar a perseguir vocês até amanhã. Mas até que você tem razão. Vamo embora, cambada!

Joabe tocou a trombeta e seus soldados, que já haviam começado a subir o morro, voltaram todos. Vendo que a batalha terminara, Abner e seus homens desceram e andaram a noite toda até chegarem a Maanaim.

Do outro lado, Joabe juntou seus homens e fez a contagem. Faltavam vinte, incluindo Asael. Dos benjamitas, porém, haviam morrido 360 soldados. O saldo era bom, portanto. Satisfeito com tanta sanguinolência e por ter conseguido iniciar uma guerra, Joabe nem mesmo

teve tempo para lamentar muito a morte do irmão: foi com Abisai até Belém e lá, no sepulcro paterno, eles sepultaram Asael. Depois caminharam a noite toda até Hebrom.

DAVI FIRMA-SE NO PODER

(I Samuel 3:1-21)

A trégua proposta por Abner não durou muito: Joabe começara a guerra, e não ia desistir dela tão fácil. A guerra foi se arrastanto, portanto, com o lado de Davi se fortalecendo cada vez mais, e o de Isbosete cada vez mais fraco. O negócio estava tão sossegado pro lado de Davi, na verdade, que ele até achou tempo para ter filhos durante os sete anos e meio que durou a guerra. Com suas esposas Ainoã e Abigail teve dois garotos de belos nomes, Amnon e Quileabe. Não contente em comer as esposas, porém, o rei de Judá resolveu conhecer uma tal Maacá, princesa de Gesur, e com ela teve um outro menino chamado Absalão; uma garota chamada Hagite, com quem teve Adonias; depois uma Abital, que lhe deu Sefatias. Por fim, Davi casou-se com uma certa Eglá, e os dois tiveram Itreão. Davi, como podemos ver, era bom de cama mas bem ruinzinho nesse negócio de escolher nomes para os filhos.

A natural superioridade do exército de Davi não foi, porém, o único fator a determinar seu fortalecimento político e seu sossego para procriar feito coelho. Pois aconteceu que Isbosete, o rei de Israel que na verdade era um fantoche nas mãos de Abner, acusou este de traçar uma tal Rispa, concubina do finado Saul. Abner ficou emputecido com a petulância da marionete:

— Peraí, peraí! Do que é que você está me acusando, Isbosete? De traição? Acha o quê? Que eu passei para o lado de Judá?

— Mas eu só falei da Rispa...

— Não interessa! Você duvida da minha integridade, e isso eu não posso suportar! Eu sou fiel desde sempre à família de Saul, e se não fosse por mim você já teria caído nas mãos de Davi há muito tempo, retardado como é. E como é que Sua Majestade agradece? Me acusando de comer a amante do pai! Quanta gratidão, Isbosete! Mas quer saber de um negócio? Deus disse que tiraria o reino das mãos da família de Saul e o entregaria a Davi, que seria então rei de todo o Israel, de Dã até Berseba. Pois eu vou trabalhar para que isso aconteça, e que Deus me mate se eu não conseguir!

Dito isso, Abner saiu batendo os pés. Isbosete era rei, podia ter mandado prender o general por insubordinação ou qualquer outra coisa. Mas ele se cagava de medo de Abner, então foi chorar embaixo da pia.

Enquanto o patético rei de Israel chorava e tremia, Abner mandou uma mensagem a Davi:

Caro Davi,

Estava aqui pensando: a quem pertence a terra de Israel? Quem vai governá-la? Sabe o que eu acho? Eu acho que você deveria fazer um acordo comigo, aí eu faria todo o povo de Israel passar para o seu lado.

Atenciosamente,

Abner
Comandante do Exército Israelita

Davi ficou muito feliz com a proposta, mas tinha uma exigência a fazer. Então respondeu:

Caro Abner,

Excelente proposta. Aceito-a de bom grado, mas com uma condição: que você me devolva Mical, minha esposa. Se você vier até aqui sem ela, eu nem vou recebê-lo.

Davi
Rei de Judá

Pare reforçar sua vontade, mandou uma mensagem também a Isbosete:

Caro colega Isbosete,

Eu preciso reatar o casamento com sua irmã Mical. Seu pai me fez pagar por ela o preço de cem prepúcios filisteus. Eu fiquei tempo demais pegando naqueles pintos ensebados, para perder a mulher assim, de mão beijada.

Obrigado.

Davi
Rei de Judá

À primeira vista, parecia que Davi queria apenas resolver um problema antigo de orgulho ferido. Afinal de contas, Saul entregara Mical, a princesa que Davi desposara em troca de pele de pica, ao primeiro zé-mané que passou, um tal Paltiel. Não era só isso porém, e Abner sabia disso: oficializando sua condição de marido da filha do rei morto, Davi legitimava seu futuro reinado sobre todo o Israel. Para o inocente Isbosete, porém, parecia que Davi apenas queria de volta o que era seu por direito, então autorizou Abner a ir buscar Mical. O general tratou logo de ir. Entrou na casa de Paltiel e, com sua peculiar delicadeza militar, saiu arrastando a mulher pelo braço. O marido ia atrás dos dois, todo choroso e ranhento:

— Ô, seu Abner! Pelamordedeus, devolve minha mulher, vai. Eu só tenho ela neste mundo, mais nada. Devolve minha mulher!

E assim ele seguiu Abner e Mical até a cidade de Baurim. Então Abner, que não primava pela paciência, disse:

— CALA A BOCA, CARALHO! Coisa feia, um marmanjo chorando por causa de mulher, que vergonha! Volta pra casa, porra!

— Sim senhor...

Figura deveras intimidadora, esse Abner. Paltiel voltou pra casa enxugando o ranho na manga da túnica. Abner, por sua vez, voltou ao Maanaim, e de lá convocou os líderes de Israel. Quando estavam todos reunidos, fez seu discurso:

— Já faz tempo que vocês querem que Davi seja o rei da coisa toda. Não, não neguem, eu sei disso. Sei e apóio a idéia. Ah, vejo que ficaram surpresos! Pois é, eu também quero que Davi seja rei de Israel. Esse Isbosete aí é um palhaço, uma vergonha para nossa nação. Lembram-se do que Javé disse, que usaria Davi para libertar Israel dos filisteus? Pois chegou a hora de dar uma forcinha para que a profecia se cumpra.

Os líderes aplaudiram Abner efusivamente. Tendo sido bem sucedido nessa primeira reunião, ele foi até a tribo de Benjamim para falar separadamente com seus líderes. Benjamim era território crítico: a família de Saul era originária da tribo, o que dava a ela importância política desproporcional a seu pequeno território. Para sua surpresa, porém, os chefes de Benjamim também queriam Davi como rei. Tendo o respaldo de todas as lideranças do reino, Abner foi a Hebrom acompanhado de vinte homens e de Mical, lógico. Quando Davi viu sua esposa voltando depois de tanto tempo, ficou muito feliz e deu uma festa em honra de Abner. Ao fim da noite, todo mundo já bem bêbado, Abner chamou Davi num canto e disse:

— Está tudo feito, Majestade. Eu vou voltar pra casa agora e conquistar toda terra de Israel para o senhor. Os líderes todos estão conosco, não tem como dar errado. Pode se considerar rei de Dã a Berseba.

— Ah, Abner! Primeiro você me traz minha mulher querida, agora me dá essa ótima notícia! Eu nem sei como te agradecer.

— Só não se esqueça de mim, Majestade.

— De maneira alguma.

— Muito bem, então. Vou embora agora.

— Vá em paz, meu irmão.

Estava selada a paz entre Israel e Judá, e Davi já podia se considerar soberano de todo o território israelita. Ele não contava, porém, com o sanguinário Joabe: o oficial do exército de Judá ainda daria muito trabalho.

ABNER É ASSASSINADO

(II Samuel 3:22-39)

Estava tudo uma beleza: Davi, mais próximo do que nunca de ser soberano sobre um reino unificado, comemorava o acordo com Abner. O comandante do exército israelita, por sua vez, congratulava-se por ter arquitetado seu plano de forma tal que viria a ter no reino de Davi importância igual ou superior à que tivera durante os tempos de Saul. Tudo uma maravilha, mas isso só porque Joabe não estava por perto.

O comandante do exército de Judá fôra com seus homens fazer um ataque surpresa. Quando voltou a Hebrom, trazendo consigo um belo despojo, foi surpreendido pela novidade. Ficou emputecido: com que então Davi fizera um acordo com Abner sem consultá-lo? Era inconcebível! Mas ele não ia deixar tudo assim, ah, não ia. Foi falar com Davi:

— Você recebeu Abner aqui?

— Eita, que as notícias por aqui correm rápido... Recebi sim. E você não sabe do melhor: ele veio me propor um acordo de paz, Joabe! Eu vou ser rei da porra toda!

— Peraí. Abner veio aqui, falou com você, e depois foi embora numa boa?

— É, ué. Joabe, você não ouviu o que eu disse? Um acordo! Vou ser rei da porra toda!

— VAI SER REI DE PORRA NENHUMA! Será que você não conhece o Abner, Davi? Ele veio até aqui para espionar, para anotar seus movimentos, e assim ficar mais fácil para nos atacar.

— Que é isso, Joabe? Acho que cê tá ficando paranóico, parece até o finado Saul falando...

Mas Joabe já havia saído, mais furioso ainda, e já com um plano em mente. Para levá-lo a cabo, começou por enviar mensageiros a Abner, com uma desculpa esfarrapada qualquer para que ele retornasse. Os mensageiros alcançaram o general no poço de Sira e o convenceram a voltar. Quando Abner chegou a Hebrom, ficou surpreso ao ser recebido por Joabe logo no portão da cidade:

— Abner! Há quanto tempo, meu amigo!

— Er... Joabe? Você está bem?

— Bem? Ah, sim! Bem, bem, muito bem! E você, Abner, está bem?

— Estou sim. Recebi a mensagem, os moços disseram que você queria falar comigo. Aconteceu alguma coisa?

— Não, não! Está tudo bem, tudo ótimo, se melhorar estraga! Eu só queria tratar de uns assuntos aí com você, resolver direito os detalhes do... Peraí, tem muito nego curioso aqui. Vem comigo. — Joabe levou Abner até um canto do portão, atrás de uma pilastra. — Então. Queria resolver os detalhes da transição e tal. Fiquei sabendo do acordo entre você e Davi, fiquei muito feliz.

— É mesmo?

— Mas é claro! Sinto a felicidade explodindo meu coração. Você já sentiu o coração explodindo, Abner?

— Não que eu me lembre...

— ENTÃO TOME!!

Dizendo isso, Joabe enterrou um punhal entre as costelas do general, perfurando-lhe o coração. Abner olhou, atônito, para o rosto de seu assassino. Que estúpido tinha sido, como não percebera as reais intenções de Joabe? O momento de revelação durou pouco, porém, e em poucos segundos o general jazia morto às portas de Hebrom. Não tardou a começar o

ajuntamento do povo, e em momento algum Joabe pensou em se esconder. Pelo contrário: queria que todos soubessem que ele mesmo matara Abner, vingando assim a morte de Asael, seu irmão. É claro que ele pensava mais na situação política do que em Asael ao enterrar a faca no coração de Abner, mas isso era só um detalhe.

Com o assassinato de Abner, a situação se complicava para o lado de Davi. Como Joabe era seu homem de confiança, era de se esperar que todo mundo concluísse o mesmo: que o rei de Judá, depois de fazer o acordo com Abner, utilizara-se de Joabe para tirá-lo de seu caminho. Sabendo que essa seria a conclusão óbvia de todos, Davi fez questão de negar em público qualquer participação na morte do general:

— Eu meu reino não temos nada com isso, e Javé o sabe. Que a culpa desse crime caia sobre a cabeça de Joabe, e que em sua família nunca faltem homens que sofram de gonorréia ou lepra, ou que só possam fazer trabalho de mulher, ou que sejam aleijados, ou que morram na guerra, ou que passem fome.

A maldição contra o assassino e sua família era eloqüente mas não resolvia nada: Joabe continuava sendo o segundo homem do reino, pois a Davi faltou coragem para tirá-lo de cena. Se lhe faltou essa atittude prática, porém, o mesmo não se pode dizer da tentativa de deixar claro que não tivera nada a ver com a morte de Abner: primeiro, o rei ordenou a Joabe e seus homens que rasgassem as roupas (sinal de respeito) e chorassem a morte do comandante. Em seguida ele fez o mesmo, seguiu o féretro e chorou à beira da sepultura de Abner, cavada em Hebrom, recitando versos de improviso. Depois todo o povo lamentou a morte do grande herói militar de Israel.

Como se não bastassem essas demonstrações públicas de condolências, o rei fez um juramento de não comer nada até a noite. Com isso, o resto de dúvidas que o povo de Judá ainda tinha se dissipou, e todos souberam que Davi não tinha mesmo ordenado o assassinato de Abner.

À noite alguns servos mais próximos de Davi ouviram seu desabafo:

— Abner era um homem e tanto, um grande líder de Israel. Uma pena ele ter morrido, uma pena mesmo. Eu, embora ungido rei, me sinto fraco. Joabe e Abisai, filhos de Zeruia, são fortes demais para mim. Que Javé os castigue como merecem.

Era de se espantar que Davi, homem sempre corajoso e arrojado, se sentisse tão diminuído frente à violência de Joabe. Se o povo soubesse disso, era capaz de bandear-se para o lado de Isbosete.

Não, pensando bem, acho que não. Se era espantoso que Davi desse uma demonstração de fraqueza, mais espantoso ainda seria ver Isbosete demonstrando qualquer coragem. O rei de Israel era patético, como já foi dito, e seu reino tinha os dias contados. Mas isso fica para o próximo capítulo.

ISBOSETE É ASSASSINADO

(*II Samuel 4*)

MAANAIM — O rei Isbosete foi assassinado ontem ao meio-dia em sua cama. Os capitães de tropa Baaná e Recabe, filhos de Rimon, o beerotita, confessaram o crime. Depois de matarem o rei, os dois irmãos foram a pé até Hebrom, capital do reino vizinho de Judá, levando a Davi, rei daquele país, a cabeça de Isbosete. Davi, agora principal pretendente ao trono israelita, mandou imediatamente que se executasse os dois. A decisão tem precedentes: há sete anos, quando morreu o rei Saul, Davi morava na cidade de Ziclague, na Filistia. Um amalequita tentou obter suas graças fazendo se passar por assassino de Saul, e foi executado na hora. "Se eu puni aquele, que teria matado o rei a seu pedido e no meio da batalha, quanto mais esses dois, que mataram um homem inocente que dormia em sua cama.", disse o rei ao *Diário Israelita*.
Desde a morte de Abner, há uma semana, comentava-se sobre o comportamento do rei de Israel. Pessoas mais próximas a Isbosete dizem que o rei estava temeroso depois do assassinato do comandante de seu exército e homem mais influente do reino de Israel. Alguns críticos diziam que Abner seria o verdadeiro governante, estando Isbosete no trono apenas para legitimá-lo, por ser filho do rei Saul. Ao fazer um acordo com Davi, porém, Abner teria despertado a desconfiança de Joabe, comandante do exército de Judá, que o apunhalou nos portões da cidade. Apesar da fama de severo de Davi, Joabe não recebeu qualquer punição.
As duas mortes consecutivas muito beneficiaram a Davi, mas o rei de Judá tem se preocupado em demonstrar que não teve qualquer participação nos crimes. A cautela talvez evidencie que Davi pretenda mesmo reunificar os reinos de Israel e Judá, governando a ambos.

— Viu só, rapaz? Mataram o hômi.

— Já foi tarde...

— Não diga isso! Pô, o cara era rei.

— Rei, rei... Que rei nada! Cê não viu a reação dele quando soube da morte do Abner?

— Não vi, e duvido que você tenha visto. Aliás, duvido que qualquer um daqui deste cu de mundo que é Naftali tenha visto alguma coisa.

— Tá, tá, eu não vi. Mas sabe o meu cunhado?

— Sei.

— Então. Ele tem um primo em Zebulom, sabe?

— Aquele altão que veio aqui uma vez?

— Esse. Então, esse primo serviu o exército junto com um sujeito cujo irmão está comendo a copeira do palácio.

— Puxa, sua informação é de primeira mão mesmo...

— Não enche. Pois então, a copeira disse que o Isbosete tava num salão lá, lendo historinhas para as crianças. Tava contando a história de Sansão, parece. Aí entrou um puxa-saco qualquer lá, todo esbaforido, com a notícia da morte de Abner. Sabe o que o seu rei fez?

— O quê?

— ABSOLUTAMENTE NADA! A tal copeira disse que ele ficou bem uns sete minutos parado, sem esboçar reação.

— Ah, por favor! Já ouvi essa história, tudo balela da oposição.

— Tô te falando, rapaz! Eu não *ouvi dizer*! O primo do meu cunhado serviu o exército com...

— Tá, tá, já sei. Mas e depois dos sete minutos, o que ele fez?

— Mandou trancar as portas do palácio e se escondeu no quarto!

— Mentira!

— Mas se eu tô te dizendo! Se trancou no quarto e ficou lá tremendo de medo. Dizem até que um guarda mais gaiato passou em frente a janela e gritou "Joabe!". O rei quase se caga todo.

— Tsk.

— Era um covarde! Ao contrário do Davi, esse sim é um cabra bom.

— Tão bom que passou pro lado dos filisteus...

— E você queria que ele fizesse o quê, com Saul e todo seu exército na cola dele? Precisou fugir por um tempo, foi isso.

— Hum, sei...

— E agora que Isbosete empacotou, é hora de Davi ser rei do negócio todo.

— Mas como? O cara nem é da família real.

— Cê não sabe nada mesmo... Pra começar, o Samuel ungiu Davi ainda na época que Saul era rei.

— Taí, dessa eu não sabia.

— Pois é, pois é. Além disso, cê não soube que Davi mandou buscar a tal Mical na casa do cara com quem estava casada? O Abner foi até lá, saiu arrastando a mulher, o marido veio correndo atrás e chorando, uma palhaçada.

— Acho que vi isso numa revista de fofocas... Na sala de espera do dentista, sabe como é.

— Pois então! Agora ele é casado com a filha de Saul, portanto é da família real.

— Pô. Sujeito esperto, esse Davi.

— Tô falando, rapaz, ele vai ser rei. E vai ser logo.

— Sei não, sei não...

— Quer apostar?

— Opa. Se Davi se tornar rei mesmo, te dou dez das minhas ovelhas. Caso contrário, você me dá aquele seu camelo premiado.

— Fechado.

— Olha...

— Não tem erro, rapaz, tô te dizendo! Nunca foi tão fácil tirar dez ovelhas de alguém.

— Humpf.

DAVI REINA SOBRE TODO O ISRAEL

(II Samuel 5:1-16)

Com a morte do rei, as autoridades israelitas precisavam providenciar logo um substituto. A tarefa, que seria das mais ingratas fossem outras as circunstâncias, era então bem leve: os líderes já haviam concordado com Abner que Davi era a melhor alternativa; a morte de Isbosete apenas acelerara o processo. Então os líderes foram até Hebrom, fizeram aquela rasgação de seda com Davi — dizendo que mesmo na época de Saul ele já se mostrava um líder nato, e que Javé o escolhera e todo esse blablablá — e terminaram convidando-o para ocupar o trono unificado de Israel. Davi, que não queria outra coisa, aceitou de bom grado, e ali mesmo foi aclamado rei de todo o Israel. Sete anos e meio depois de ter subido ao trono de Judá, Davi, aos 37 anos, finalmente unificava a nação da qual seria rei por mais 33 anos. Nada mal para quem começara como mero pastor de ovelhas.

Agora que era rei, Davi precisava estabelecer sua capital. Hebrom, embora fosse cidade importante, era demasiadamente identificada com o reino de Judá. Se continuasse a dirigir o país a partir de lá, Davi corria o sério risco de não ter sua autoridade reconhecida pelas tribos do norte, o que poderia levar Israel de volta à cisão. Gibeá, capital de Saul, estava muito ligada ao nome do antigo rei. Maanaim, na Transjordânia, de onde reinara o desastrado Isbosete, fora uma escolha baseada mais na distância segura que havia entre a cidade e os filisteus do que em qualquer importância que a cidade tivesse. Enfim: Davi precisava de uma capital, e nenhuma cidade de Israel parecia adequada. Até que, durante uma passada de olhos pelo mapa do país, o pontinho representando uma cidade pareceu saltar aos olhos do rei. Era perfeita: ficava exatamente na fronteira entre Israel e Judá, o que faria dela um bom símbolo da união definitiva entre os dois reinos. Era uma cidade fortificada, tendo um trecho murado no alto de um monte, o que a tornava segura para a moradia do rei. E, finalmente, estava ocupada por estrangeiros — os jebuseus — e sua tomada seria uma vitória nacional. Davi bateu na testa: como não pensara nisso antes? A cidade era perfeita, perfeita! Que cidade era essa? Oras, vocês sabem. Vejam no mapa:

Sim, sim! Jerusalém — cujo nome hebraico, *Ir-shalom*, significa *cidade de paz* — já então era cenário de guerras.

Feliz com sua idéia brilhante, Davi tratou logo de juntar seus homens e partir para perto a fronteira entre Benjamim e Judá. Lá eles sitiaram a cidade, esperando que os jebuseus se entregassem. Nesse intento, Davi se aproximou da muralha e gritou:

— Jebu! Ô, jebu!

— Jebu teu rabo! Mais respeito, ô ruiva!

— Ruiva é um cacete! Eu sou é rei de Israel, tão me ouvindo?

— Rei de Israel, pffff... O que cê quer aqui, *majestade*?

— Bom, eu preciso de uma capital. Escolhi Jerusalém.

— Ah! Escolheu, foi? E me diga, como é que *vossa ruiveminência* pretende entrar aqui? Metendo o pé na porta?

— Se for preciso...

— *Nhenhenhenhé*... Pois venha, *vossa baitolescência*, venha! Não vamos nem perder tempo com você: só os cegos e os aleijados aqui de Jerusalém já bastam pra botar vocês pra correr de volta para Hebrom.

— É o que veremos...

Davi voltou ao acampamento e combinou o ataque com seus comandantes. Deram contra a cidade com força, e logo a tomaram, para espanto dos jebuseus. O rei e seus homens entraram em Sião, a tal fortaleza alta, que passou a se chamar Cidade de Davi.

Embora vitorioso, Davi não se esquecera da provocação feita pelos jebuseus, e disse a seus homens:

— Eu odeio essa raça, os jebuseus! Não diziam que para nos derrotar bastavam os cegos e os aleijados? Pois sim! Onde estarão os safados? Eu tenho um palpite: subam pelo canal de água que entra na cidade, aposto que os filhos-da-puta estão escondidos lá.

Os soldados israelitas assim fizeram, terminando assim a tomada fulminante de Jerusalém.

Já estabelecido em sua capital, Davi firmava-se no trono. Como se isso não fosse suficiente, Hirão, rei de Tiro — mais importante cidade da Fenícia — mandou de presente ao novo rei de Israel toras de cedro, carpinteiros e pedreiros, para que lhe construíssem um palácio. O primeiro palácio da monarquia israelita digno desse nome foi construído em Sião. Além dele, Davi ordenou que se construíssem mais muralhas, reforçando assim a segurança de sua cidade.

Em paz e segurança, morando num palácio construído com o melhor cedro do Líbano, Davi encontrou tempo para entregar-se a seu esporte favorito. Arrumou mais algumas mulheres, e em Jerusalém lhe nasceram mais filhos: Samua, Sobabe, Natã, Salomão, Ibar, Elisua, Nefegue, Jafia, Elisama, Eliada e Elifelete.

Epa, alguém falou em Salomão? Sim, sim. Mas foi só uma lista. Salomão ainda demora para surgir na nossa história. Antes, entre outras coisas, Davi devia explicações aos seus protetores filisteus.

A parte alta de Jerusalém era chamada Sião por causa do nome do monte que a abrigava. A palavra hebraica significava *um sinal*. Mais tarde, os israelitas passaram a se referir a toda a Jerusalém pelo nome de Sião. Já no exílio, quando diziam *Sião* estavam se referindo a todo o Israel. A idéia de Sião como símbolo maior de Israel ficou tão incutida na mente do povo que o movimento que reivindicava o reestabelecimento de uma nação israelita na Palestina (objetivo alcançado em 1948, com a criação do Estado de Israel) chamava-se *Sionismo*. Outra curiosidade: na trilogia de *Matrix*, Zion (nome inglês de Sião) é a cidade dos humanos, a "casa" para a qual todos querem voltar. A reverência que os personagens do filme demonstram ao falarem de Zion reflete a mesma atitude dos judeus em relação a Jerusalém.

DAVI DERROTA OS FILISTEUS

(*II Samuel 5:17-25*)

Enquanto era rei apenas em Judá, Davi contava com o total beneplácito dos filisteus — afinal, ele era homem de confiança de Aquis, rei de Gate. No entanto, quando viram sua marionete criar vida própria e subir ao trono israelita, os filisteus não entenderam nada. E quando Davi tomou Jerusalém, os vizinhos resolveram que era hora de botar o pastorzinho ruivo em seu devido lugar. Então sitiaram Jerusalém, acampando no vale de Refaim (*dos gigantes*), que fica entre Jerusalém e Belém. Quando soube do sítio, Davi botou a todos de guarda e chamou seu sacerdote:

— Abiatar! Ô, ABIATAR!

— Já sei, já sei: você quer o cachecol das pedrinhas, né?

— Cachecol? Pedrinhas? Mas que porra de sacerdote é você, Abiatar? É assim que você chama a estola sacerdotal, o Urim e o Tumim? Que vergonha!

— Mas... Mas...

— Mas é um cacete! Vai logo, preciso fazer uma consulta a Javé.

— Tá na mão.

— Beleza. Pergunta aí se eu devo ir e atacar os filisteus.

— Hmmmm... Peraí... Pronto. Javé diz que sim.

— Maravilha!

Então Davi juntou seus homens e foi atacar seus antigos protetores em Baal-Perazim, onde os venceu. O nome Baal-Perazim, aliás, vem de *baal* (*senhor*) e do verbo *peraz*, que quer dizer *abrir uma brecha*. Recebeu esse nome estranho (*senhor abridor de brechas*) porque Davi, espantado com a facilidade com que derrotara os filisteus naquele lugar, só pôde atribuí-la a interferência divina, dizendo que Javé abrira uma brecha entre seus inimigos, como uma enchente que sai derrubando tudo. Muito poético, o Davi, como sempre.

A batalha de Baal-Perazim, no entanto, não definiu a situação: os filisteus eram muitos, e voltaram a cercar a Cidade de Davi assim que se recuperaram da primeira derrota. Então o rei quis consultar a vontade de Javé mais uma vez. Perguntou se deveria atacar os filisteus mais uma vez e a resposta foi "não". O rei já ia começar a resmungar, decepcionado, quando ouviu uma voz em sua cabeça:

— *Não vai atacar os caras assim, feito um doido. Você não tem chance.*

— Epa, quem tá falando comigo?

— *Sou eu, Davi. Javé, o Senhor dos Exércitos.*

— PUTA QUE PARIU! Esse negócio de ser rei de Israel deixa a gente doido de verdade! Primeiro foi o Saul, agora eu estou ficando maluco também.

— *MALUCO O CACETE! EU SOU É DEUS, TÁ ME OUVINDO? DEUS!*

— Sei, sei... Mas então, o que é que o senhor propõe?

— *Não ataque de frente. Dê a volta, vá até as amoreiras e ataque por trás deles, de surpresa.*

— Hum... Até que você é bem esperta, voz na minha cabeça.

— *EU SOU É D...*

— Tá, tá, tô sabendo. Então o negócio é esse? Atacar os caras por trás?

— *É. E com uma mãozinha minha, é claro. Mas não ataque logo: fique ali atrás das amoreiras, prestando atenção. Quando ouvir o som de passos por cima das árvores, ataque, porque eu já terei ido na sua frente.*

— Peraí, peraí... Deus vai atacar os filisteus? Pessoalmente?

— *Isso aí.*

— Por quê?

— *Estou cansado de não fazer nada. Tchau.*

Davi não levou muito a sério essa segunda parte, claro. Interferência divina nos assuntos dos homens era algo que só acontecia nas histórias contadas para as crianças. De qualquer forma, a idéia de atacar os filisteus por trás, aproveitando a penumbra do bosque de amoreiras, era bem interessante.

De madrugada, Davi convocou seus homens para a batalha. Saíram em silêncio pelos portões de Jerusalém, marcharam em arco até o bosque das amoreiras e ficaram lá, de tocaia, esperando a ordem de Davi para o ataque. O rei só esperava o momento certo, mas levou um susto quando ouviu distintamente o som de passos *sobre a copa das árvores*. Era incrível, era impossível. Mas estava acontecendo e, olhando para seus soldados, ele viu em seus rostos o mesmo espanto que sentia. Que Davi se lembrasse, a

história mais recente de Deus agindo para ajudar os homens era aquela do poço que ele cavara para matar a sede de Sansão, e isso acontecera já fazia alguns séculos. Então Javé viera mesmo lutar ao lado de seu povo, depois de tanto tempo de ausência? Animado pela ajuda inesperada, Davi deu a ordem de ataque, e o exército israelita marchou contra os filisteus. Os inimigos foram derrotados, e expulsos de volta para suas terras costeiras. Nunca mais eles viriam a ocupar o interior de Israel.

Com essa vitória rápida, Davi firmava-se de vez no trono. A expulsão dos filisteus das tribos do sul, esperada havia tantos anos, dava ao rei inquestionável autoridade.

DAVI LEVA A ARCA PARA JERUSALÉM

(II Samuel 6)

A tomada de Jerusalém e a subseqüente vitória sobre os filisteus bastaram para dar a Davi toda a autoridade política de que precisava. No entanto, ser israelita não consistia apenas em nascer em Israel: o mais importante, na verdade, era seguir a lei mosaica, a religião que era o grande fator de união para o povo. Davi sabia disso, então teve a idéia de centralizar a religiosidade israelita em Jerusalém. Com isso em mente, convocou trinta mil de seus melhores soldados e partiu para a cidade de Baalim, em Judá.

Baalim era uma cidade também conhecida pelo nome de Quiriate-Jearim. Naquela cidade, no alto de um morro, ficava a casa de um tal Abinadabe. Naquela casa, desde antes do reinado de Saul, repousava o mais sagrado dos objetos da religião de Israel: a Arca do Acordo, dentro da qual estavam guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos, a vara de Arão e uma porção do maná com o qual Javé alimentara o povo no deserto durante o Êxodo. O velho baú estava esquecido na casa de Abinadabe: desde que Saul massacrara quase todo o clã sacerdotal, a religião perdera sua força. A idéia de Davi era trazer um reavivamento espiritual, e com isso unir todo o povo em torno de sua liderança. Para isso, precisaria de toda a pompa que conseguisse, daí essa comitiva de trinta mil homens: era necessário impressionar o povo com a grandiosidade do evento.

Chegando a Baalim, Davi entrou na casa de Abinadabe e pediu para ver a Arca. Como a maior parte do povo, ele nunca havia visto o objeto sagrado, e ficou estupefato: o baú era todo revestido de ouro, e trazia na tampa dois querubins de ouro maciço, um de frente para o outro. Era uma bela obra de ourivesaria, não havia dúvida. Empolgado por perceber que aquilo causaria impressão maior ainda ao povo, ordenou que se preparasse um carro de bois para levar a Arca até Jerusalém. Uzá e Aiô, filhos de Abinadabe, guiavam o carro. Em volta dele, iam Davi e todo o povo.

A parada seguia em direção a Jerusalém, e recebia novos participantes a todo momento. Logo surgiram os instrumentos musicais: harpas, liras, tambores, pandeiros, címbalos. Todos cantavam e dançavam, comemorando a ida de Deus para a capital. No meio do caminho, porém, um incidente desagradável ameaçou jogar areia sobre a alegria do povo: quando o cortejo passava pelas terras de um certo Nacom, um dos bois, cansado, tropeçou. O carro oscilou e a Arca ameaçou cair. Num gesto reflexo, Uzá estendeu a mão para ampará-la. Imediatamente, *BZZZZZZZZZZZZ, PUF!*, era uma vez Uzá, fulminado pela ira divina.

Davi ficou furioso: planejara a festa com todo o cuidado, preocupara-se com os mínimos detalhes, e agora Javé vinha estragar tudo. O rei fechou a cara, chamou o lugar de Perez-Uzá (*castigo de Uzá*), e decidiu que o cortejo seria interrompido. A princípio, era excelente a idéia de levar a Arca para Jerusalém e centralizar ali o culto a Javé. Por outro lado, não interessava muito ao rei ter por perto um objeto que podia causar morte ao simples toque. Então providenciou a remessa da Arca para o povoado mais próximo, onde foi entregue aos cuidados de um certo Obede-Edom.

Lá em cima, Javé bateu na testa e disse *"Putz! Malditos anjos!"*. Pegou o elevador e desceu até o Setor de Monitoramento de Segurança:

— QUE PORRA VOCÊS FIZERAM, SEUS SONGOMONGOS?

— Er... Bem... Veja bem, Senhor. O alarme da Arca tocou, então adotamos o procedimento padrão.

— PROCEDIMENTO PADRÃO? QUE PORRA DE PROCEDIMENTO PADRÃO?

— Ué. Tocou a Arca, morre.

— QUEM FOI O IMBECIL QUE DISSE ISSO?

— Er... O Senhor mesmo, Javé.

— EU???

— É...

— Hum. Mas, porra, cês têm que ter mais jogo de cintura. Não podem fazer tudo de acordo com o manual e pronto. Olhem lá embaixo: não temos Tabernáculo, não temos sumo-sacerdote, não temos porra nenhuma! Minha popularidade já era, e o Davi estava quebrando um galhão com esse negócio de levar a Arca lá pra cidade dele. E AÍ ME VÊM VOCÊS E FODEM TUDO!

— ...

— Bah, agora já era. Como estão as coisas?

— O Davi entregou a Arca a um tal Obede-Edom.

— Sei, sei... Vamos ter que dar uma mãozinha para arrumar essa merda toda.

— Como, Senhor?

— NÃO INTERESSA! Deixem que eu cuido disso. Façam aí seu trabalho, e tomem cuidado para não cagar mais nada.

— S-sim Senhor...

— E NÃO ADIANTA IMITAR O MOISÉS PRA TENTAR ME AGRADAR!

— ...

— HUMPF!

Javé abanou a cabeça: não devia ser assim, caramba. Mas precisava arrumar a bagunça causada pela morte de Uzá, então passou a ajudar Obede-Edom. Logo suas colheitas passaram a ser fartas, seus animais começaram a se reproduzir em ritmo nunca visto, suas oliveiras e videiras começaram a render o melhor azeite e o melhor vinho. Obede-Edom enriquecia, e o povo logo somou dois mais dois e concluiu que tamanha prosperidade só podia ser explicada pela presença do objeto sagrado em sua casa.

Não tardou para que os fofoqueiros levassem a novidade até Davi. O rei mandou que homens de sua confiança fossem averiguar a situação, e eles confirmaram: depois da chegada da Arca, a vida de Obede-Edom e sua família melhorara de uma tal forma que só mesmo alguma interferência sobrenatural poderia explicar. Pensando que, com isso, Javé mostrava que estava pronto a ceder um pouco, Davi retomou seu projeto: organizou uma comitiva maior e mais vistosa que a primeira, e foi até a casa de Obede-Edom para trazer a Arca.

Não estavam muito longe de Jerusalém, mas o cortejo demorou muito para chegar, porque a toda hora o rei parava tudo para matar animais e oferecê-los em sacrifício a Javé. Sabem como é: por via das dúvidas, convinha bajular um pouco para evitar novas manifestações de cólera. E então Davi protagonizou uma das cenas mais estapafúrdias da Bíblia: depois de tanto suar matando e queimando bois e carneiros, Davi não agüentava mais suas roupas, e improvisou uma tanga com a estola sacerdotal. Abiatar que não deve ter gostado nada de ver o paramento (que o rei insistia em chamar de *cachecol das pedrinhas*) usado como cueca. Não ia discutir, porém, e Davi seguiu seu caminho usando sua fralda de lã, linho puro, fios de ouro e pedras preciosas.

Quando finalmente entrou em Jerusalém, Davi ficou tão empolgado que tomou a frente do desfile e começou a dançar freneticamente: jogava as pernas para lá, jogava as pernas para cá, descia até o chão, botava a mão no joelho e dava uma abaixadinha, fazia carinha de quem tá gostando demais, enfim, a coisa mais linda dentro daquela tanga improvisada. De uma das janelas do palácio real, Mical assistia à cena. Vendo o papel desempenhado pelo marido, sentiu por ele um profundo desprezo.

Alheio à presença furtiva da esposa, Davi continuou dançando por todo o caminho até o Tabernáculo, que tinha mandado reformar e armar para abrigar a Arca. Lá chegando, ofereceu mais sacrifícios e deu a cada pessoa que acompanhava o desfile um pão, um pedaço de carne assada e um bolo de passas. Todo mundo voltou pra casa feliz e alimentado, e o rei deu por cumprida sua missão.

Ao chegar ao palácio, porém, percebeu que havia algo errado logo que viu Mical à porta. A mulher estava com os braços cruzados, o nariz empinado e o pé batendo nervosamente no chão. Os olhos faiscavam. O rei tentou desarmá-la:

— Oi, minha rainha linda...

— Não vem com papo furado, Davi.

— Hein?

— Pensa que eu não vi a presepada? Que feio, hein, seu Davi? Dançando na rua quase pelado, a mulherada toda vendo! Sem-vergonhice...

— Ah, Mical, não enche! Cê tá pensando o quê? Que por ser filha de Saul pode mandar em mim? Pois eu tô cagando pro seu sangue azul! Deus me escolheu antes mesmo que seu pai fosse rei, tá sabendo? Seu pai morreu, eu ocupei o trono, e agora sou o rei, você aceitando ou não. Então se eu quiser dançar para Javé, eu danço. E me humilho muito mais que isso, se for necessário. Você pode pensar que eu não sou nada e, quer saber? Eu não ligo! A *mulherada* a que você se referiu vai me dar muito valor, pode deixar.

— Ai, Davi, também não é pra tanto. Vem aqui com a Mical, vem...

— Sai daqui! Vai pro seu quarto, me deixa em paz.

A partir de então Mical foi desprezada por Davi, e nunca teve filhos. O rei não se preocupava com isso, porém: com a Arca em Jerusalém, pensava no próximo passo que daria para fortalecer novamente a religião israelita.

Promessas de Deus a Davi

(*II Samuel 7*)

Com a Arca de volta a Jerusalém, Davi pensava em seu próximo ato de governo. Sabia que nesse começo era crucial ter visibilidade, para assim obter bons índices de popularidade. Pensou numa guerra, mas seria precipitado: com a expulsão dos filisteus, Israel não sofria mais nenhuma ameaça dos países fronteiriços. Pelo contrário: as relações com os vizinhos havia muito não eram tão harmoniosas. O negócio, então, era pensar em grandes eventos, como fora o cortejo da Arca até a capital, ou em grandes obras, como a do palácio. Pensando nisso, Davi falou ao profeta Natã, espécie de consultor espiritual independente:

— Natã, eu tava aqui pensando... Não é justo que eu more nesse bruto palácio, todo de cedro, enquanto a a Arca do Acordo fica lá naquela barraca.

Compreendendo que o rei se referia à construção de um templo, Natã entusiasmou-se. Ser monoteísta já fazia de Israel uma nação muito estranha, e ter uma tenda como lugar de adoração, tanto tempo depois do nomadismo, só aumentava essa estranheza. Então foi com alegria que respondeu:

— Ah, majestade! Faça o que quiser, Javé está do seu lado.

Era isso mesmo o que Davi queria ouvir, portanto ficou muito feliz com a resposta do profeta. Só havia um detalhe: Natã expressara aprovação sem consulta prévia a quem tinha autoridade para autorizar ou não. Então a surpresa de Natã nem foi tão grande quando chegou em casa, acendeu a luz, e se deparou com Javé sentado em sua poltrona predileta.

— QUE PORRA FOI AQUELA QUE VOCÊ FEZ, NATÃ?

— Hum. Porra? Que porra?

— NÃO SE FAÇA DE BESTA, SUA BESTA! QUEM DISSE QUE EU QUERO QUE DAVI ME CONSTRUA UM TEMPLO?

— Bom. Er... Olha, eu só pensei que seria uma boa idéia e tal...

— E EU TE PAGO PRA PENSAR?

— ...

— Humpf. Agora cê vai voltar lá e desmentir essa baboseira. Vai dizer ao Davi que eu estou há muito tempo viajando e morando numa tenda, e que isso me agrada. Nunca

morei em nenhum templo, nem pedi a Moisés, Josué, Samuel ou qualquer outro desses caras que construísse um. Gosto de morar em barraca. É mais fresco, dá pra fumar meu baseado sem dar bandeira, enfim, é muito legal. Templo, bah!

— Mas, Javé... O rei vai ficar chateado com isso.

— Hum. É, isso é. Pô, mas você também não vai chegar pro cara dizendo "Olha, Javé falou pra você não construir templo nenhum".

— Ué. Não?

— NÃO, PORRA! Tem que ser com tato. Pra começar, relembre a ele que eu o tirei lá do meio das ovelhas, das cabras, do cheiro de bosta, e o fiz rei de Israel, o que não é pouca merda. Estive sempre a seu lado e dei a ele vitória sobre os inimigos.

— Lá isso é...

— Pois então! Com isso você já dá uma amaciada no cara. Aí começa a parte das promessas. Saco, odeio fazer promessas... Bom, diz lá pra ele que eu o farei muito famoso, tanto quanto os maiores líderes do mundo, e também que Israel viverá em paz daqui por diante. Que ele terá muitos descendentes, que um filho dele será rei depois que ele morrer, e que esse filho, sim, vai construir um templo. Assim ele sossega o rabo com esse negócio de construção.

— Legal, legal... Qual dos filhos, hein?

— Ah, sei lá! É um pior do que o outro, tenho que escolher um ainda. Acho que vou ter que decidir num bingo, não sei. Seja como for, diz pra ele que esse futuro rei será como um filho para mim, e que toda sua descendência será de reis.

— É só?

— SÓ??? NÃO FOSSE A SUA CAGADA DE FALAR PRA ELE CONSTRUIR TEMPLO, EU NÃO PRECISARIA PROMETER TANTA COISA!

— ...

— VAI EMBORA!

— Mas... Mas...

— O QUÊ?

— É minha casa...

— Hum. Ah, é. Então EU VOU EMBORA! TCHAU!

— Eu te acompanho até a... Vixe, sumiu.

Depois dessa conversa um tanto tensa, Natã nem parou para pensar: só deu meia-volta e retornou ao palácio, onde deu a Davi o recado de Javé.

O rei, porém, era um tanto cético, o que fica bem claro quando vemos como ele tratava a estola sacerdotal, ou na falta de cuidado que tivera na primeira tentativa de transportar a Arca. Sendo assim, ficou muito feliz, mas achou que seria bom confirmar tantas promessas. Então foi até a tenda para falar com Javé. Postou-se atrás do véu que ocultava a Arca e fez sua prece:

— Ó, Deus de Israel, como o senhor é bom! Puxa vida, eu nem mereço tudo o que o senhor tem feito por mim, e ainda sou surpreendido com promessas de bênçãos maiores ainda para o futuro. Ah, é muito para mim, Javé! Não há ninguém como o senhor, agora eu percebo, e nenhuma nação como Israel, libertada para ser seu povo. Tirou o povo do Egito e o trouxe até aqui, varrendo do mapa os seus inimigos. Eu fico sem palavras, Javé, sem palavras! Que negócio impressionante!

Até aí, nada de mais: Davi apenas praticava a antiga arte oriental da bajulação. Mas isso era apenas uma introdução para o verdadeiro golpe:

— É por saber que o senhor é tão bom, tão maravilhoso, tão supimpa, que eu lhe peço que confirme suas promessas. Natã me falou tudo aquilo e eu fiquei besta, Javé, besta! "Como é possível?", eu pensava. Ah, Javé, cumpra tudo o que o senhor prometeu que vai acontecer comigo e com minha família. Garanto que com isso o senhor vai ficar famoso que só o capeta... Er... Só uma força de expressão, viu? O senhor vai ficar muito famoso depois dessa. As pessoas vão dizer: "O Deus de Israel? Pô, aquele lá é Todo-Poderoso!". Já pensou, hein? Meus descendentes sempre no trono, e o povo aqui e em todo canto só com "Todo-Poderoso" pra cá, "Todo-Poderoso" pra lá... Vai ser uma beleza, Javé, você vai ver! Digo, o SENHOR vai ver! E para isso, basta que o senhor cumpra sua promessa. Uma bobagem, o senhor <u>sempre</u> cumpre suas promessas, eu sei. É por isso que eu lhe peço que abençoe meus descendentes, e que minha dinastia dure para sempre em Israel. Opa, foi isso mesmo que o senhor prometeu, né? E vai cumprir, não é mesmo? Claro que vai, o senhor é TODO-PODEROSO! Arre, égua! Amém!

Atrevido demais, o Davi. Com essa oração ele não só cobrava a Javé que cumprisse suas promessas, como ainda tinha a cara-de-pau de fazer ele mesmo promessas a Deus, no mais puro estilo "uma mão lava a outra".

AS GUERRAS DE DAVI

(*II Samuel 8*)

Depois de aplicar um golpe de mestre em Javé, fazendo-o confirmar suas promessas grandiloqüentes e vazias, Davi voltou para o palácio e começou a jogar paciência. Depois de duas horas não agüentava mais, então foi andar um pouco no terraço, atividade que normalmente o acalmava. Não adiantou muito, porém, e o rei resolveu-deitar-se. Depois de contar os ladrilhos do teto e de jogar uma bolinha de borracha inúmeras vezes contra a parede, cansou-se enfim: precisava fazer alguma coisa, e logo. Problema: o palácio já estava pronto, Israel não tinha grande necessidade de obras de infraestrutura (Saul cuidara muito bem disso), e Davi estava proibido de construir um templo para Javé. Que fazer, que fazer? Guerra, é claro. Mas guerra contra quem, se nenhum dos vizinhos representava ameaça. Hum... Pensando nisso, o rei passou a mão no telefone e ligou para seu homem de confiança.

— Joabe?

— Porra, quem é?

— Eu. Davi.

— Epa. Desculpe, majestade. Eu não sabia...

— Tá, tá. Venha aqui imediatamente. Precisamos traçar umas estratégias.

— Estou indo.

Cinco minutos depois Joabe chegava ao palácio. Foi recebido por um empolgadíssimo Davi:

— Rapaz, rapaz! Precisamos invadir a Filistia e Moabe.

— Peraí. Por quê? Eles não nos fizeram nada!

— Eles... ELES TÊM ARMAS DE DESTRUIÇÃO EM MASSA!

— Armas de destruição em massa mil anos antes de Cristo? Você quer que eu acredite nisso?

— E você quer que eu acredite que você sabe exatamente quando Cristo vai nascer, ô paspalho?

— ...

— Pô, é claro que eles não têm porra nenhuma. Mas precisamos justificar a guerra para a população. O povo israelita jamais aceitaria a guerra se soubesse de seu reais motivos.

— Que são...?

— Um, precisamos expandir esse nosso reinozinho sem-vergonha; e dois, eu tô entediado. Precisa mais?

— Hum. Guerra é sempre bom.

— Esse é o Joabe que eu conheço! Vamos começar nossos planos, então?

— Vamos.

Os dois passaram a noite toda debruçados sobre mapas e documentos. Na manhã seguinte, tinham todo um plano traçado.

Não demoraram a executar o plano: pouco tempo depois Davi guerreou contra os filisteus e os derrotou novamente, tirando Metegue-Amá de suas mãos. Depois invadiu Moabe, terra de seus antepassados, e derrotou o povo de lá. Não contente com isso, resolveu expor os moabitas a uma humilhação final: fez com que se deitassem no chão, enfileirados, e mediu a fila com um barbante. Feito isso, matou todos os homens até a medida de dois terços do barbante, escravizando os restantes. Uma forma original de genocídio, sem dúvida. Cumpria-se assim um trecho da última profecia de Balaão:

Vejo que virá um rei
de Israel feito um astro
como um cometa deixa o rastro
ele cumprirá a lei
eu lhes digo o que sei:
derrotará os moabitas
que como moças aflitas
fugirão para as cavernas
com o rabo entre as pernas
vão morar com as cabritas.

A vitória sobre os filisteus e os moabitas, dois grandes inimigos históricos de Israel, devia bastar para conter a sanha de Davi. Não foi o que ocorreu, no entanto: sabendo que Hadadezer, rei de Zobá, pretendia estabelecer seu domínio sobre as terras próximas ao rio Eufrates, Davi reuniu suas tropas para combatê-lo. Saldo da batalha: mil e seiscentos soldados da cavalaria e vinte mil de infantaria feitos prisioneiros. Além disso, num

arroubo de crueldade inexplicável, Davi separou os cem melhores cavalos de Hadadezer, aleijando todos os outros. Pobres animais.

Quando a notícia da derrota de Hadadezer chegou à Síria, tropas vieram de Damasco para apoiar o aliado. Davi nem tomou conhecimento do poderio sírio: matou vinte e dois mil soldados e botou guarnições do exército israelita na Síria. Os sírios passaram, então, a pagar impostos ao trono de Israel.

Tendo confirmado definitivamente a vitória sobre Hadadezer, Davi precisava apenas pegar seu espólio. E que espólio: os oficiais inimigos usavam escudos de ouro, que o rei levou para Jerusalém. Levou também uma grande quantidade de bronze das cidades de Betá e Berotai, antes governadas pelo rei de Zobá.

Com essas vitórias, a fama de Davi espalhava-se, chegando aos lugares mais distantes. O rei Toi, da cidade de Hamate, por exemplo, ficou sabendo que Davi derrotara o exército de Hadadezer, e enviou Jorão, seu filho, com presentes de ouro, prata e bronze para o rei. Isso porque Hadadezer e Toi haviam lutado muito, e o rei de Hamate vivia preocupado com o poderio de seu colega de Zobá. Davi juntou esses presentes a todos os objetos preciosos que tomara em suas campanhas, e ofertou tudo ao serviço do Tabernáculo.

Ainda não era suficiente: a fama de Davi tornou-se maior ainda depois de derrotar os edomitas no Vale do Sal, matando dezoito mil deles e enviando guarnições militares a Edom. Enquanto guerreava, Davi não se esquecia do povo: durante todo o seu reinado os israelitas foram tratados com igualdade e justiça, o que garantia a paz doméstica necessária a um reino em expansão.

Com tamanho sucesso em suas aventuras fronteiriças, Davi sentiu a necessidade de oficializar seu conselho, até então exercido informalmente por seus amigos e colaboradores mais próximos. Então Joabe foi confirmado no comando do exército. Josafá, filho de Ailude, foi feito cronista e conselheiro do rei. Zadoque, filho de Aitube, e Aimeleque, filho do velho Abiatar eram os sacerdotes. Um tal Seraías era o escrivão, enquanto Benaías era o chefe dos queratitas e peletitas, soldados estrangeiros pagos para fazerem a guarda pessoal do rei. Além desses, os filhos de Davi já em idade adulta também faziam parte de seu conselho, como ministros. Nada mal para um reino que começara improvisado.

DAVI HONRA O FILHO DE JÔNATAS

(II Samuel 9)

De volta da espetacular seqüência de batalhas e vitórias, Davi procurava algo para se ocupar. Procurou, procurou, e acabou que caiu-lhe uma idéia na cabeça. Chamou Joabe e perguntou:

— Rapaz, será que ainda há alguém vivo da família de Saul?

— Bom. Tem a Mical, sua esposa.

— Aquela megera não conta, porra. Será que há mais alguém?

— Pode ser que haja, majestade. Mas não se preocupe! Se eu encontrar, degolo o feladaputa.

— Sossega o facho, Joabe. Na verdade eu queria fazer algo de bom pela família de Saul, em honra do meu amigo Jônatas.

— Amigo. Sei.

— O que você resmungou aí?

— Eu disse "ainda não sei".

— Hum.

— Mas vou descobrir, majestade. Xacomigo.

Joabe saiu e voltou no dia seguinte com a notícia: havia um ex-servo de Saul ainda vivo, um tal Ziba. O rei mandou que o servo fosse trazido à sua presença:

— Então você é o Ziba?

— Sim senhor.

— Aquele que gosta de levar um macho em riba?

— Er... Se lhe apetece, senhor.

— Pô, Ziba, relaxa. Foi só uma piadinha, não precisa concordar.

— Se assim o senhor quer.

— Ai, meu saco... Ziba, eu queria saber se ainda existe alguém da família de Saul...

— NÃO...

— ... para que eu possa honrar essa pessoa e lhe dar tudo do bom e do melhor.

— ... HÁ DÚVIDA!

— Hein?

— NÃO HÁ DÚVIDA!

— Eu acho que você ia falar não, antes que eu falasse de honrar o sujeito e coisa e tal...

— Hum. De fato eu ia, majestade. Mas compreenda: Isbosete morreu, Abner morreu. Alguma doença abate a todos que tinham algum tipo de relação com Saul.

— VOCÊ ESTÁ INSINUANDO ALGUMA COISA, ZIBA?

— Não. NÃO! Mas o senhor sabe como é. O povo fala. Os boatos correm. Dizem por aí que o senhor...

— Sei bem o que dizem por aí: que eu ordenei as mortes de Abner e Isbosete. POIS NÃO HÁ NADA MAIS ABSURDO!

— Claro que não.

— CLARO QUE NÃO!

— Se bem que foi uma mão na roda, né?

— O quê?

— Os dois terem morrido?

— Olha aqui, não tô com tempo para ficar ouvindo insinuações da ralé. Eu quero saber é se existe ou não alguém da família de Saul.

— Existe, majestade, já disse. O Vírgula-e-Vírgula.

— QUEM???

— Ah, é o apelido do rapaz. Veja o senhor: quem manca de uma perna é chamado Ponto-e-Vírgula. Ele manca das duas, então o povo acabou apelidando o pobre de Vírgula-e-Vírgula.

— Ai ai ai... O NOME dele, Ziba.

— Ah. Mefibosete. Está em Lo-Debar, morando na casa de um tal Maquir.

— Mefibosete, hein? Filho do finado Isbosete?

— Não. Do finado Jônatas.

— FILHO DO JÔNATAS? PUTA QUE PARIU, E FIQUEI ESSE TEMPO TODO SEM SABER DA EXISTÊNCIA DO FILHO DO JÔNATAS?

— Eu compreendo sua comoção, majestade. Sabe como é, o povo diz por aí que o senhor e o Jônatas... Bom, o senhor sabe.

— Ziba, você é mais fofoqueiro que funcionária pública aposentada.

— Obrigado, majestade.

— Ai meu saco. Bom, vá a Lo-Debar e me traga o Vírg... o MEFIBOSETE imediatamente.

— Às ordens.

No dia seguinte, Ziba apareceu em Jerusalém trazendo Mefibosete. De fato, o rapaz era aleijado dos dois pés. Era assim devido a um infeliz acidente: ao receber a notícia da morte de Saul e de Jônatas, sua ama o pegara e saíra correndo para salvar a vida do menino. Só que, na pressa, deixou-o cair.

Ao ver o rapaz chegando, arrastando os pés com dificuldade e exibindo no rosto inequívoca semelhança com Jônatas, Davi teve que se esforçar para conter as lágrimas. Quando chegou perto do trono, ele ajoelhou-se e encostou o rosto no chão em sinal de respeito.

— Mefibosete!

— Sim, senhor.

— Ah, como você se parece com seu pai! Bom, da cintura pra cima pelo menos.

— Sei como é, senhor. O povo diz que o senhor conhecia meu pai muito bem da cintura pra baixo...

— Estou fazendo piada com seus pés aleijados, mocinho.

— Ah, isso. Hum. Desculpe.

— Tudo bem, tudo bem. Filho do Jônatas, nem acredito! Como anda a vida?

— Anda feito eu: se arrastando.

— Pois isso vai mudar, Mefibosete, vai mudar! Todas as terras que pertenciam ao seu avô serão suas agora.

— Puxa! Nem sei como agradecer, majestade.

— Tem nada que agradecer.

— Mas eu sou um pobre cachorro morto! Como é que o senhor pode ser tão bondoso comigo?

— Você é filho do único amigo que eu já tive. Precisa mais que isso? E tem mais. Cadê o Ziba? ZIBA!

— Aqui, majestade.

— Ah. Ziba, é o seguinte: estou entregando a Mefibosete todas as propriedades do velho Saul.

— TODAS? Mas o rapaz vai ser o homem mais rico de Israel!

— A intenção é essa, oras.

— O senhor é muito bondoso, majestade.

— Eu sei. Quanto a você, vai cultivar as terras de Mefibosete, junto com seus filhos e seus empregados.

— Mas eu só tenho vinte empregados, majestade!

— E quinze filhos. Dá e sobra. E eu vou pagar bem, não me encha o saco.

— Tá. E Mefibosete vai morar em qual das propriedades?

— Em nenhuma. Ele vai morar aqui em Jerusalém, e comer sempre à minha mesa. Bom, isso se ele quiser. Quer, Mefibosete?

— Seria uma honra, majestade.

— Oras, pare de me chamar de majestade.

— Mas chamo de quê?

— De pai, por exemplo.

— Puxa...

— Tá, tá. Sem choradeira. Tudo decidido, agora vamos cada um cuidar de sua vida.

Assim o filho de Jônatas passou a privar da convivência diária do rei, além de ser feito um dos homens mais ricos de todo o Israel. Davi o tratava como um filho, e a Mica, filho pequeno de Mefibosete, como um neto precoce.

Ah, que coisa bonita, que coisa linda! Como é bonito o amor entre as pessoas! Davi se viu cercado de toda aquela beleza, de todos aqueles sentimentos nobres, e sentiu em seu peito com toda a força o poder do tédio. Uma guerrinha ia bem.

BATALHAS CONTRA OS AMONITAS E OS SÍRIOS

(II Samuel 10)

Mais guerra? Sim, mais guerra. Mas dessa vez Davi não teve culpa. Juro! Querem ver?

Naás, rei de Amom, morreu e foi sucedido por seu filho Hanum. Tratava-se de uma nação amiga de Israel, então Davi resolveu enviar mensageiros até lá, levando palavras de conforto e amizade do rei de Israel para o rei de Amom. Estão vendo? Tudo na maior civilidade, nem parece aquele Davi que conhecemos.

Acontece que, quando os mensageiros chegaram à cidade de Rabá, os conselheiros do Hanum começaram a buzinar em suas reais orelhas:

— Mensageiros em missão de paz? Duvido muito...

— O senhor não conhece esse Davi, majestade? O negócio dele é sangue. Expandiu muito o reino dele nos últimos anos, e agora está interessado em Amom também.

— Mensageiros nada! São espiões, vieram aqui para observar tudo para que Davi comece a preparar um plano de ataque.

— Abre o olho, majestade!

Hanum ficou um pouco inseguro com as palavras dos homens que eram pagos para aconselhá-lo. Talvez precisasse mesmo mostrar a Davi que sabia de seus planos sujos. Não era, porém, um homem belicoso, pelo contrário: era um rei bem humorado, sempre rindo e tirando sarro de todo mundo. Então recebeu os mensageiros de Davi, mas antes de despedi-los condenou-os a um castigo dos mais bizarros: mandou que lhes rapassem metade da barba, e lhes cortassem as roupas até a altura da bunda.

Quando soube disso, Davi enviou outros mensageiros para buscarem os primeiros, que estavam muito envergonhados, sem coragem de viajar daquele jeito. A ordem era deixá-los em Jericó até que lhes crescessem as barbas novamente. Os israelitas foram de Amom até Israel com metade da cara lisa e puxando as roupas para baixo para esconder

a buzanfa. Nem é preciso dizer que foram motivo de chacota por todo o caminho, que as crianças corriam atrás deles rindo, que os homens do campo atiravam-lhes pedras, e até os companheiros que os escoltavam tiravam uma casquinha de quando em quando:

Não demora muito agoraaaa
toda de bundinha de foooraaa...

Uma beleza. Quando chegaram a Israel, estavam emputecidos, é claro. O que Hanum fizera era muita humilhação.

Hanum sabia que tinha mexido num vespeiro. Davi não era homem de aceitar desaforo, muito pelo contrário. Então o rei de Amom contratou vinte mil mercenários sírios em Bete-Reobe e Zobá, mais mil em Maaca e doze mil em Tobe. Um exército dos mais respeitáveis. Quando Davi soube, não perdeu tempo: enviou Joabe e seus homens contra o exército de aluguel de Hanum.

Ao chegar ao campo de batalha, Joabe deparou-se com o seguinte cenário: os amonitas haviam se postado na entrada da cidade de Robá, enquanto os mercenários sírios tomavam posição em campo aberto. Joabe podia ser cruel e inconseqüente, mas em tempo de guerra não havia ninguém melhor: logo viu que daquela forma seu exército seria facilmente cercado. Então escolheu seus melhores soldados e os formou em linha contra os sírios, deixando que o restante de seus homens combatessem os amonitas sob o comando de Abisai, seu irmão.

— Abisai, é a melhor saída. Nossos pelotões ficarão de costas um para o outro. Se você vir que eu estou apanhando dos sírios, venha me ajudar. Se eu vir que você tem dificuldades contra os amonitas, vou te ajudar. Tudo bem?

— Como assim "tudo bem"? OLHA O TAMANHO DO EXÉRCITO DOS CARAS!

— É, é, eu sei. Mas estamos nessa, agora é tarde pra voltar atrás. Seja o que Deus quiser.

Os temores de Abisai não eram justificados: depois de pouco tempo de luta, os sírios fugiram de Joabe. Vendo que sua retaguarda não mais existia, os amonitas também acharam mais sábio correrem de Abisai para dentro da cidade. Espantados com a facilidade da batalha, os dois irmãos juntaram seus homens e voltaram a Jerusalém.

A confusão iniciada pela brincadeira de Hanum não se encerraria por aí, porém: os sírios reuniram suas forças, e receberam o apoio do rei Hadadezer, que mandou chamar outros sírios que estavam a leste do Eufrates. Assim reforçado, o exército sírio marchou até a cidade de Helã sob o comando de Sobaque, general de Hadadezer. Quando soube disso,

Davi achou que era hora de meter a mão na massa. Então reuniu seu exército e marchou com ele, atravessando o Jordão na direção de Helã.

Dessa vez a resistência síria foi mais cruenta, mas não o bastante para conter o ímpeto de Davi, que já estava havia algum tempo doidinho por uma carnificina. Resultado: setecentos homens de carros e quarenta mil cavaleiros sírios mortos pelo exército israelita; entre eles o comandante Sobaque.

Os reis sírios, todos subordinados a Hadadezer, acharam por bem fazer um acordo de paz com Davi, permitindo que Israel se imiscuísse mais ainda em seu território. Ajudar os amonitas fora um mau negócio, e eles não pretendiam voltar a fazê-lo.

Davi ainda faria muitas guerras. Nada do que fez no campo de batalha, no entanto, se comparou à crueldade com que tratou um só homem. Mas isso fica para depois...

DAVI E BATE-SEBA

(II Samuel 11)

Ah, a primavera! Uma época tão linda! Flores desabrocham, aves preparam seus ninhos, a temperatura é amena, *love is in the air*. O que fazer em época tão linda? Guerra, é claro! Chegou a primavera e Davi mandou seu exército contra Amom. Joabe e seus homens derrotaram os amonitas e cercaram a cidade de Rabá. Como tudo corria bem, Davi achou melhor dar umas férias a si mesmo e permaneceu em Jerusalém.

Agora imaginem Davi, guerreiro desde a adolescência, confinado na cidade e sabendo que seu exército derramava sangue longe dali: o rei sentia-se entediado às vezes. Num desses dias maçantes ele saiu para andar pelo terraço do palácio depois da sesta. Andava com as mãos entrelaçadas nas costas, e contemplava a cidade que construíra para si. Olhou os detalhes do palácio, a fortaleza das muralhas, a mulher pelada tomando banho, a silhueta das torres de vigia, a...

— Epa! MULHER PELADA TOMANDO BANHO!?

O rei olhou de novo e lá estava ela: alheia a todo o resto, entregava-se ao prazer da água morna e das ervas aromáticas. Sentia-se segura: não era possível que alguém a visse ali, banhando-se no telhado de sua casa. Bom, mas o rei a via, babava por ela, e tratou logo de descobrir quem era a beldade nua. Logo lhe trouxeram a informação: era Bate-Seba, filha de Eliã e casada com um heteu chamado Urias, oficial do exército israelita.

— Hum. — murmurou o rei — Acho que vou comer uma coisinha diferente hoje...

Seus servos entenderam o recado e foram logo buscar a mulher. Bate-Seba não ofereceu muita resistência: o marido estava na guerra há tempo demais, ela se sentia só. Acabara de concluir o ritual mensal de purificação após a menstruação. Além do mais, era o rei quem a chamava! Como declinar? Não tinha jeito! Então ela acompanhou os servos até o palácio — cuidando antes de botar seu melhor vestido e perfumar-se — e lá passou a noite com Davi. O rei ficou feliz da vida: então era assim? Bastava apontar uma mulher e seus servos a trariam sem resistência? Escolher mulher como quem escolhe kiwi na feira? Que beleza, que beleza!

Nem tanto, porém: no mês seguinte Bate-Seba não precisou cumprir seus rituais de purificação, nem no subseqüente. Chegou à conclusão óbvia — estava grávida e, como o marido estava em campanha havia meses, o pai só podia mesmo ser o rei de Israel. A mulher não sabia o que fazer. Confiava, porém, na sabedoria do rei, e mandou um recado a ele falando sobre sua situação.

Aí a porca torceria o rabo, fossem os porcos permitidos em Israel. Davi ficou desnorteado. Grávida, e com o marido fora de casa por tanto tempo, Bate-Seba certamente seria condenada à morte por adultério. Por outro lado, ele não podia assumir o filho: um rei que se aproveita da ausência de um guerreiro para traçar sua mulher não seria figura muito respeitada (estamos falando de Israel, não se esqueçam, não do Brasil, onde a canalhice é louvada e estimulada). O rei pensou, pensou, e achou ter chegado à melhor solução possível. Pegou um pergaminho e rabiscou uma mensagem para Joabe:

> Joabe,
>
> Mande Urias, o heteu, aqui para Jerusalém. Tenho que falar com ele.
>
> D.

Joabe estranhou o pedido do rei. Mas era leal como um cão e não fazia perguntas: chamou Urias, falou da mensagem do rei e o mandou para a capital.

O pobre heteu passou todo o tempo de viagem pensando no que levara o rei a chamá-lo assim, tão fora de propósito. Recapitulava seus atos nesta e noutras campanhas, tentava lembrar-se de alguma falta que pudesse ter cometido. Era homem corretíssimo, porém, e não conseguia se lembrar de nada porque nada havia. Isso o martirizava mais ainda: o que poderia querer com ele o rei? Chegando a Jerusalém, foi surpreendido por um simpático Davi:

— Urias, como vai você, rapaz?

— Er... Bem, majestade. Bem.

— Mas deixe desse negócio de majestade, que bobagem! Me diz, como é que tá o negócio lá com os amonitas?

— Tudo sob controle, majestade. Demos uma surra nos amonitas, e agora estamos sitiando a cidade de Rabá. O general Joabe diz que eles não têm como resistir por muito tempo, porque o fornecimento de víveres foi...

— Maravilha, maravilha! Muito obrigado por ter vindo tão rápido, Urias. Agora vá para casa descansar um pouco, reveja sua mulher, passe a noite com ela. Pode voltar para Rabá amanhã.

— O-obrigado, majestade.

— Eu é que agradeço, Urias!

O heteu saiu do palácio, e Davi sentiu o peso sair de cima de seus ombros. Bastava que Urias fosse para casa aquela noite. Estava em guerra havia meses, cercado por homens o tempo todo, sentindo saudade de casa, onde uma mulher linda o esperava. A natureza seguiria seu curso, os dois teriam uma noite animada, e quando a criança nascesse ninguém teria porque desconfiar de adultério: lembrar-se-iam do dia em que Urias viera a Jerusalém a pedido do rei, e estaria tudo certo.

Feliz com sua idéia engenhosa, Davi subiu para o terraço para tomar um pouco de ar e contemplar novamente suas obras grandiosas. Estava nisso, congratulando-se e rindo sozinho, quando um de seus servos de confiança apareceu no terraço:

— Majestade, o heteu não foi pra casa.

— Como não foi?!

— Não foi, ué. Tá dormindo nas portas do palácio, junto com os guardas.

— Ah, só me faltava essa! O cara pegou gosto nesse negócio de dormir com barbado. Amanhã logo cedo eu quero ter uma palavrinha com esse Urias.

— Sim senhor.

Estava arruinado o flanar pelo terraço. O que aquele heteu pensava da vida? Então tinha um dia inteiro de folga e resolvia usufruí-lo de que forma? Dormindo com os guardas! Mas isso seria esclarecido no dia seguinte, quando Urias recebeu o recado do rei, lavou o rosto e subiu para a sala do trono. O rei se apresentou menos simpático dessa vez:

— Urias, qualé a sua? Você é descendente de sodomita, por acaso?

— Impossível, majestade. As relações que os sodomitas mantinham eram daquele tipo que não gera filhos, se é que o senhor me entende...

— Oras, não se faça de burro! Eu tô perguntando se você é bicha!

— Bicha? Claro que não, majestade, longe de mim! Sou casado com uma mulher linda, carinhosa.

— POIS É! E, tendo um dia de folga depois de tanto tempo na guerra, aproveitou para ir dormir com ela, quentinho? Não! Foi dormir com os guardas no portão! Por que, Urias, por quê?

— Majestade... Os homens de Israel estão longe, na frente de batalha. A Arca do Acordo está lá numa tenda, e Joabe e os outros comandantes dormem ao relento. Como é que eu ia ter coragem de ir pra minha casa, comer, beber, deitar com minha mulher? Não seria certo, majestade! Eu nunca poderia fazer algo assim.

— Eu sei, Urias. Você é um homem muito correto.

— Obrigado, majestade.

— Tão correto, mas TÃO CORRETO que chega a ser CHATO PRA CARALHO.

— Sinto muito, majestade.

— Saco... Olha, você vai ficar por aqui hoje. Amanhã eu o mando de volta para Rabá.

— Como quiser, meu senhor.

— E vai jantar comigo hoje.

— Muito me honra.

— Tá, tá!

Durante o jantar, Davi não deixou que o copo de Urias ficasse vazio nem por um momento. O rei pensava que, bêbado, o soldado perderia um pouco daquela pose certinha, e perceberia enfim que tinha um belo de um pé-de-rabo esperando por ele em casa. Resolveria sua vida, a da mulher e a do rei. Mas qual o quê! Mesmo cheio de álcool nos cornos, o corno do heteu foi dormir novamente com os guardas. Davi desistiu: dera ao chifrudo duas oportunidades. Ele não quisera aproveitá-las; paciência. Na manhã seguinte, mandou chamar Urias pela última vez.

— Urias, pode voltar para Rabá.

— Ah, que beleza, majestade! Estou ansioso por isso!

— Ansioso pelo cheiro de cueca, né, safadão? Humpf. Bom, volte para lá imediatamente, e leve esta mensagem a Joabe.

— Sim senhor.

Urias despediu-se, e tomou o caminho de volta para Rabá. Ia feliz: partilhara da mesa do rei, e este lhe confiava uma mensagem para seu general. Além do mais, sua majestade demonstrara real preocupação com ele, instando para que descansasse em sua própria casa. Sim, o heteu estava muito feliz. Homem impoluto que era, em momento algum pensara em dar uma espiada na carta que levava enrolada nas mãos, presa por um barbante e com o selo real. Caso o fizesse, daria um jeito de desviar seu caminho e nunca mais aparecer em Rabá nem em Israel. Porque a mensagem de Davi para Joabe era breve e clara:

> Joabe,
>
> Urias deve ser posicionado bem na linha de frente, onde a luta estiver mais cruenta. Quando ele estiver no lugar certo, retire-se com seus homens e deixe que ele seja morto.
>
> D.

Ah, que bela atitude! Digna de um rei, não há dúvida! Até o carniceiro Joabe engoliu em seco ao ler a ordem. Deveria, pois, mandar um de seus homens para a morte, sem razão aparente? Era demais até para seus parcos escrúpulos morais. Mas havia a lealdade ao rei: se Davi ordenara, que se fizesse. Então o general observou bem a cidade, e enviou Urias para um lugar onde sabia que o exército inimigo era mais forte. As tropas inimigas saíram da cidade para enfrentar o exército de Joabe. Sua lealdade parava por aí: Joabe era um guerreiro e um comandante, não ia retirar-se só para satisfazer um capricho de seu rei. Então fez frente ao ataque, e alguns de seus oficiais foram mortos na desnecessária batalha. Entre os mortos estava Urias, conforme o planejado.

Com sua abjeta missão cumprida, Joabe mandou um mensageiro a Davi para que contasse sobre o resultado da batalha. Deu instruções precisas:

— Rapaz, o rei provavelmente vai ficar bravo com essa história. Mas se ele perguntar porque chegamos tão perto da cidade, e disser dos perigos que corríamos e coisa e tal, não se preocupe. Ele provavelmente vai lembrar a velha história de Abimeleque, que foi morto por uma mulher que atirou uma pedra de moinho de cima dos muros da cidade enquanto ele a sitiava. O rei adora essa história, sempre nos fala dela para dizer que não devemos chegar muito perto da muralha. Enfim: se ele perguntar por que chegamos tão perto da muralha, você apenas diz que o oficial Urias foi morto.

O mensageiro acatou as ordens e correu para Jerusalém. Não quis, no entanto, correr o risco de provocar a ira do rei, então contou a história assim:

— Majestade, os inimigos eram mais fortes e saíram da cidade para lutar em campo aberto. Nosso exército até conseguiu forçá-los a voltar para cidade, mas aí chegamos muito perto da muralha e eles começaram a atirar flechas lá de cima. Alguns dos oficiais foram mortos, inclusive o heteu Urias.

O rei conteve um risinho de vitória:

— Hum. Olha, anime o Joabe, ele deve ter ficado abatido com isso. Diga a ele que não fique preocupado, que numa batalha a gente nunca sabe quem vai morrer. Nunca sabe... Mas diga ao general que ele está fazendo um excelente trabalho, e que continue atacando com força até conquistar a cidade.

— Sim, majestade.

O mensageiro voltou para Rabá, mas antes deu a notícia a Bate-Seba. A viúva chorou lágrimas sinceras pelo marido que, afinal de contas, amava. Quando passou o período de luto, Davi mandou chamá-la e a incorporou a seu harém. Meses depois nascia o menino.

Tudo ficaria bem, fosse Israel uma monarquia absoluta. Não era: acima do rei pairava a única autoridade inconteste sobre os filhos de Abraão. O que Davi fizera a Urias ultrapassava todos os limites da vilania, mesmo dentro dos parâmetros de Javé. E ele não tardaria a demonstrar que não gostara nada daquela covardia.

DAVI LEVA UMA BRONCA

(II Samuel 12:1-15)

Ao enviar Urias para a morte e assim desposar a viúva, Davi excedera qualquer limite. Javé não gostou nada daquilo, e ordenou que o profeta Natã fosse dar uma bronca no rei. "Dar uma bronca no rei!", preocupava-se Natã, "Falar é fácil. Por que não vai lá ele mesmo? Como é que eu vou dar essa bronca sem deixar o homem puto?". Foi pensando nisso por todo o caminho, e ao chegar ao palácio havia decidido abordar o assunto de forma suave, contando uma parábola. Então, quando o rei enfim o recebeu, começou a contar sua história:

— Dois homens moravam na mesma cidade...

— Qual cidade?

— Hein?

— Você disse que dois homens moravam na mesma cidade. Qual?

— Oras, não vem ao caso! Sei lá! Belém, vá.

— Belém? Olha, então eu devo conhecer os dois. Como se chamavam?

— É só uma história, majestade!

— Ah! Não é de verdade, então?

— Não!

— Bom, bom. Continue, adoro histórias.

— Então. Um dos homens era muito pobre, o outro era milionário. O rico tinha muitos bois, jumentos, ovelhas, camelos. O pobre, coitadinho, tinha só uma ovelha. Era apegado ao bichinho: a ovelha comia de sua comida, bebia em seu copo, dormia em seu colo.

— Ih. Esse cara aí com a tal ovelha, sei não...

— Pô, majestade, não fode. A ovelha era como uma filha para ele.

— Filha? Sei.

— NÃO IMPORTA! O negócio é que o milionário lá recebeu a visita de um amigo tão rico e importante quanto ele. E sabe o que ele fez?

— O quê? O quê?

— Com tantos animais à disposição em sua propriedade, resolveu, por puro capricho, matar a ovelha do vizinho pobre para servir ao visitante.

— COMO É QUE É??? O cara tinha gado à vontade, mas preferiu matar o bichinho de estimação do outro, que não tinha mais nada na vida?

— Isso mesmo.

— ESSE SUJEITO É UM FILHO-DA-PUTA! Deve dar quatro ovelhas para o vizinho e depois ser executado. Não consigo imaginar outro castigo para ato tão cruel.

— Pois esse sujeito é o senhor, majestade.

— COMO??? Não sei do que você está falando.

— Não sabe? Urias? Bate-Seba?

— Er... Quem?

— JAVÉ SABE TUDO, DAVI! Ele mandou dizer que o fez rei de todo o Israel, que o salvou de Saul e entregou o reino em suas mãos. Tudo isso ele lhe deu, e daria tudo duplicado. Então por que é que você foi cometer um crime tão vil?

— C-Crime...?

— VOCÊ ORDENOU A MORTE DE URIAS, PARA PODER FICAR COM A MULHER DELE!

— Eeeeeeeeeeeeeeeu?

— JAVÉ SABE TUDO! Como punição por seus atos, ele diz que sua descendência terá uma história violenta. Além disso, uma pessoa de sua própria família causará sua desgraça. Suas esposas vão se entregar a outro homem, e ele vai traçar todas no meio da rua, à luz do dia, para que todo o Israel saiba que o rei é um chifrudo.

— Tá certo, tá certo... Eu errei.

A confissão do rei fora mais fácil do que Natã esperava. O profeta não resistiu à tentação de dar uma boa notícia:

— Ah, não fica assim! Javé perdoou seu pecado, não vai matá-lo nem nada assim.

— Que bom.

— É, é. Muito bom. Só tem uma coisinha...

— O quê?

— Sabe o menino, filho de Bate-Seba?

— Claro! Aquele menino é a alegria da minha vida!

— Er... Então. O menino... — bem devagar, Natã ia andando de costas na direção da porta enquanto falava — O menino vai pagar por essa.

— Como?

— Deus vai matar o seu filho, Davi.

O rei ficou sem acreditar por um instante: primeiro Javé o repreendia por matar um homem inocente, e agora punia por isso alguém mais inocente ainda, um bebê? Não podia ser verdade. Quis confirmar com Natã, mas o profeta já dera no pé.

A MORTE DO FILHO DE DAVI E BATE-SEBA

(II Samuel 12:16-31)

No último capítulo, vimos que Javé, em sua infinita misericórdia e absoluta justiça, determinara que o filho de Davi pagaria pelo crime de seu pai. Não demorou a agir; assim que o profeta saiu do palácio, chegou ao rei a notícia: a criança estava gravemente enferma. Mas Davi, já estamos cansados de saber, não era muito de abaixar a cabeça para as ordens de cima: era orgulhoso, atrevido, e não aceitaria quietamente esse castigo estúpido. Então afrontou a Javé, pedindo pela vida do filho, e ficou em jejum. Isolou-se em seus aposentos e passou a noite toda deitado no chão. Os empregados do palácio queriam fazê-lo levantar-se e comer alguma coisa, mas ele estava firme em seu intento. A atitude era provocativa: Javé já determinara que a criança morreria, e Davi ousava discutir, demonstrando a todos que se martirizava para salvar a vida do filho condenado. Assim passou uma semana, deitado no chão duro e sem comer absolutamente nada.

Ao fim de uma semana, o menino morreu e os funcionários do palácio ficaram sem saber o que fazer:

— Se o rei nem nos respondia quando a criança estava doente, como vai ser agora que ela morreu? Ele é capaz de fazer alguma besteira.

Um empurrava para o outro a responsabilidade de dar ao rei a notícia. Não foi preciso: ouvindo os cochichos ao seu redor e vendo as expressões de pesar em todos os rostos, Davi deduziu o óbvio. Olhando vagamente em volta, perguntou:

— A criança morreu?

Com a confirmação de suas suspeitas, o rei surpreendeu a todos: levantou-se, tomou um banho, penteou os cabelos e trocou de roupa. Em seguida foi até a tenda onde estava a Arca Sagrada para prestar um culto a Javé. De volta ao palácio, pediu que lhe servissem comida. Os empregados ficaram sem entender nada:

— Majestade... Enquanto o menino estava vivo o senhor passava o dia chorando e não comia nada. Foi ele morrer, e o senhor está aí, disposto. Que foi isso?

— Ué. É isso mesmo. Enquanto ele estava vivo, eu jejuei e chorei, pensando que talvez Deus pudesse ter pena de mim e salvar a vida do menino. Mas agora que ele está morto, de que adianta chorar? Eu não posso fazê-lo viver de novo. Um dia eu irei para onde ele está, mas ele nunca vai voltar para mim. Entenderam?

Os empregados compreendaram muito bem. Isso explicava, aliás, a ida ao Tabernáculo: Davi o fizera mais para reconhecer a vitória de um adversário do que para adorar a um deus.

Davi perdeu essa batalha com Javé, mas em Amom tudo corria bem: Joabe continuava cercando a capital, Rabá. Quando estava para invadir a cidade, mandou uma mensagem a Davi:

> Majestade,
>
> Rabá está cercada, e eu tenho o controle dos reservatórios de água. Agora o senhor pode vir para cá com seus soldados para tomar a cidade. Eu não quero a fama por essa conquista.
>
> J.

Joabe podia ser um brutamontes, mas também sabia ser político. Cedendo a glória da tomada de Rabá a Davi, crescia aos olhos do rei e tirava o cadáver de Urias do meio do caminho entre eles. O rei, tendo compreendido a mensagem, juntou seus soldados e partiu para Amom, atacando e conquistando Rabá. Feito isso, condenou seus habitantes a uma vida de trabalhos forçados, e tomou como lembrança a coroa do rei de Amom, que era de ouro e pedras preciosas e pesava 34 quilos (a coroa, não o rei. Seria ridículo). Missão cumprida, voltaram todos a Jerusalém.

Na capital, Davi ainda tinha um problema: Bate-Seba, sua favorita, ainda sofria pela morte do filho. Davi consolou-a do único jeito que sabia, e ela engravidou novamente. Nove meses depois nasceu o menino Salomão. Javé, sabendo que Davi ainda guardava rancor por causa do filho morto, resolveu ser diplomático e mandou Natã dizer ao rei que tinha gostado muito do novo garoto. Como prova disso, ordenou ao profeta que desse ao menino o nome de Jedidias, *amado por Deus* em hebraico.

Davi ignorou a mudança de nome.

AMNON E TAMAR

(II Samuel 13)

A essa altura da história, Davi já era um respeitável senhor com vários filhos adultos. Um desses, dos quais ouviremos falar muito ainda, era Absalão, filho de Davi com Maacá, princesa de Gesur. Absalão tinha uma irmã linda chamada Tamar. Essa filha do rei era um pitéu, e logo caiu nas graças de Amnom. E daí? E daí que Amnom era filho de Davi com sua primeira esposa, Ainoã. O rapaz sofria de amor pela meia-irmã. Bom, amor coisa nenhuma: ele queria era comer logo a moça. Mas não via como; Tamar era virgem e não podia encontrar-se a sós com nenhum homem. Amnom se corroía por dentro.

Andava cabisbaixo, olheiras fundas no rosto pálido, espinha encurvada. E foi nesse estado deplorável que seu primo Jonadabe o encontrou um dia.

— Amnom, que acontece com você, rapaz? Tá um caco! Isso lá é jeito de um príncipe se apresentar por aí? O que acontece? Diga aqui pro primão.

— Ah, Jonadabe, minha vida é uma merda... Estou apaixonado por Tamar.

— Sua irmã?

— Meia-irmã, porra. Ela é irmã de Absalão. E eu a quero mais que tudo na vida, mas não sei o que fazer.

— Ah, então tá explicado. Anda se acabando na punheta, aí fica esse farrapo.

— Pois é...

— Precisamos resolver isso, Amnom.

— Não me diga!

— Não seja cínico, estou aqui pra te ajudar. Hum. Olha, cê podia se fingir de doente.

— Como?

— É, cair de cama se fingindo de doente. Do jeito que você está acabado não vai ser difícil.

— Obrigado...

— Ué, mas é verdade! Nunca te vi assim, tá parecendo um fantasma! Mas então: finja-se de doente. Você é filho do rei, paparicado que só a porra, não é? Então! Quando seu pai vier ver como você está, diga a ele: "Pai, eu queria muito que Tamar, minha irmãzinha, viesse aqui cuidar de mim, preparar minha comida". Ela é sua irmã, oras, seu pai não vai negar um pedido tão inocente.

— E aí...

— E aí, quando ela estiver preparando sua comida você deixa a comida de lado e come a cozinheira.

— A cozinheira? Mas a dona Dita é tão... AH! A cozinheira aí é a Tamar, né?

— Isso, meu asno!

— Mas que beleza de idéia, Jonadabe! Eu jamais pensaria em algo assim.

— Pior é que eu sei disso. E um mané feito você é herdeiro do trono.

— Sou burro mas nasci com sorte. Não tenho culpa.

— Bah.

Empolgado com o plano do primo, Amnom correu para botá-lo em prática. Foi para casa, deitou-se e ficou lá, gemendo baixinho vez em quando, tossindo, reclamando de dores vagas. Logo alguém foi dizer ao rei que seu filho estava doente, e Davi foi visitá-lo.

— Que acontece com você, filho?

— Não sei, pai... É uma... *Cof! Cof!* Uma dor que sobe assim, e faz assim, tipo desse jeito, sabe? E aí me vem um calafrio, uma tremedeira, um formigamento, um calor.

— Eita! Tudo isso junto?

— É, pai. Tô mal.

— Mas você tem que ficar bom logo, Amnom. Sempre foi um rapaz tão forte, que coisa.

— Eu sei, eu sei. Se ao menos tivesse alguém para cuidar de mim...

— Tá brincando, né? Você é príncipe de Israel, rapaz! Se precisar vem gente desde Dã até Berseba para cuidar de você.

— Ah, pai, mas é tudo assim, só porque eu sou príncipe. Queria ser cuidado por alguém que se importe mesmo comigo.

— Quer que eu chame sua mãe, é isso?

— Não, não precisa. Muita canseira pra mãe, tadinha. Hum. E Tamar?

— Não, até que ela tá bem. Ontem mesmo...

— TAMAR, pai! Minha irmã!

— Ah, Tamar! Eu tinha entendido que... Bom, você sabe. Malditos trocadilhos. Tudo bem, vou falar pra Tamar vir aqui cuidar de você.

— Obrigado, pai.

— O que eu não faço para agradar meus filhotes?

Enquanto Amnom comemorava secretamente o bom andamento do plano, Davi mandou buscar Tamar para cuidar dele. A moça chegou, cumprimentou o irmão acamado e foi preparar bolos e pães para ele. Quando levou a comida até a cama, porém, Amnom não

quis comer. Não quis comer bolo, que fique claro: em relação à irmã a fome só aumentava. Ela protestou:

— Mas você precisa comer, Amnom. Está muito fraco.

— Eu sei, eu sei. Mas é que essa gente toda aqui, sei lá. Fico me sentindo constrangido. Você bem podia mandar todo mundo sair, né?

— Tá bom.

Inocente das intenções de Amnom, Tamar pediu a todos que saíssem da casa. Satisfeito, o príncipe pediu que ela lhe levasse a comida até a cama. Quando ela se aproximou, Amnom a agarrou dizendo:

— VEM NI MIM, PRECHECUDA!

Ela, assustada, tentava desvencilhar-se com argumentos:

— Que é isso, Amnom? Não faça isso, por favor!

— Ah, mas faço!

— É loucura, e não é bem visto aqui em Israel, você sabe!

— Sei de nada!

— Você ia ficar desmoralizado, e eu não ia poder aparecer diante dos outros, de vergonha.

— Mimimimimimimi!

— Fale com o rei, Amnom! Tenho certeza que ele me dará a você!

— Mané rei, mané rei! Eu quero é rosetar, minha filha!

Amnom era mais forte, e acabou dominando a irmã. Fez a festa, lambuzou-se. Depois de matar a vontade, porém, olhou para o lado, para aquela mulher miúda e chorosa, e pensou:

— Por que essa criatura não vira uma pizza?

Pegou nojo de Tamar e queria ver-se livre dela. E escolheu o modo mais delicado de fazê-la entender isso:

— Vambora, minha filha. Caminho da roça. Já me servi, agora tenho mais o que fazer.

— Queisso, Amnom? Fazer isso agora é um crime pior ainda.

— Blablablá, foda-se. Cadê meu empregado? Ô, coiso! Tira essa mulher da minha frente, que eu não agüento nem olhar na cara dessa mocréia. Bota ela pra fora e tranca a porta.

O empregado, mesmo sabendo que a moça em questão era filha do rei, obedeceu a ordem. Tamar se viu na rua de madrugada, com seu vestido longo de mangas compridas e muito enfeitado, vestimenta obrigatória para as princesas virgens. Mas ela havia sido deflorada, humilhada, e não se sentia bem com sua bela roupa. Então, em sinal de grande tristeza, jogou cinzas sobre a cabeça, rasgou o vestido e saiu gritando pelas ruas, feito louca, cobrindo o rosto com as mãos.

Absalão dormia em sua casa após uma noite de leve bebedeira. Ouvindo os berros que vinham da rua, pensou "Quem será a puta doida que está gritando a essa hora?", e saiu para ver. Ficou besta ao ver sua irmã de roupas rasgadas e coberta de cinza, vagando por Jerusalém feito assombração.

— Tamar! Que aconteceu, Tamar?

— O... Amnom... Ele... Ele...

— O Amnom? Ele te fez mal? Foi isso, Tamar? Ele te fez mal?

— F-foi...

— Eu sabia! O jeito que ele olhava pra você, só podia mesmo dar nisso. Mas agora já foi, menina. Fique calma. Ele é seu meio-irmão, o caso também não é pra tanto. Deixa isso pra lá.

Tamar mal podia acreditar no que ouvia. Deixar para lá, simples assim? O irmão mais velho só podia estar doido. Não estava: Amnom tinha sangue de Davi correndo nas veias, e não deixaria isso quieto. Mas para que pressa? A princesa desonrada passou a morar, triste e sozinha, na casa do irmão. O rei soube logo do ocorrido, e ficou furioso. Absalão, no entanto, tratou de acalmá-lo. Não era para tanto, muita calma, muita calma...

Dois anos depois, Absalão foi coordenar a tosquia de suas ovelhas em Baal-Hazor. A tosquia era um trabalho para dias, então Absalão resolveu fazer uma festa para passar o tempo de forma mais agradável. Para isso, foi falar com o rei:

— Pai, vou para Baal-Hazor amanhã, para a tosquia das ovelhas, e vou dar uma festa lá. Queria que o senhor e todo o povo aqui do palácio fossem também.

— Ah, filho, melhor não. Daríamos muito trabalho a você, é muita gente.

— Hum. Lá isso é... Mas, pô, deixa pelo menos o Amnom ir.

— Amnom? Por que ele?

— Ué. Ué. Pô. Sabe como é, pai. O Amnom tem a minha idade e tal. A gente se dá bem.

— Vocês nem se falam!

— Mais um motivo! Para que essa briga besta? Quero fazer as pazes com meu irmão.

— Hum. Sei.

— Pô. Deixa ele ir, pai.

— Tá, vai. Vou falar com ele. Mas se ele não quiser ir, não posso fazer nada.

— Claro, claro.

Quando soube do convite, Amnom aceitou-o de pronto. Não tinha razões para desconfiar de nada: durante dois anos havia se encontrado inúmeras vezes com Absalão, e ele tivera várias oportunidades para vingar a honra da irmã. Não fizera nada, decerto a raiva passara. Então Amnom chamou todos os outros filhos do rei, e foram para Baal-Hazor. Absalão recebeu a todos com sincera alegria, e pediu licença para ir trocar umas palavrinhas com seus empregados. A autoconfiança de Amnom iria por água abaixo se pudesse ouvir as tais palavrinhas:

— Seguinte, macacada. Fiquem de olho em Amnom. Quando ele estiver bem encachaçado, acabem com a raça dele. Não, não, sem veadagem. É pra matar mesmo. Ele é filho do rei? Pois eu também sou, e a responsabilidade é minha. Não sejam uns bundões, façam o que eu mandei.

A festa começou, Amnom encheu a lata e os empregados do irmão trataram de cumprir a ordem. Vendo o que acontecera, os outros filhos do rei interpretaram errado: achando que Absalão pretendia tornar-se sucessor de Davi eliminando a concorrência, montaram em suas mulas e fugiram. Antes que eles chegassem a Jerusalém, no entanto, chegou a notícia. E chegou deturpada: disseram a Davi que Absalão havia assassinado todos os seus filhos.

Imaginem o desespero do rei. Imaginaram? Imaginaram nada! Davi rasgou as roupas, se jogou no chão, todo mundo no palácio fez o mesmo. Uma cena lamentável. Mas logo chegou Jonadabe, o esperto, para dar a notícia correta:

— Tio, não mataram seus filhos não.

— Como não? Acabaram de me dizer que Absalão matou os irmãos!

— Matou nada!

— Tem certeza, Jonadabe?

— Pois eu não estava lá? Claro que tenho certeza.

— Ah, que beleza! Que beleza! Ouviram? Meus filhos estão vivos! Eu sabia que Absalão não seria capaz de uma crueldade assim, meu filhinho querido.

— Er... Tio?

— Que foi, Jonadabe?

— Não é bem assim.

— Como não é bem assim? Meus filhos não estão vivos?

— Estão...

— Então?

— ... Menos um.

— HEIN?

— Pois é. Lembra daquela história de Tamar, do que Amnom fez com ela? Pois é...

— Então Absalão matou Amnom? É isso?

— É.

Enquanto eles falavam, uma das sentinelas veio dizer que os príncipes haviam chegado. Traziam a confirmação da notícia dada por Jonadabe: Amnom estava morto. Os filhos do rei vinham tensos, com medo, de repente todos começaram a chorar. Choravam a morte de Amnom, claro, mas também de alívio por terem escapado das mãos de Absalão. Davi não sabia dessa parte, porém, e começou a chorar também pela morte do filho, no que foi acompanhado pelos funcionários do palácio. Por muito tempo ainda Davi lamentaria a morte de Amnom.

Enquanto tudo isso acontecia, Absalão saiu de Baal-Hazor direto para Gesur, onde se abrigou no palácio do rei Talmai, que vinha a ser seu avô materno.

A VOLTA DE ABSALÃO

(II Samuel 14:1-24)

Três anos depois do assassinato de Amnom, o rei Davi já tinha superado a morte de mais esse filho, e agora sofria de saudade de Absalão. O rei, orgulhoso, jamais admitiria isso.

Mas não era preciso: Joabe, conhecendo Davi como ninguém mais, percebeu a que se devia a melancolia do rei, e pensou num plano meio maluco para reconciliá-lo com o filho sem que nenhum dos dois precisasse dar o braço a torcer. Para começar, procurou uma velha amiga em Tecoa, uma mulher muito sábia e dissimulada.

— Preciso da sua ajuda.

— Ah, Jô, você sempre precisa!

— Mas dessa vez o caso é muito sério, e exige disfarce.

— Xi...

— Nada de mais! Você só vai ter que se vestir de luto e ficar uns dias sem pentear os cabelos.

— Ué. Quem morreu?

— Seu filho.

— Você sabe muito bem que eu não tenho filho, Jô.

— Eu sei, eu sei. Essa é a história que você vai contar pro rei.

— Ah, sim. Daí o luto.

— Exato. O negócio tem que ser convincente. Você me ajuda?

— Como sempre.

— Obrigado. Agora vamos ensaiar seu texto, que é pra não sair nada errado.

No dia seguinte, sentado em seu trono, Davi recebia os súditos que haviam solicitado audiência. Estava com um ar distante, mal olhava para os que vinham ter com ele. Pensava em Absalão, filho tão amalucado, e talvez por isso mesmo tão querido. Onde estaria? Enquanto pensava no filho, anunciaram o próximo requerente, e entrou uma mulher toda de preto, descabelada, parecendo muito triste. Percorreu o corredor de cabeça baixa, chegou tímida aos primeiros degraus do trono e lançou-se com o rosto no chão:

— Ajude-me, meu rei!

— Ué. A senhora é baiana?

— Baiana? Não, por quê?

— Me chamou de "meu rei"...

— Epa. Não é o senhor o rei de Israel.

— Ah, foi nesse sentido que você disse... Aí sim. Mas diga o que você quer.

— Eu sou viúva. Meu marido morreu.

— Puxa. Viúva, o marido morreu, quanta desgraça... DEIXE DE OBVIEDADES, VAMOS À QUESTÃO!

— Er... Então. Eu tinha dois filhos. Um dia os dois saíram para trabalhar no campo, se desentenderam, começaram a brigar. Acabou que um matou o outro.

— Vixe.

— Pois é. Pior foi depois: a parentada toda começou a me importunar para que eu entregasse meu filho.

— O assassino?

— O meu filho, majestade. E o que eu poderia fazer? Eles querem apedrejar o menino. Está certo, ele matou o próprio irmão. Mas e eu, como fico? Perco meus dois filhos? Se eles pegam meu menino, acabam-se minhas esperanças e o nome do meu marido se perde. O senhor compreende a situação?

— Claro, não sou burro nem nada. É uma merda de situação, hein?

— Pois é. O senhor me ajuda?

— Sim, sim. Pode voltar para sua casa, que eu tomarei as providências.

— Tomará, né? Sei... Mas se acontecer alguma coisa, eu e minha família levaremos a culpa. O senhor fica inocente na história.

— Está me acusando de omissão...?

— Longe de mim!

— Humpf. Bom, façamos assim, então: se alguém for lhe encher o saco, traga-o aqui. Eu resolvo, pode deixar.

— Resolve, né? O senhor bem que podia pedir a Deus que não permita que nada aconteça...

— Pedir a Deus? O que você quer dizer com isso? Que não é o bastante, é isso? Quer exigir mais do rei, é isso?

— Mas de forma alguma!

— Grunf. Olha, você fique feliz porque hoje eu estou muito bonzinho. Quer garantias, é isso? Pois eu lhe garanto, e juro por Javé, que nada vai acontecer a você ou ao seu filho. Não seria justo. Pode ficar tranqüila. Está bom agora?

— Mas é claro! O senhor só me permite dizer mais uma coisinha?

— Ai meu saco... Fala, vai.

— Por que o senhor fez algo tão errado com o povo de Deus?

— Hã?

— Dizendo o que me disse agora, o rei condenou a si mesmo.

— HEIN?

— Ué! Não foi exatamente isso que aconteceu em sua família, majestade? Um de seus filhos matou o outro, e agora vive desterrado. Quem está morto, está morto, é como a água derramada na terra, nem Deus trás de volta. Mas o rei pode trazer um exilado de volta a Israel.

— Peraí, isso está me cheirando a texto decorado.

— Hum? Como? N-nada disso! Eu só vim aqui porque o povo me ameaçou, já disse. Então eu pensei: "Vou lá falar com o rei, a palavra dele é confiável como a de um anjo de Deus". E agora o senhor prometeu que nada vai acontecer ao meu filho. Então fico muito agradecida, viu? Agora tenho que voltar, estou com a pia atulhada de louça, um monte de roupa pra lavar, o quintal...

— Pára, pára! Cê tá me enrolando.

— ...

— Eu vou te fazer uma pergunta agora, e você vai me responder com sinceridade.

— Pode perguntar, majestade.

— Foi Joabe que enfiou você nisto, não foi?

— Neste vestido?

— NA SITUAÇÃO! NÃO ME ENROLE!

— Ah, na situação... Puxa, o senhor é mesmo feito um anjo de Deus...

— Foi o Joabe ou não foi?

— Foi! Foi! Mas não leve a mal, majestade. Ele só fez isso pensando no senhor, querendo resolver essa situação.

— Hum. Tá bom. Volte para casa. Com o Joabe eu falo depois.

Assim que a mulher saiu — ressabiada por ter sido descoberta tão facilmente — Davi mandou chamar Joabe:

— Mas e então, Joabe? Que presepada foi essa que você me aprontou?

— Ah, majestade! Eu só queria ajudar. Estou com saudade de Absalão...

— Está, é? Hum. Pois bem, vou fazer o que você quer: pode trazê-lo de volta.

Joabe, ainda imbuído do espírito teatral, não resistiu e inclinou-se até o chão.

— Deus o abençoe, majestade! Agora eu sei que o senhor está mesmo satisfeito com meu trabalho. Puxa, chegar ao ponto de atender a um pedido deste seu criado! Sinceramente, eu não esperava!

— Tá, tá. Vai lá e não me torra.

Para Joabe tanto lhe fazia se Absalão ficava em Gesur, se voltava para Israel ou se ia para o inferno. Mas com essa manobra ele fizera o rei trazer o filho de volta sem admitir em momento algum que sentia sua falta. Joabe foi a Gesur muito feliz com o sucesso de sua empreitada. Quando voltou com Absalão, porém, foi surpreendido pela atitude inflexível do rei:

— Trouxe o moleque? Está feliz? Que bom, fico feliz também. Só não me traga aquele mequetrefe aqui. Não quero mais vê-lo.

— M-mas, majestade... O menino veio de Gesur até aqui todo feliz, antecipando o momento do reencontro. O que é que eu digo pra ele?

— E eu lá sei? Você que inventou esse negócio, agora se vira.

Entristecido, Joabe deu a notícia a Absalão. O príncipe, como era de seu feitio, não teve qualquer reação: apenas foi morar em sua própria casa, pretendendo só pisar novamente no palácio quando coroado rei. Davi, conhecendo bem o filho que tinha, talvez não

devesse mostrar-se tão intolerante: Absalão não era de reagir de imediato, mas gostava de cozinhar sua vingança em fogo lento.

ABSALÃO E DAVI SE RECONCILIAM

(II Samuel 14:25-33)

Dois anos se passaram desde que Absalão voltara a Jerusalém, e durante todo esse tempo nem uma só vez ele se encontrou com Davi. Nesse período, a fama de Absalão espalhou-se por Israel principalmente por sua beleza: o príncipe era um galã hollywoodiano. Tinha cabelos de vocalista de banda de rock, os quais cortava uma vez por ano devido ao peso: a cabeleira ultrapassava os dois quilos. Os três filhos — dois meninos e uma menina chamada Tamar, em homenagem à irmã de Absalão — herdaram sua beleza.

Mas beleza não põe mesa, aquela coisa toda. Absalão queria mesmo era fazer as pazes com Davi. Bom, a intenção final não era bem essa, mas era necessário que ele voltasse a falar com o pai. Então mandou buscar Joabe para pedir que o general intercedesse junto ao rei. Joabe não veio. Mandou chamá-lo mais uma vez, e foi ignorado. Então chamou seus empregados:

— Já repararam na plantação de cevada de Joabe?

— Sim, claro. O campo dele fica logo ali.

— Então. Vão lá e toquem fogo na cevada dele. Não, não! Sem medo. Eu estou mandando. Ele vai vir reclamar é comigo, não com vocês.

Os empregados cumpriram a ordem. Não demorou muito para que Joabe aparecesse na casa de Absalão, botando fogo pela venta:

— MAS ABSALÃO, QUE PORRA FOI ESSA? POR QUE VOCÊ TOCOU FOGO NA MINHA PLANTAÇÃO?

— Opa, finalmente você apareceu!

— HEIN?

— Ué! Mandei te chamar duas vezes e você ignorou. Então resolvi mandar uma mensagem mais enfática.

— MAS QUEIMANDO MINHA PLANTAÇÃO?

— Bah, não vamos nos prender a detalhezinhos. Seguinte: eu quero que você vá falar com meu pai. Sei que ele sempre te dá atenção e coisa e tal. Pois diga a ele que eu mandei perguntar por que é que ele me fez voltar de Gesur, se não queria nem ver minha cara? Seria melhor não ter vindo. Pelo menos a família que eu tenho lá me trata bem. Então eu quero saber o que acontece, esclarecer logo esse negócio. Se o rei acha que eu sou culpado de alguma coisa, que mande me matar.

— Sei não, Absalão. Seu pai foi muito claro quando disse que não queria vê-lo. Se eu chegar com um recado assim, é capaz do homem ficar puto, aí cê sabe como é...

— Joabe, você quer ter mais prejuízo do que já teve com o incêndio? Não, né? Então é melhor levar o meu recado.

O general esbugalhou os olhos e ainda mexeu a boca, como se fosse soltar alguma imprecação. Mas acalmou-se, deu meia-volta e foi falar com o rei. No mesmo dia, Davi mandou chamar Absalão. O príncipe chegou ao palácio, deteve-se diante do trono e prostrou-se com o rosto no chão.

— Majestade...

— Que majestade o quê, Absalão! Vem cá, dá um abraço no seu velho.

Os dois se abraçaram, emocionados. Para Davi, era o fim de uma tensão desnecessária entre ele e o filho. Para Absalão, era só o começo do desenrolar de seus planos.

A REVOLTA DE ABSALÃO

(II Samuel 15)

Depois de fazer as pazes com Davi, Absalão se sentiu à vontade para botar seus planos em prática. Para começar, mandou preparar para si um carro com cavalos de raça, e chamou cinqüenta homens para correrem adiante dele. Todo dia de manhã ele acordava e ia assim escoltado para o portão da Jerusalém, onde a estrada terminava. Ali passava o dia inteiro interpelando os israelitas que levavam questões e processos ao rei. A cada um que chegava, Absalão perguntava de onde vinha. Em seguida, jogava sua conversa:

— Veio de longe, hein? Pois é, rapaz... E pior é que você está certo aí nessa questão, certíssimo!, só que não tem ninguém para ouvir seu caso. Nenhum representante, conselheiro, nada. Mas paciência, né? Assim são as coisas. Puxa... Ah, se eu fosse juiz por aqui! Quem tivesse questões assim poderia me procurar, eu tentaria resolver da melhor forma possível. Enfim, deixa pra lá. Não sou juiz, paciência. Entra lá, talvez te ofereçam um cafezinho, pelo menos.

Não contente em plantar tais idéias nos ouvidos do povo, o príncipe adotava também uma postura demagoga: sempre que alguém chegava perto para curvar-se diante dele em sinal de respeito, ele abraçava e beijava a pessoa:

— Que é isso, meu irmão? Somos iguais, pra que é que você vai vir se inclinar na minha frente? Deixa isso lá pro rei, eu sou do povo, sou igual a você.

Agindo assim, Absalão ia conquistando a simpatia dos israelitas. Aos poucos, sem pressa, como era de seu feitio: apenas quatro anos depois de começar essa atividade diária ele começou a segunda parte de seu plano. Foi falar com o rei:

— Pai, vou a Hebrom oferecer sacrifícios a Javé.

— Ué. Virou religioso, Absalão?

— Não é isso. É que quando eu estava em Gesur, fiz uma promessa: se Deus permitisse que eu voltasse a Jerusalém, eu ofereceria sacrifícios a ele em Hebrom.

— Que bonito... Mas tá atrasado, hein? Você voltou faz o quê? Seis anos?

— Pois é, pois é... Tanta coisa para fazer, a gente vai adiando. Agora estou mais sossegado, então queria ir lá cumprir meu voto.

— Então vá em paz, meu filho.

Absalão agradeceu e saiu. Olhando o filho se afastar, tão belo e forte, Davi sentia o orgulho lhe estufar o peito. Não ficaria tão tomado pela corujice, porém, se soubesse o que o rapaz andava tramando. Pois Absalão, assim que chegou a Hebrom, mandou mensageiros a todas as tribos de Israel. A mensagem era simples: instruía o povo a proclamar que Absalão havia se tornado rei em Hebrom assim que ouvisse um determinado toque de trombeta. Era arriscado tentar usurpar o trono dessa maneira, mas Absalão contava com a simpatia que granjeara durante os quatro anos em que ficara bajulando os israelitas às portas de Jerusalém. Mas saíra da cidade acompanhado de duzentos homens. Estes, embora não soubessem nada de seus planos e o acompanhassem de boa-fé, poderiam vir a ser de grande serventia. Além do mais, para ter maior garantia, o filho de Davi achou que seria bom ter um reforço de peso. Mandou então chamar Aitofel, originário da cidade de Gilo e conselheiro de Davi. Absalão explicou a ele seus planos de se tornar rei, pintou um futuro pujante para Israel, prometeu grandes recompensas a quem ficasse a seu lado. Aitofel não precisou de muito mais que isso para bandear-se para o lado dos conspiradores, e assim fortaleceu a revolta contra o rei.

Davi ainda pensava com orgulho no filho que saíra para Hebrom quando um mensageiro veio lhe trazer a bomba:

— Majestade, trago-lhe uma bomba.

— Uma bomba?

— É. Olha que beleza.

— Hum. Pra que serve?

— O senhor bota seu pênis real dentro disso aqui e vai apertando a borrachinha. A propaganda diz que pode aumentar em até sete centímetros.

— SETE?! Mas que beleza de produto!

Er... Com licença?

— *Claro, narrador, sinta-se à vontade.*

Obrigado. Então. Quando eu disse "bomba", era na verdade uma metáfora para "notícia ruim".

— *Ah! Bem que eu estranhei. Bom, vou sair e entrar de novo, tudo bem?*

Manda bala.

— *Vou precisar de uma arma, então.*

NÃO! ARGH! Olha, apenas entre e dê sua notícia, ok? Vai lá.

— Aham... Majestade! Absalão proclamou-se rei!

— Rei? Rei de onde?

— Oras, de onde! De Israel!

— Absalão? Rei de Israel? Bah, deve estar bêbado.

— É mais sério que isso, majestade, lhe garanto. O povo está do lado dele.

— O povo? O povo de Israel? Mas como o povo está do lado dele? Eu sou rei há tantos anos, nunca deixei faltar nada à nação, e é assim que me pagam?

— O senhor não se lembra de Absalão na porta da cidade, conversando com todo mundo que vinha aqui?

— Sim, mas o que que tem?

— Pois é. Foi bajulando, bajulando, convencendo as pessoas que ele seria um rei melhor que o senhor, e aí está.

— Mas que grande filho-da-puta me saiu esse moleque!

— É. E aí? Que fazemos?

— Damos no pé, isso é o que fazemos.

— Eita! E abandonar Jerusalém assim, sem resistência.

— Prestenção: pra começar, você é só um mensageiro. Eu poderia muito bem matá-lo só por ter trazido notícia ruim, quanto mais por ficar me questionando. Além disso, conheço o filho que tenho. Ele é pior do que eu quando tinha aquela idade. Ele não vai descansar enquanto não se sentar neste trono. Não, não: se quisermos escapar, temos que fugir, e agora mesmo. Se Absalão nos pega aqui, mata todo mundo.

O rei não perdeu tempo: mandou chamar todos os funcionários e a soldadesca e picou a mula, deixando no palácio dez de suas concubinas como guardas. Bom, esse papo de guardar o palácio era balela: era mais um presentinho para quem viesse.

Saiu o rei, com todos os seus funcionários em volta dele, e com sua guarda pessoal e os seiscentos homens que o seguiam desde o tempo em que era ele próprio um revoltoso, e pararam todos já perto da muralha. Ali Davi se deu conta da presença de Itai, um giteu comandante de seu exército. Exasperou-se:

— Por que você me acompanha, Itai? É estrangeiro refugiado, mora em Israel há pouco tempo, não tem nada com esse furdunço todo. Volte com seus amigos para Jerusalém, juntem-se ao rei Absalão. Eu saí de lá fugido, não sei para onde vou. Por que faria você ir comigo? Volte para a cidade com a minha bênção.

— O senhor me desculpe, majestade, mas não concordo com isso. Israel é o meu lar. Irei com o senhor aonde for, mesmo que morra por isso.

— Hum. Então tá. Bora.

Era uma cena triste de se ver: enquanto o cortejo passava por Jerusalém, as pessoas choravam nas portas de suas casas, despedindo-se do rei. Agora que já estavam fora da cidade, restava apenas escolher um rumo a seguir. Tanto fazia, estavam fugindo. Só não podiam ir para os lados de Hebrom, ou corriam o risco de encontrar Absalão e seus homens. Então atravessaram o Vale do Cedrom na direção do deserto. No meio do cortejo ia o sacerdote Zadoque e todos os levitas carregando a Arca do Acordo. Ainda no vale, puseram a Arca no chão, e Abiatar ofereceu sacrifícios pedindo a Javé que os

protegesse naquela jornada para sabe-se lá onde. Vendo os sacerdotes e levitas, Davi teve uma súbita inspiração que o animou um pouco. E foi com o brilho dos velhos tempos nos olhos que foi falar com o sacerdote:

— Zadoque, você vai voltar para Jerusalém.

— Mas de maneira nenhuma! Vou com o senhor aonde for.

— Deixa de ser puxa-saco e me escuta, homem! Seguinte: você vai pagar a Arca e voltar para a cidade. Se Javé for mesmo com a minha cara, ele fará com que um dia eu volte a Jerusalém e reveja a Arca. Caso contrário, paciência.

— Mas, majestade...

— Não terminei ainda, cáspita! Você vai voltar para lá juntamente com seu filho Aimaás e Jônatas, filho do Abiatar. Eu vou ficar aí pelo deserto até receber alguma notícia de vocês.

— Ah! O senhor quer que nós sejamos agentes secretos!

— Isso, espertão! Olha, bem que me disseram que você era vidente! Biduzão! Humpf...

Zadoque chamou Abiatar e voltaram com seus filhos para Jerusalém, carregando a Arca nos ombros. Ao ver sumir longe o símbolo maior da religião e da nação de que fazia parte, Davi desanimou novamente. Rasgou suas roupas em desespero e subiu o Monte das Oliveiras chorando de dor. Os que o acompanhavam fizeram o mesmo. No meio do caminho, o rei foi informado da traição de Aitofel, o que só contribuiu para deprimi-lo mais ainda. Apelou:

— Oh, Deus! Faz com que os conselhos de Aitofel confundam a cabeça de Absalão!

Mas não precisou da ajuda divina: quando chegou ao alto do monte, num lugar onde se costumava oferecer sacrifícios, seu fiel amigo Husai, o arquita, foi encontrar-se com ele. Trazia, como todos os outros, as roupas esfarrapadas e a cara inchada de tanto chorar.

— Ô, meu velho.

— Vou com você, Davi.

— Hum... Sabe que você me deu uma idéia? Ir comigo não vai adiantar muito. Preciso de você é em Jerusalém, infernizando a vida de Aitofel.

— Estou ouvindo.

— Vá até o palácio e apresente-se a Absalão dizendo que quer juntar-se a seu grupo. Ele o conhece, sabe que você sempre esteve a meu lado, vai pensar que você pode ser útil a ele. Mas você será útil a mim: sempre que Aitofel der um conselho ao rei, dê um jeito de contrariá-lo. Quero que aquele canalha passe muita vergonha. Além disso, mantenha os ouvidos bem abertos. Os sacerdotes Zadoque e Abiatar estão em Jerusalém, também como agentes meus. Conte a eles tudo que você ouvir no palácio e considerar importante; eles darão um jeito de transmitir a mim.

— Opa, beleza. Pode deixar comigo, Davi.

— Obrigado, amigo.

— Oras, estou aqui pra isso.

Husai despediu-se do rei e dirigiu-se à cidade. Por coincidência, chegou a Jerusalém no mesmo instante em que Absalão chegava.

A FUGA DE DAVI E A CHEGADA DE ABSALÃO A JERUSALÉM

(II Samuel 16)

Tendo enviado Husai de volta a Jerusalém, Davi continuou sua fuga. Depois de passar para o outro lado do Monte das Oliveiras, foi surpreendido pela presença de Ziba, empregado de Mefibosete, neto do finado rei Saul. Ziba trazia dois jumentos carregados de víveres: duzentos pães, cem cachos de passas e outros cem de frutas frescas, um odre de vinho. O rei chegou perto e perguntou:

— Eita, Ziba! O que você vai fazer com tudo isso?

— Enfiar no cu do curioso. Porra! Os jumentos são para você e sua família, a comida e o vinho são para a viagem.

— Puxa, fico até comovido.

— Bah, não enche.

— Cadê o Mefibosete, seu patrão?

— Ah, aquilo é um filho-da-puta traidor! Ficou em Jerusalém, diz que agora o trono será devolvido à família de Saul, quer dizer, a ele mesmo.

— Aleijado filho de uma quenga!

— De uma quenga e daquele veado do Jônatas...

— COMO É? VOCÊ CHAMOU O JÔNATAS DE VEADO?

— Veado? Quem falou em veado? Eu falei foi *finado*.

— Hum. É bom mesmo. Bom, você é grosseiro e desagradável, mas pelo menos é leal. Eu sempre soube. Eu sou assim: olho na cara de um sujeito e já sei se ele tem caráter ou não.

— Sei, sei... Foi o que o senhor fez com Mefibosete, Absalão, esses caras?

— NÃO VEM AO CASO! Deixa eu continuar: tudo o que era de Mefibosete agora é seu.

— Quem disse?

— EU disse! Eu, o rei!

— Ah. Mas o rei agora não é Absalão?

— POR ENQUANTO!

— Se você diz... Bom, vou seguir meu caminho. Até logo.

Fazendo uma mesura irônica, Ziba afastou-se, e Davi continuou seu caminho, acompanhado pela comitiva. Quando chegou à cidade de Baurim, foi interpelado por um certo Simei, filho de um tal Gera, parente de Saul. Simei parou na frente do jumento do rei (vocês entenderam) e começou a berrar:

— FILHO DE UMA QUE-RONCA-E-FUÇA! MORDE-FRONHA! CORNO! FILISTEU! CORINTIANO!

O rei tentava contemporizar:

— Opa, peraí, que que há, também não é assim...

Mas Simei continuava gritando seus impropérios:

— ASSASSINO! MATOU TANTA GENTE DA FAMÍLIA DE SAUL, E AGORA JAVÉ TÁ TE CASTIGANDO, SAFADO! O REINO ESTÁ NA MÃO LÁ DAQUELA BICHA CABELUDA QUE É SEU FILHO, E VOCÊ TÁ NA MERDA! AHA, UHU, DAVI TOMOU NO CU! TODO MUNDO COMIGO!

— Aha, uhu, Davi t...

— Calaboca, Itai. Ô, Simei, acalme-se...

— NÃO TÔ TE OUVINDO! — tapou os ouvidos — LALALALALA-LA!

— Vai deixar, majestade? Vai deixar? IIIIIIIIH, eu não deixava!

— Fica na sua, Abisai.

— Mané o quê! O cara tá te xingando e vai ficar por isso mesmo? Se você der permissão, eu vou lá e corto a cabeça do puto.

— Ah, é? E quem garante que não foi o próprio Javé que mandou esse mequetrefe vir me xingar? Acho que Deus não gosta mais de mim, e deve ter lá suas razões. Além do mais, o meu próprio filho quer me matar; o que esperar de um parente do falecido rei Saul? Deixa o cara gritar, tá no direito dele. Talvez um dia Javé tenha dó de mim e troque essas maldições por bênçãos.

Assim Davi continuou sua jornada, e por um bom tempo foi seguido por Simei, que jogava pedras, terra, e xingava. Davi, que até poucos dias antes fora soberano absoluto sobre todo o Israel, nunca passara por tamanha humilhação. Além do mais, a situação era muito embaraçosa para aqueles que o acompanhavam: o rei perdera seu trono e agora fugia sem rumo, desancado por um zé mané qualquer. Foi, portanto, com cansaço mais moral do que físico que a comitiva chegou ao rio Jordão.

Enquanto isso, Absalão transpunha as portas e entrava em Jerusalém. Husai, o espião enviado por Davi, foi encontrá-lo:

— Salve, majestade! Que beleza de cabelo, hein? E que túnica!

— Ué, ué! Que porra é essa, hein? Que porra é essa? Cadê a fidelidade ao seu amigo? Foi só o bicho pegar que você abandonou o cara?

Husai sentiu nojo ao ouvir Absalão referindo-se assim ao próprio pai, mas conteve-se:

— Mas não tinha outro jeito, majestade! Isto aqui é uma teocracia, é ou não é? Então! Eu fico do lado daquele que Javé escolhe. Eu servi o senhor seu pai durante muitos anos, e agora quero servi-lo. Bom, se o senhor quiser, é claro.

— Ué, ué! Pode ficar, oras. Pode ficar. Só não me atrapalhe.

— Fico muito grato, majestade.

— Tá, tá. Vá puxar o saco de outro. Aitofel! AITOFEL! Cadê esse putão safado?

— Aqui, majestade.

Com a chegada do conselheiro, todos se calaram. Aitofel fora respeitadíssimo durante o reino de Davi, havendo quem dissesse que tinha sobre o rei ascendência maior ainda do

que a de Joabe. Para o rei deposto, as palavras de Aitofel eram como palavras do próprio Deus.

— Aitofel, aqui estamos. Entrei na cidade. Entrei na porra da cidade! Sou o rei! Viva o rei!

— VIVA!

— Mas, venha cá... Eu tenho que mostrar a esse povo quem é que manda, sabe? Não quero ouvir nego cochichando por aí que o outro era melhor e coisa e tal. Entende?

— Entendo, claro. O senhor está meio inseguro, é normal no começo...

— INSEGURO? Quem está inseguro? Eu sou o rei, tá sabendo? EU MANDO NESTA PORRA TODA! Inseguro, humpf. Sou o rei. O REI!

— Sim, sim. Desculpe, majestade, me expressei mal. Enfim, o senhor me pergunta o que fazer para demonstrar sem sombra de dúvida que é o chefe agora. É isso?

— Exatamente.

— Pois é fácil: durma com as concubinas de seu pai.

— Como é que é? Eu peço um conselho e você me manda comer as amantes do velho???

— É, ué. O senhor pode vir morar no palácio, assentar-se no trono, fazer caminhadas pelo terraço, nada disso vai adiantar muito: sempre poderá haver alguém que pense na possibilidade de Davi voltar. Mas se você tiver relações com as concubinas dele, vai ficar bem claro que agora é tudo seu mesmo, sem discussão.

— Hum... Acho que entendi. Comendo as mulheres do meu pai, deixo bem claro que rompi de vez com ele, que não o respeito. É isso?

— Isso, isso!

— Ah, nunca achei que seria tão fácil. Vou lá para o harém agora mesmo começar meu serviço.

— Er... Aceita uma sugestão?

— Usar camisinha? Nem precisa dizer!

— Não, não é isso. Seguinte: o negócio tem que ter impacto, sabe?

— Pô, Aitofel, eu me garanto!

— Eu sei, conheço sua fama, majestade. Mas eu tava pensando era num jeito de tornar isso um grande acontecimento. Peraí, já volto.

O conselheiro saiu e voltou com meia dúzia de servos.

— Ei, que é isso? Não preciso de ajuda não!

— Calma, majestade. Trouxe esses homens para montarem a tenda.

— Tenda? Que tenda?

— A tenda onde o senhor vai passar na cara as concubinas de seu pai.

— E vão armar essa tenda onde?

— No terraço do palácio, que é pra todo mundo ver.

— Aitofel?

— Sim, majestade.

— Você é um tarado, o maior pervertido que já conheci.

— Obrigado.

E foi assim que Aitofel acumulou uma pequena fortuna: vendendo ingressos para quem quisesse ver o novo rei dar demonstrações de seu vigor juvenil. A cada concubina que fodia no sentido literal, Absalão sentia como se estivesse fodendo mais um pouco seu pai no sentido figurado. Coisa triste de se ver, mas poderia ser pior: imaginem se fosse o contrário...

Aitofel filmou tudo e ganhou mais dinheiro ainda com a venda das imagens em lojas especializadas e pela internet. Enfrentou problemas com pirataria mais tarde, mas isso já foge à nossa história.

AITOFEL E HUSAI

(II Samuel 17)

Com o dinheiro que ganhara vendendo as fitas de Absalão comendo as mulheres de Davi, Aitofel era um homem muito feliz. Foi, portanto, muito pimpão que atendeu a um chamado do novo rei:

— Aitofel, estou aqui pensando no que fazer em seguida.

— Hum.

— Hum o quê?

— Nada, majestade, nada!

— Vai vir de novo com aquele papo de insegurança e não sei que mais?

— Mas de forma alguma!

— É bom mesmo. Humpf. Fique sabendo que nunca houve um rei tão seguro quanto eu. Já tenho tudo planejado aqui, sou dono da situação, sabe?

— Sei.

— Como assim, "sei"? Olha, você não é pago para ser sarcástico comigo!

— Sarcástico, eeeeeeu? Longe de mim, majestade!

— Grunf. Mas eu ia dizendo: estou aqui pensando no que fazer. Comi as concubinas do meu pai, mas e daí?

— Olha, acho que o negócio agora é foder o velho.

— DE JEITO NENH...

— Calma, calma. No sentido figurado.

— Ah... Ufa.

— Então. Deixe que eu escolha doze mil homens. Sairei com eles para perseguir Davi ainda esta noite. Ele está fugindo há mais de vinte e quatro horas, deve estar cansado e desmoralizado. O bicho vai se cagar todo, os que estão com ele fugirão. Então eu matarei apenas o rei... digo, ex-rei, e trarei o resto de volta para cá, para que sejam seus súditos. O senhor só quer matar a um homem, os outros podem ser deixados em paz.

Absalão achou bom o conselho de Aitofel, assim como todos os outros conselheiros. Mas ainda estava com a pulga atrás da orelha devido ao episódio das concubinas: nada lhe tirava da cabeça que Aitofel só o aconselhara a fazer aquilo para filmar tudo. Então resolveu que precisava de uma segunda opinião e mandou chamar Husai. Quando ele chegou, expôs-lhe o conselho de Aitofel e perguntou:

— E aí, o que você acha? Sigo o conselho de Aitofel ou você por acaso tem outro?

— Olha, majestade... Quem sou eu para discordar de Aitofel? O homem foi conselheiro de seu pai, sempre muito respeitado, então não vou querer discutir com ele.

— Ué, que porra é essa? Você concorda com ele ou não?

— Bom. Já que o senhor quer mesmo saber, digo que o conselho não é muito bom não.

— Ah, não? E o que você propõe?

— O senhor conhece seu pai. Davi é um homem valente, assim como os homens que estão com ele, e devem estar todos furiosos. Além disso, Davi é um guerreiro experiente, e durante a noite não fica com os soldados. Deve estar entocado nalgum canto. Se formos atacá-los com doze mil homens, como propõe Aitofel, eles vão reagir e talvez tenhamos uma surpresa desagradável. O povo vai começar a falar que o exército de Absalão foi derrotado, os soldados de Israel ficarão com medo de enfrentar Davi, e pronto: está a merda formada. Então o meu conselho é o seguinte: que o senhor reúna por todo o país todos os homens em condições de batalha, e que o senhor mesmo seja o comandante desse exército imenso. Com tanta gente na cola dele, Davi não vai ter onde se esconder: desentocamos ele até do inferno, antes que ele perceba o que está acontecendo. Então matamos o ex-rei e seus homens, não deixando unzinho para contar a história. NEM UNZINHO! Se eles se esconderem numa cidade fortificada, vai ser fácil para nós derrubar os muros com cordas. E AÍ A GENTE MATA GERAL! SANGUE! SANGUE! SANNNNNNNNGUEEEEEEE!

— Calma, Husai, calma. Puxa, não sabia que você odiava o outro tanto assim... Bom, acho o seu conselho melhor. E vocês, o que acham?

Os outros conselheiros e conspiradores concordaram com Absalão, então decidiram fazer conforme Husai aconselhara.

O plano do espião enviado por Davi parecia mais cruel do que o de Aitofel: enquanto este propunha que um exército pequeno caçasse e matasse Davi, aquele queria atacar com força bruta, esmagando um inimigo acuado. A primeira vista, portanto, Husai parecia mesmo ter mudado de time. Mas a chave era *tempo*: se seguisse o conselho de Aitofel, a caçada poderia começar em seguida. Juntar doze mil homens era trabalho de não mais que um dia, e Davi seria atacado no meio de sua fuga, sem chances de reação. Por outro lado, convocar todos os israelitas para a luta era tarefa para muitos dias, o que daria tempo ao ex-rei. E tempo era tudo de que Davi precisava.

Pois muito bem: assim que terminou de receber os cumprimentos por seu plano brilhante, Husai correu para contar aos sacerdotes Zadoque e Abiatar — espiões como ele — o que acontecera no palácio. Contou a história por alto, e entregou a eles um bilhete destinado a Davi:

Majestade,

Não perca tempo aí no meio do deserto. Sei que vai ser cansativo e que muita gente vai chiar, mas faça de tudo para cruzar o Jordão o mais rápido possível. Absalão tá com sangue nos zóio, se liga.

H.

Outro elo da cadeia de espionagem criada por Davi era a dupla Jônatas e Aimaás, filhos de Abiatar e Zadoque. Os dois passavam os dias na fonte de Rogel, a uma distância segura dos muros da cidade para não serem vistos. Vez por outra uma empregada ia até lá como se para buscar água, lhes contava o que andava acontecendo e eles levavam as informações a Davi. Nesse dia não foi diferente: a empregada foi até a fonte e entregou o bilhete de Husai aos rapazes. Mas um moleque futriqueiro que ia passando viu aquilo e correu para contar ao rei. Jônatas e Aimás também o viram, e correram para a casa de um sujeito que também estava a serviço do rei deposto, na cidade de Baurim. Eles se esconderam dentro do poço, que a dona da casa cobriu com um pano e jogou sobre ele cereais socados, de modo que o poço ficou camuflado. Quando a polícia chegou para fazer a averiguação e enquadramento dos dois elementos alta periculosidade, não encontrou nada.

— Ô, madame, cadê os meliantes?

— Atravessaram o rio.

— Puta que pariu!

— Olha, rimou!

— Vá à merda.

A polícia foi embora, e os dois espiões saíram correndo para levar o recado e o bilhete de Husai a Davi. O rei recebeu a mensagem, compreendeu que ganhara tempo e deu a ordem para a travessia. Ao raiar do dia, todos já estavam na banda oriental do rio.

Aitofel recebeu a notícia e percebeu o que significava: as tribos do outro lado do Jordão, sempre isoladas do resto do reino, e por isso sempre dispostas a alguma agitação, certamente apoiariam a Davi. Absalão ainda estava começando a arregimentar homens de Dã até Berseba, seguindo estupidamente o conselho absurdo de Husai. Era demais para o conselheiro: além de ter traído seu antigo senhor, fora desprezado pelo novo, e agora veria a vitória do inimigo sem poder nem dizer "Mas eu avisei". Então Aitofel montou em seu jumento, voltou para casa, botou seus negócios em ordem e enforcou-se.

Quando Absalão finalmente conseguiu juntar seu exército (sob o comando de Amasa, primo de Joabe), Davi e seus homens já haviam chegado a Maanaim, cidade que muitos anos antes abrigara Isbosete, filho de Saul, num outro período conturbado da monarquia israelita. Como já era esperado, as tribos transjordanianas passaram imediatamente para o lado de Davi. Guerra haveria, mas não seria tão fácil quanto Absalão pensava.

A DERROTA DE ABSALÃO

(II Samuel 18)

Sentado numa cadeira entre os portões da cidade Maanaim, Davi pensa na situação em que se encontra e sente-se desgostoso. O reino que ele tanto lutou para unificar está novamente dividido. Pior: tudo por causa de seu filho, aquele moleque irresponsável com quem ele foi tão bondoso. Agora está aqui, do outro lado do Jordão, longe de Jerusalém. Jerusalém, que antes dele era apenas uma cidade grande e sem graça, bem ao gosto dos jebuseus, graças a ele tornou-se uma capital digna dos maiores reinos. E agora a Cidade de Davi é o valhacouto de Absalão e seus cupinchas. É triste, é injusto. Longe, lá na floresta de Efraim, mais uma vez há uma guerra entre irmãos: seus soldados enfrentam os homens fiéis a Absalão. Enquanto isso, ele, o rei que tornou Israel forte, fica sentado, só esperando. Que aporrinhação...

— Majestade! Vejo um homem correndo nesta direção!

É o sentinela que interrompe seus pensamentos. Tanto melhor, ao menos alguma coisa está acontecendo.

— Um homem sozinho?

— É.

— Então traz boas notícias. Que bom.

— Epa! Lá vem outro, um negão.

— Cheio de paixão?

— Como?

— Nada, nada. Se o crioulo também vem sozinho, traz mais boas notícias.

— O outro já está perto. Olha como corre! Ah, deve ser Aimaás, filho de Zadoque.

— Ah, Aimaás é um bom garoto. São notícias boas, tenho certeza.

O primeiro homem já entrou no campo de visão do rei. É, de fato, Aimaás. Vendo o rei, grita:

— Tudo vai bem!

* * *

Nem tudo ia bem, porém. Naquela manhã, Davi dividira seu exército em grupos de mil e de cem. Juntou esses grupos, comandados por oficiais, em três grupos maiores, sob o comando dos irmãos Joabe e Abisai, e de Itai, o giteu. Com tudo pronto, Davi chamou os três comandantes e disse:

— Muito bem. Vamos.

— Vamos? Mané vamos! O senhor fica.

— Tá doido, Abisai? Acha que eu vou perder essa? Seu irmão endoidou, Joabe.

— Majestade, eu concordo com ele. Se o negócio ficar ruim para nosso lado no campo de batalha, se precisarmos fugir ou se os homens de Absalão acabarem com metade do nosso exército, isso não fará diferença para eles. Mas se eles pegam o senhor, aí acabou-se. Sua vida vale dez mil das nossas. O melhor mesmo é o senhor ficar por aqui, e nos mandar reforços se precisarmos.

— Hum. Tá bom. Mas só peço uma coisa a vocês.

— Pode dizer, majestade.

— Se vocês gostam mesmo de mim, tratem bem ao meu filho Absalão.

Davi disse isso olhando firmemente para Joabe. Sabia que o excesso de zelo de seu general o fazia partir sempre para a solução mais simples e segura. Enquanto Abisai e Itai assentiam, Joabe apenas sustentou o olhar do rei.

Davi postou-se junto ao portão, e assistiu à saída de seu exército. Exército esse que não fez por menos: chegando ao bosque de Efraim, não deu tempo para a reação do inimigo. Vinte mil homens foram mortos, e muitos mais morreram enquanto fugiam, em prosaicos acidentes na floresta. O próprio Absalão, que fugia montado numa mula, de repente se viu como que flutuando no ar, enquanto a montaria disparava bosque adentro. Levou um tempo para perceber o que lhe acontecera: seus cabelos, tão longos e bem cuidados, haviam se enroscado nos galhos de uma árvore de tal forma que ele, por mais que se esforçasse, não conseguia se desvencilhar. Um soldado do exército de Davi que passava por ali à caça de inimigos o viu naquela situação e foi falar com Joabe:

— Comandante, acho que vi Absalão pendurado numa árvore.

— Pendurado numa árvore? Aquele puto acha que isso é hora de brincadeira?

— Hum... Acho que não foi por querer não, comandante. Ele estava preso pelos cabelos.

— HAHAHAHAHAHA! Ridículo! E você matou o desgraçado?

— Er... não.

— COMO NÃO? Porra, se você matasse, eu te daria aí uns cem gramas de prata, mais um cinto.

— Um *cinto muito*?

— Acha que estou de brincadeira aqui, cavalgadura?

— Não senhor. Desculpe.

— Humpf.

— Mas, comandante, veja só: todo mundo viu quando o rei disse que Absalão devia ser bem tratado e coisa e tal. Suponha agora que eu fosse lá e acabasse com a raça dele. O rei ia saber, ele sabe tudo. E aí o senhor ia se lembrar de me defender? Ia nada! Pois então: nem por dez quilos de prata!

— Bah, não vou perder meu tempo com você. Onde foi que você viu o Absalão?

— Praquele lado ali, ó.

Joabe começou a andar na direção que o soldado apontara, e logo deu com Absalão pendurado num carvalho, esperneando. O comandante saboreou o momento: sorrindo de leve, foi se aproximando lentamente, enquanto brincava com sua lança. Dava-lhe gosto ver a expressão de pavor na face do príncipe.

— Com medo, Absalão? Você não parece tão poderoso agora, pois não? Ai, ai... Um lindo dia. Podíamos estar todos em Jerusalém, tomando sol no terraço do palácio, bebendo umas cervejas. Afinal de contas, foi para isso que eu fiz aquele esforço todo para que você e seu pai se reconciliassem. E você mostrou alguma gratidão? Claro que não! Precisava estragar tudo, não é? Precisava usurpar o trono, botar o velho para correr, humilhá-lo. E tudo isso para quê? Para acabar com sua linda cabeleira enroscada numa árvore, olhando em volta como um coelho assustado. Puxa, você precisava ver sua cara agora. Que situação ridícula, *majestade*! Tão ridícula que me deixa até constrangido. Vamos acabar logo com isso.

Ainda com o sorriso no rosto, Joabe cravou três lanças no corpo de Absalão. O príncipe ainda ficou estrebuchando, de modo que dez dos homens de Joabe o cercaram e terminaram o serviço.

Com Absalão morto, não havia razão para continuar a luta. Então Joabe tocou a corneta para chamar as tropas de volta. Quando todos voltaram, alguns foram designados para sepultar o corpo de Absalão. Nada muito elaborado: apenas pegaram o cadáver e o jogaram numa cova funda no meio da floresta, cobrindo-a com um montão de pedras. Assim, ridícula e violenta, foi a morte de Absalão. A esse tempo ele já não tinha mais filhos, e só deixou para a posteridade um monumento que mandara construir em homenagem a si mesmo no vale dos Reis.

Joabe ainda pensava num jeito de contar ao rei o que acontecera quando foi abordado por Aimaás, filho de Zadoque:

— Comandante! Peço permissão para ir a Maanaim dizer ao rei que Javé o livrou de seus inimigos.

— Não, de jeito nenhum. Notícia boa, só amanhã. Hoje lamentamos a morte do filho do rei.

— Como? Lamentamos? Mas não foi o senhor mesmo que...

— ... Você ouviu o que eu disse?

— S-sim, comandante.

— Só estou querendo preservar sua imagem, rapaz. Vou mandar um crioulo qualquer levar as notícias. Negão! Cadê aquele etíope quando eu preciso dele?

— Aqui, general.

— Ô, negão. Corre lá pra Maanaim e conta ao rei o que você viu.

— Sim senhor.

O escravo etíope de Joabe saiu correndo na direção de Maanaim. Aimaás continuou por ali, olhando para o general com cara de cachorro sem dono.

— Ai, meu saco... Que foi, rapaz?

— Ô, seu Joabe. Deixa eu levar a notícia também...

— Mas pra quê, meu filho? O negão já foi, que diferença faz? O que você ganha com isso?

— Eu só queria dar as notícias ao rei.

— Tá, tá! Vai logo, então.

— Sério? Sério MESMO? Puxa, seu Joabe! Muito obrigado! Muito, muito obr...

— VAI LOGO!

Entusiasmado, Aimaás saiu correndo pela estrada do rio Jordão, e logo ultrapassou o etíope. Quando viu de longe o rei às portas da cidade, gritou:

— Tudo vai bem!

Aproximou-se, fez uma reverência ao rei e completou sua notícia:

— Louvado seja Javé, que deu ao senhor a vitória sobre seus inimigos.

— Ganhamos? E meu filho, está bem?

— Seu filho? Er... Qual deles?

— Oras, qual deles! Absalão, rapaz!

— Ah. Esse filho. Então. Ah, não sei. Absalão, né? Sei não. Quando Joabe me mandou vir, eu vi uma agitação lá, mas não sei o que era.

— Tá bom. Fica aí do lado, descansa um pouco. Vamos ver se o outro mensageiro sabe mais detalhes. Obrigado pelas boas notícias, filho.

— Não tem de quê, majestade.

O etíope chegou logo depois com sua mensagem:

— Majestade, tenho boas notícias! Javé acabou com a raça daqueles que se revoltaram contra o senhor.

— Tô sabendo. Mas e Absalão, tudo bem com ele?

— Olha, majestade... Eu queria que o que aconteceu com ele acontecesse com todos os seus inimigos!

— PRETO FILHO DA...

Oooooooooolha...

Epa.

Bom, não vamos permitir que o rei acabe cometendo crime de racismo. Encerremos o capítulo por aqui.

O RETORNO DE DAVI

(II Samuel 19)

— ABSALÃO MORREEEEEU! MORREU ABSALÃAAAAAAAAO! QUE QUE EU FAÇO, MEU DEUS, QUE QUE EU FAÇO? POR QUE VOCÊ NÃO ME LEVOU E DEIXOU ABSALÃAAAAAO? BUÁAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!

Quem é a histérica que tira o sossego de todo o Israel com esses berros? Pois não é outra senão Davi, o bravo guerreiro, libertador e unificador do reino. Andando de um lado para o outro numa sala que fica sobre o portão da cidade de Maanaim, ele chora, berra, esperneia. Que vergonha, que vergonha!

E Joabe pensava exatamente o mesmo enquanto ouvia a choradeira do rei. Sim, ele matara aquele moleque petulante, e daí? Se o deixasse vivo, ele ficaria calmo por um, dois, cinco anos; e depois armaria outra sedição. Fizera um favor a Davi livrando o reino de Absalão, e era assim que ele agradecia? Os soldados voltaram do campo de batalha em festa, mas tiveram que entrar em silêncio na cidade ao ouvir os gritos do rei. Então o negócio era lamentar aquela vitória estupenda, voltar para a cidade como se estivessem envergonhados de uma derrota só porque o filhinho do rei (que, aliás, era o inimigo) morrera? Ah, isso não ia ficar assim! Cansado daquela ladainha, Joabe subiu até a sala onde o rei dava seu espetáculo patético.

— Majestade...

— JOABE! ABSALÃO MORREEEEEEEEU! MEU FILHO MORREEEEEEEEEEU! MEU FILHO M...

— MORREU, MORREU, JÁ SEI! MAS QUE PORRA!

— ...

— O senhor humilha seus soldados, sabia? Os caras foram pra guerra para salvar sua vida e a de sua família, e como é que o senhor agradece? Abre o berreiro, lamentando a morte daquele desgraçado que o traiu descaradamente! Que negócio é esse? Então o senhor ama os que o odeiam e vice-versa? Estaria muito feliz se Absalão estivesse vivo, e eu e os soldados, mortos.

— Peraí, Joabe, peraí. Não é bem assim...

— NÃO É BEM ASSIM O CACETE! O senhor trate de sair daqui, lavar essa cara e ir falar com os soldados, elogiá-los. Se o senhor não fizer isso, juro por Deus que amanhã nenhum deles estará do seu lado.

Davi olhou bem para Joabe e viu que ele não estava brincando. Então quem ele achava que era, para vir assim dando bronca no rei, sem mais aquela. Isso não ia ficar assim. Mas Joabe podia esperar, e além do mais ele tinha razão num ponto: os soldados podiam se sentir ofendidos com aquela choradeira. Então o rei lavou o rosto e foi sentar-se às portas da cidade. Quando souberam que Davi estava lá, os soldados foram reunir-se à sua volta.

Aquele negócio todo de unificar o reino era muito bonito no papel (ou no pergaminho, sei lá), mas na prática não funcionava muito bem. Na primeira crise mais séria, já se ameaçava uma nova ruptura. Primeiro foram as tribos do norte (tradicionalmente chamadas de "Israel") que resolveram que seriam os primeiros a trazer Davi de volta ao trono. Eram afoitos, os israelitas: também haviam sido os primeiros a apoiar Absalão. Davi não se esquecera disso, por isso enviou os sacerdotes Zadoque e Abiatar com uma mensagem para os líderes de Judá:

Meus queridos,

Eu, assim como vocês, sou de Judá. Somos parentes, portanto. Então por que é que vocês vão ser os últimos a me aceitarem de volta? Estou um tanto confuso com isso...

D.

A mensagem mexeu com os brios dos líderes das tribos do sul. Claro: eles tinham certeza de ser o verdadeiro Israel; o resto era baiano. Ainda não sabiam se o rei só queria provocá-los, ou se pretendia mesmo aceitar o convite da baianada. Mas o rei resolveu deixar claro de que lado estava, substituindo Joabe por Amasa no comando de seu exército. Com isso, Davi matava dois problemas: livrava-se de Joabe, que lhe matara o filho e depois lhe faltara com o respeito, e demonstrava que pretendia aproximar-se mais de Judá, posto que Amasa era do sul. Fora também um dos conspiradores, comandande do exército de Absalão, mas isso era só um detalhezinho. Esse negócio de política sempre foi desse jeito, tudo esculhambado.

O importante é que os homens de Judá mandaram uma mensagem ao rei, implorando por seu retorno. Então Davi reuniu seus oficiais, despediu-se do povo de Maanaim e tomou o caminho do Jordão. E aqui, meus amigos, vemos como estar por cima da carne seca é sempre melhor. Primeiro foi Simei, lembram dele? Quando Davi saiu de Jerusalém às pressas, fungindo de Absalão, esse Simei o encontrara no meio do caminho e acompanhara a comitiva por um bom tempo, insultando o rei. Quando soube, porém, que Davi se preparava para atravessar o Jordão e voltar à capital, ele tratou logo de ir ao

encontro do rei. Não foi sozinho: juntou mil homens da tribo de Benjamim para acompanhá-lo. Para se garantir, sabe como é... Quando Davi se preparava para atravessar o rio, foi surprenndido por um puxão em sua túnica. Era Simei prostrado no chão, todo choroso:

— Majestade! Majestade! Me perdoe, majestade! Esqueça o que eu fiz, por favor! São os *tóchicos*, majestade! Eu sei que fiz merda, por isso sou o primeiro israelita a vir aqui hoje.

Abisai, porém, ainda não se esquecera da humilhação daquele dia, e cochichou no ouvido do rei:

— Esse cara te amaldiçoou, majestade, e agora que o senhor está no poder de novo quer pedir desculpa. Assim é fácil! O negócio é matar esse feladaputa.

— Escuta aqui, Abisai. Eu não sei o que a mãe de vocês tinha nos peitos, pra saírem dois cabras sanguinários feito você e Joabe. Eu só sei é que hoje é dia de festa, e nenhum israelita será morto. — e virando-se para Simei: — Ouviu, zé ruela? Fique sossegado, não vai lhe acontecer nada. Agora larga a minha roupa, cacete.

Davi mal se livrou de Simei, e lá vem outro sujeito todo melífluo. Mas esse parecia um metaleiro: cabelo e barba compridos, sujo, fedido. Se não viesse mancando, o rei jamais saberia que se tratava de Mefibosete, o neto de Saul.

— Mefibosete, meu filho. Por que você não foi comigo, hein?

— Ah, majestade, nem me fale! Estou esses dias todos sem fazer a barba e sem tomar banho, de tanta tristeza.

— É, percebi. Você bem que podia aproveitar o rio pra tomar um banhozinho, não? Tá difícil, rapaz!

— Eu sei, eu sei. É que eu queria muito ter vindo com o senhor. Mas eu sou aleijado, não sei se dá pra notar. Então mandei meu jumento arrear meu escravo... Digo, o escravo arrear o jumento, para eu poder vir com o senhor. Mas o desgraçado do jumen... do ESCRAVO me traiu, foi contar aquele monte de mentiras ao senhor, que eu achava que ia ser rei e não sei mais o quê. Bom, mas o senhor sabe tudo, faça o que achar melhor. Toda a família do meu pai merecia ser morta, mas o senhor me recebeu como a um filho. Não tenho o direito de lhe pedir mais favor nenhum.

— Não precisa dizer mais nada, meu filho. Dividirei a propriedade de Saul entre você e Ziba.

Espera, espera, façamos uma pausa: primeiro o rei recebera Mefibosete no palácio, e lhe dera tudo o que fora de Saul. Depois, convencido por Ziba de que seu senhor o traíra, Davi passara ao escravo tudo o que era de Mefibosete. E agora que o neto de Saul dizia que Ziba o traíra, ele dividia tudo entre os dois? Meio precipitado, não? Deve ter sido isso que Mefibosete pensou, porque apenas respondeu:

— Deixa pra lá, majestade. Ziba pode ficar com tudo. Já estou feliz só por ver o senhor voltando para a casa.

Como se pode ver, foi o Dia Nacional do Puxa-Saco Israelita. Além desses, um velho de oitenta anos chamado Barsilai, que recebera o rei em Maanaim, também foi dar sua bajulada. Davi quis levá-lo a Jerusalém, mas ele recusou, dizendo que já estava velho demais e só daria trabalho. Se o rei quisesse, que levasse Quimã, seu escravo. Então acompanhou Davi até o outro lado do Jordão, recebeu a sua bênção e voltou para casa.

Mas eu dizia que aquele negócio de unificar o reino era complicado. Pois vejam: mal o rei acabou de atravessar o rio, os homens de Judá e de Israel já começaram uma discussão. Diziam estes:

— Majestade, por que é que esses cabras de Judá se acharam no direito de trazê-lo para este lado do Jordão?

Respondiam aqueles:

— Calaboca, baianada! O rei é nosso parente, vocês não percebem? Isso é motivo pra vocês já virem de peixeira na mão?

Treplicavam os israelitas:

— POIS QUE SEJE! NÓS TEMOS DEZ VEZES MAIS DIREITO DO QUE VOCÊS! — diziam isso porque representavam dez tribos, sendo Judá formado por apenas duas — Tão fazendo pouco de nós, é? Nós é que tivemos a idéia de trazer o rei de volta, que porra é essa?

A briga prosseguia. Davi, cansado, só olhava, evitando dar opinião. Eles que se entendessem, ele queria era sossego.

Mas não teria, claro.

A REVOLTA DE SEBA

(*II Samuel 20*)

Como vimos no último capítulo, aquele negócio de unificar o reino não funcionava muito bem. Tanto que, ainda no caminho de volta a Jerusalém depois de derrotar Absalão, Davi se viu no meio de uma briga entre os homens de Judá e os de Israel. Brigavam por ele, o que podia ser lisonjeiro, mas era também um pé no saco. Por acaso havia um revolucionário ali entre eles chamado Seba, da tribo de Benjamim. Usava barbicha, bolsa de crochê a tiracolo, boina na cabeça, camiseta do Che Guevara, e só não falo das sandálias de couro porque isso todo mundo usava. Cansado daquela discussão sem sentido sobre quem tinha mais direito a levar o rei de volta à capital, subiu numa pedra e gritou:

— COMPANHEIROS ISRAELITAS!

— CALABOCA, REFUGO DA FEFELECHE!

— CALABOCA É UM CACETE, SEU PORCO CAPITALISTA, CHEIRA-BUNDA DE DAVI! ABAIXO A DITADURA! ABAIXO O FILHO DE JESSÉ!

— QUEM???

— DAVI, PORRA!

— Ah...

— PARA QUE VAMOS SEGUI-LO, SE ELE SÓ VAI MESMO CUIDAR DE JUDÁ? COMPANHEIROS ISRAELITAS, VAMOS VOLTAR PARA CASA!

Os homens de Judá trocavam comentários sarcásticos sobre o revolucionário, e sorriam, condescendentes. No entanto, os israelitas começaram a cochichar, acenar com a cabeça, e foram se reunindo ao redor de Seba. Os de Judá não se conformavam:

— Mas que diabo essa baianada tem na cabeça???

E viram, estupefatos, os israelitas voltarem para suas casas. Todos sabiam como eram os israelitas: uma vez que encasquetavam com uma idéia, não adiantava tentar demovê-los. Então os de Judá fizeram *Pffff...* e acompanharam o rei até Jerusalém.

Chegando à capital, a primeira providência de Davi foi isolar as dez concubinas que havia deixado para guardarem o palácio. Deixou-as numa casa guardada por soldados, e dava-lhes tudo de que precisavam. No entanto, nunca foi visitá-las. Pegara nojo delas depois de saber do que Absalão fizera. Com essa providência tomada (providenciazinha um

tanto covarde, digamos), o rei resolveu preocupar-se com a revolta arquitetada por Seba. Para isso, chamou Amasa:

— Amasa. Você é o novo comandante do meu exército.

— Sou?

— Ai, ai... Não está lembrado? Eu destituí Joabe, e dei o cargo dele a você.

— Ah, é verdade!

— Então...?

— ...?

— Você não está sabendo da revolta de Seba, Amasa?

— ...?

— O DA BARBICHA!

— Ah, aquele! Sim, sim. Que coisa, não?

— Pois é. O que você pensa dessa situação?

— Penso que alguém tem que tomar providências!

— Oras, não me diga!

— Olha, o senhor vai me desculpar, mas eu já disse. Então...

— VOCÊ É O GENERAL DO MEU EXÉRCITO, AMASA! VOCÊ TEM QUE TOMAR PROVIDÊNCIAS!

— E-eu? Olha, majestade, não é muito a minha. Sou um cara mais pacífico, sabe? Gosto de orquídeas, de palavras cruzadas, essas coisas...

— MANÉ ORQUÍDEAS! VOCÊ VAI CONVOCAR TODOS OS HOMENS DE JUDÁ, ESTÁ ME OUVINDO?

— Claro que estou. Gritando desse jeito...

— Humpf. Convoque a todos, e esteja de volta com eles depois de amanhã. Entendeu?

— Sim senhor. Mais alguma coisa?

— Por enquanto não. Só faça o que eu mandei.

Os dois dias se passaram, e nada de Amasa aparecer com seu exército. Davi bem desconfiava que aquilo não podia dar certo: conhecia bem o temperamento de Amasa. Mas não podia voltar atrás e devolver o cargo a Joabe. Isso o desmoralizaria para sempre. Por outro lado, não podia ficar esperando pela boa vontade de Amasa. Havia uma revolta a ser contida, havia urgência. Então o rei pensou num meio-termo: mandou chamar Abisai, irmão de Joabe.

— Abisai, o tal de Seba vai dar mais trabalho do que Absalão.

— É só um moleque, majestade.

— Um moleque cheio de idéias, não se esqueça. Idéias são perigosas. Quero que você vá atrás dele com os homens do palácio, antes que ele tome pontos estratégicos de Israel.

— Sim senhor.

Abisai convocou a elite do exército, não esquecendo, é claro, de seu irmão Joabe. Saíram da cidade para perseguir Seba, e pararam na pedra grande que ficava em frente a Gibeão. Amasa, que finalmente conseguira juntar um exército um tanto mal ajambrado, foi encontrar-se com eles.

— Ô, pessoal. Tô atrasado? Puxa, isso dá um trabalhão, né não? Abisai! Como vai você, rapaz? E Joabe! Puxa, sou seu fã. Espero que você não tenha... hum... guardado rancor pelo que houve.

— Mas é claro que não!

— Ufa... Sabe como é, eu não tenho culpa. O rei decidiu. E quem sou eu para discutir com o rei?

— E eu, então?

— Hehehe.

— Deixe de bobagem, rapaz. Dê cá um abraço.

Dizendo isso, Joabe pegou-o pela barba, demonstrando a intenção de beijá-lo. Encantado pelas boas maneiras de Joabe, Amasa não percebeu a espada que o general trazia na outra mão. Quando percebeu, já era tarde: tinha os intestinos expostos e um triunfante Joabe em sua frente. Ficou estrebuchando no meio do caminho. Vendo que todos paravam para olhar o comandante que agonizava no chão, segurando as tripas e balbuciando algo sobre orquídeas, um soldado o arrastou para fora da estrada e o cobriu com uma manta.

Enquanto isso, Seba já havia atravessado todas as tribos de Israel, e agora estava na cidade de Abel-Bete-Maacá. Marcara uma reunião ali para decidir os rumos da nação. Parecia uma boa idéia, mas não funcionava direito: entre tantas questões de ordem, autocríticas, votações sobre cada item da agenda, a reunião estendia-se e nada era resolvido. Melhor para Joabe e Abisai, que tiveram tempo de colher informações, ir até a cidade e cercá-la. Faziam de tudo para derrubar as muralhas, quando uma mulher botou a cabeça por cima do muro.

— EI! VOCÊ É JOABE?

— HEIN? SIM, SOU EU!

— VEM AQUI UM INSTANTINHO?

— POIS NÃO!

— ESCUTA, EU...

— Er... Já estou aqui, pode parar de gritar.

— Ah, desculpe. Então. O senhor não conhece a fama desta cidade? Não sabe que antigamente as pessoas vinham aqui pedir conselhos? Abel é conhecida como a cidade mais leal e pacífica de todo o Israel.

— Sim, eu sei.

— E agora o senhor quer destruí-la?

— Olha, querer mesmo eu não quero. Mas um tal de Seba começou uma revolta contra Davi, e nós fomos incumbidos de capturá-lo. Entreguem só esse homem, e deixaremos a cidade em paz.

— Ah... Deve ser o sujeito da reunião secreta. Vou lá pegar o danado.

— Ué. A reunião não é secreta?

— É.

— E como a senhora sabe onde encontrá-lo?

— Ah, estenderam uma bruta bandeira vermelha na porta da casa em que estão reunidos.

— Que burros!

— Pois é. Então, espere aqui. Vamos jogar a cabeça dele por cima do muro.

— Er... Não precisa tanto, sabe? Só traga o homem aqui e pronto.

— Ah, mas assim não tem graça...

A mulher saiu e foi falar com os habitantes da cidade. Eles pesaram suas opções: ou cortavam a cabeça de Seba ou teriam sua cidade arrasada. E, para falar a verdade, ninguém mais agüentava aquela propaganda revolucionária de Seba. Foram, portanto, até a casa onde ele estava e, muito gentilmente, explicaram-lhe que teriam que cortar-lhe a cabeça. Ele quis resistir, mas cedeu quando foi informado que a decisão tinha sido tomada por votação unânime. Suas últimas palavras foram:

— Morre um revolucionário mas.

Talvez ele tivesse algo mais a dizer, não se sabe. É muito difícil falar com a cabeça separada do corpo. Experimentem.

Joabe levou um susto quando ouviu um barulho e viu que fora causado pela queda da cabeça de Seba a seus pés. Ordenou a um dos homens que a colocasse num saco, e voltaram todos para Jerusalém.

OS DESCENDENTES DE SAUL SÃO MORTOS

(II Samuel 21:1-14)

Viver em Israel nos tempos da monarquia podia ser perigoso, assustador, difícil, qualquer coisa, menos entediante. Nos últimos capítulos narramos o desenrolar de duas tentativas de derrubar Davi de seu trono, uma delas por parte de seu próprio filho.

(Cair do trono não é legal. Eu caí uma vez. É difícil levantar quando se tem as calças emboladas entre as canelas. Mas voltemos).

Eu ia dizendo que viver em Israel etc. etc. não era nada entediante. Depois das duas revoltas, uma grande fome abateu-se sobre o povo escolhido por Javé. Durou um ano, e o povo nem chiou. Fomes de um ano deviam ser rotina na época, ainda mais no meio do deserto. Mas veio o segundo ano de fome, e eis que o povo murmurou "Epa". Veio o terceiro ano, o povo começou a reclamar. Davi não tinha o que fazer: contra os motins, bastava usar a força. Mas o que ele poderia fazer no caso da fome? Levar o exército para espetar a terra com suas espadas, "Vamo produzindo aê, terra, senão o bicho pega"? Flechar as nuvens para fazer chover? Não, não havia muito como usar a força para resolver o problema da fome. Davi pensou, pensou, e por fim se lembrou de um personagem que andava meio sumido. Tendo se lembrado, foi até o Tabernáculo.

— Oh, Javé, deus de Israel!

— ...

— Aham. OH, JAVÉ, DEUS DE ISRAEL!

— Ô, PORRA! NÃO POSSO NEM DORMIR?

— Er... Javé? Você... Digo, *o Senhor* estava dormindo?

— Dormindo? Eu? Claro que não! Tá pensando o quê?

— É que o Senhor disse que...

— NÃO INTERESSA! Eu não durmo nunca, ô... ô... Como é mesmo seu nome?

— Davi.

— Exatamente. Pois eu não durmo nunca, ô Davi. Estou sempre vigilante, de olho em Israel, meu povo tão querido, que eu protejo tal como um pai amoroso etc.

— Ah... Então o Senhor está sabendo da fome, não?

— Você está com fome? Pô, ainda falta muito pra hora do almoço, deixa de ser guloso!

— Hum. Não exatamente, Javé. Estou falando da fome que nos aflige.

— Aflige quem?

— Israel, Javé.

— Quem é esse?

— Israel? Ué! Seu povo tão querido, que o Senhor protege tal como...

— Ah, ESSE Israel. Hum. Fome?

— Sim. Não há alimento, Javé.

— Sei, sei. Olha, eu acho que ainda tenho umas sobras de maná em estoque aqui, caso interesse...

— Bom, na verdade eu queria saber por que essa tragédia está acontecendo conosco. Por que o Senhor permite que coisas más aconteçam a pessoas boas? Por que deixa que o justo sofra enquanto o ímpio é recompensado? Por que o trabalho do homem não produz fruto, e o suor de seu rosto não lhe traz o alimento?

— Porque é divertido...

— HEIN?

— Er... Porque... Olha... Por causa de Saul.

— SAUL?

— Sim, sim, Saul. O rei, aquele doido.

— O rei sou eu, Javé.

— VOCÊ? Quando foram as eleições? Não tenho lido jornal ultimamente.

— Que eleições??? O Senhor me ungiu, me escolheu para reinar sobre Israel!

— EU??? Ah, sim! Claro, claro que fui eu. Quem mais? Eu o escolhi. É verdade. Só queria ver se você se lembrava. Você se lembra. Parabéns.

— Hum. Mas e então? Por que há fome em Israel?

— Culpa de Saul, já disse.

— Mas Saul morreu há anos!

— Morreu, foi? Puxa... Aham. Mas antes de morrer ele... Sei lá. Matou os gibeonitas.

— COMO?

— Sim, sim, matou os gibeonitas. Aquele menino fez um acordo de paz com esses caras. Como era o nome dele?

— Josué?

— Esse. Josué fez um acordo com os gibeonitas lá no tempo dele. E Saul, em um acesso de loucura, massacrou os gibeonitas.

— Ué, mas os gibeonitas vivem por aqui até hoje. Eu nunca ouvi falar nesse massacre.

— Ah, é? Tá, talvez não tenha sido um massacre, massacre. Mas ele matou uns caras lá.

— E o que isso tem a ver com a fome?

— Como assim, o que tem a ver? Tem tudo a ver! Eu não posso aceitar uma injustiça como essa, o cara chegar e matar todo um povo. Ou quase todo. Tá, vá lá, meia dúzia de caras.

— E por causa disso todo o país paga?

— É, ué. E agora me deixe, que eu vou voltar para a cama. Digo, para a constante vigilância. Sobre Israel. Meu povo querido. Aquele negócio todo.

Davi saiu do Tabernáculo pensando no que Javé lhe dissera. Era necessário reparar o que Saul fizera aos gibeonitas. Não fazia muito sentido, mas quem é que alcança os mistérios dos pensamentos de Deus e coisa e tal? Então o rei foi até a região onde moravam os gibeonitas e perguntou o que poderia fazer para compensá-los pelo mal que Saul lhes fizera.

— Podem pedir o quanto quiserem. Façam seu preço, eu pago.

— Ah, majestade, deixa disso! O que Saul fez não pode ser consertado com ouro nem com prata. Não precisa pagar não.

— Ah, que bom. Então está tudo resolvido?

— CLARO QUE NÃO! ELE ACABOU COM NOSSO POVO!

— Acabou? E como vocês estão aqui?

— Er... Tá, talvez ele não tenha acabaaaado com a gente. Mas, bom, deu uma desequilibrada e tal.

— Tá. E como eu posso lhes pagar por isso?

— Olha, o senhor podia nos trazer sete descendentes de Saul. Nós os levaríamos até Gibeá, a cidade onde ele nasceu, e os enforcaríamos em árvores com cordas de cânhamo. Ao meio-dia. Virados para o oeste.

— Puxa. Vocês tiveram muito tempo para pensar nisso, não?

— ...

— Tudo bem, vou atender ao pedido de vocês.

A Davi não soava bem esse sacrifício coletivo. No entanto, se essas sete mortes significariam o fim da fome, era o melhor que ele tinha a fazer. Contra Mefibosete ele não podia nem queria fazer nada, uma vez que era filho de Jônatas, seu melhor amigo. Então escolheu dois filhos que Saul tivera com Rispa, e mais os cinco filhos de Merabe, filha de Saul, e entregou os sete aos gibeonitas. Felizes da vida, eles enforcaram os homens em Gibeá.

Rispa, que fora concubina de Saul e era mãe de dois dos mortos, foi até Gibeá, improvisou uma barraca sobre uma rocha e ficou vigiando os cadáveres. Os homens haviam sido enforcados no fim da primavera, começo da colheita da cevada. Pois a

danada da mulher ficou por ali desde a primavera até as chuvas de outono, espantando os urubus durante o dia e os coiotes durante a noite.

(Não sei se ela enxotava os bichos, ou se era muito feia e eles nem chegavam perto. Ou se fedia demais até para animais carniceiros. Sei lá. Voltemos).

Quando soube do que ela havia feito, Davi ficou admirado com a teimosia da mulher. Mandou, então, que trouxessem os restos mortais de Saul e Jônatas lá de Jabes-Gileade, e que os enterrassem no túmulo de Quis, pai de Saul, juntamente com os sete homens enforcados pelos gibeonitas. Com os sete mortos e enterrados, os gibeonitas se deram por satisfeitos, e Javé, em sua infinita misericórdia, afastou de Israel o flagelo da fome.

Louvado seja.

BATALHAS CONTRA OS GIGANTES FILISTEUS

(II Samuel 21:15-22)

— E aquele que tentou matar o rei daquela vez, como era o nome dele?

— Er... Davi?

Sentados em volta de uma mesa, Abisai, Sibecai, Elanã e Jônatas (não o finado filho de Saul, mas um sobrinho de Davi) contam histórias dos velhos tempos de guerra contra os filisteus. Quem fala, inflamado pelo vinho, é Abisai, irmão de Joabe. Irrita-se com a confusão de Jônatas:

— Não do rei, ô cavalgadura, do gigante! Não estou assim tão caduco, porra.

— Ah... Isbi-alguma-coisa.

— Isbi-Beb... Isbi-Bena... — Elanã tenta lembrar-se.

— ISBI-BENOBE!

— Isso, Sibecai! Pois então, Isbi-Benobe. O feladaputa tinha bem uns cinco metros de altura, e...

— Pára, Abisai...

— E você estava lá, Jônatas? Não estava, não é?

— ...

— Humpf. Como eu dizia, o bichão tinha pra mais de seis metros de altura. Naquela época a gente tava sem nada pra fazer, resolvemos ir cutucar a filistaiada. Só que a gente se esqueceu dos desgraçados dos gigantes. Aí uma hora o rei ficou cansado, se sentou numa pedra com a mão no peito, respirando difícil. Eu estava vindo do outro lado e só vi tudo ficando escuro. Parecia que tinha anoitecido de repente. Sabem o que era?

— Eclipse?

— Que eclipse nada! O tal do Isbi-Benobe vinha chegando de mansinho pra matar o rei. A sorte foi que eu vi o danado, e sapequei-lhe a espada nos cornos. Nesse mesmo dia eu reuni os soldados e fomos falar com o Rei. Dissemos a ele, "Olha, majestade, é por nada não, mas achamos melhor o senhor não ir mais pra guerra". Ele entendeu o recado. Já estava velho, coitado, não podia se arriscar daquele jeito.

— Ué. E tinha ficado escuro por quê?

— Cê não tá prestando atenção na história, desgraça? Ficou escuro porque o bruto era tão grande que tapava o sol...

— Ah, Abisai, assim já é demais!

— É demais? É demais, Sibecai? Quem vê pensa que você já matou algum gigante.

— E não matei, corno? Matei, matei foi muito!

— Sei, sei... Fala só UM.

— Teve aquele lá, o Safe.

— SAFE?

— É. Safe.

— Logo se vê que é nome inventado...

— Vai ouvir a história ou não vai? Humpf. Eu estava pescando ali no Jordão. Sossegado, os peixes mordendo vez em quando, eu embaixo da sombra de uma oliveira, só bestando. Vai daí que o rio começa a correr devagar, devagar, devagar... Em cinco minutos já estava sequinho. Só vi a água indo embora lá pros lados do Mar Morto, e nada de vir mais água da direção da nascente. Pensei, "Epa, que negócio é esse?". Sabem o que era?

— Josué voltando do mundo dos mortos?

— Mané Josué! Uns quinhentos metros pra cima, esse tal de Safe tinha resolvido tomar banho no rio. Deitou de comprido, com a cabeça numa margem e...

— ... VOCÊ VAI ME DIZER QUE OS PÉS DELE ESTAVAM NA OUTRA MARGEM? AH, NÃO!

— E eu lá sou um cabra sem-vergonha mentiroso feito você pra falar uma mentira desse tamanho? Deixa eu terminar! A cabeça dele estava numa margem. Os JOELHOS estavam na outra margem. Os pés estavam apoiados na muralha de uma cidade. Como era mesmo o nome daquela cidadezinha ali bem do lado do Jordão...? Bom, não importa. O negócio é que o bichão tava lá estirado represando o rio. Eu fui chegando devagarinho, fui chegando, fui chegando e meti minha lança no ouvido dele. Troço perigoso, porque cérebro de gigante é pequeno. Mas graças a Javé deu certo, o bicho ficou estrebuchando um tempo e morreu.

— Sei, sei... E como foi que tiraram o defunto de lá pra liberar o rio?

— Olha, eu sou soldado, não coveiro. Sei lá como tiraram o defunto! Matei o bicho e saí andando, que eu não sou aparecido feito você.

— APARECIDO? EU TE MOSTRO, FILHO DE UMA QUENGA!

— Epa, epa... Calma, porra. Vocês dois aí brigando por bobagem. Cada um matou seu anãozinho, pronto...

— ANÃOZINHO???

— É, oras. Esses gigantes aí eram anões perto do que eu matei, o Golias.

— Golias, Elanã? Como você é mentiroso! Esse quem matou foi o rei Davi!

— Rapaz, rapaz... O filho do finado rei Saul não se chamava Jônatas?

— Chamava.

— E você não se chama Jônatas também?

— É.

— Então pode ter dois Jônatas mas ter dois Golias é proibido?

— ...

— Deixa eu falar. Estava voltando pra minha tenda depois de ficar o dia inteiro pelejando contra os filisteus. Cansado que só a porra, só pensava em deitar e dormir. Entrei na barraca, apaguei a lamparina, deitei no chão e dormi em seguida. Lá pelo meio da

madrugada acordei com uma barulhada. Um negócio assim: *Méeeeee - NHAM, NHAM, NHAM, CRUNCH! SLUUUUUUUURP! Méeeeee - NHAM, NHAM, NHAM, CRUNCH! SLUUUUUUUURP! Méeeeee - NHAM, NHAM, NHAM, CRUNCH! SLUUUUUUUURP!* Que diabo era, que diabo não era, fui ver o que era. Ah, que cena pavorosa!

— Lá vem mentira...

— Deixa eu contar, rapaz! Estava o tal Golias lá no meio do deserto, sentado perto de um poço. De longe eu só via a mão dele mexendo, e ouvia o barulho. Fui chegando perto e quase que nem eu mesmo acredito: o feladaputa tinha pegado todas as ovelhas do acampamento, jogado dentro do poço, e estava comendo as bichinhas que nem pipoca. Metia a mão dentro do poço, pegava um punhado de ovelhas vivas e mandava pra goela. Coisa horrenda.

— Ai, ai, ai... E como foi que você matou esse gigante comedor de ovelha?

— Pois é, rapaz... Estava eu ali nu, desprevenido. Tinha deixado as armas na tenda, e já estava muito perto do Gigante. Se fizesse qualquer movimento, era capaz do bicho me ver e aí era uma vez Elanã. Então cheguei beeeeeeem perto dele, de mansinho. Quando estava numa distância como daqui até aí onde está o Abisai, gritei "BU!". O bicho engasgou com as ovelhas, foi ficando roxo, ficando roxo, e morreu ali mesmo.

— Meu Javé, é uma história pior que a outra!

— Você tem é inveja, seu moleque! Inveja porque nunca matou um gigante!

— Como assim, nunca matei? Matei sim!

— E como era o nome da giganteza abatida por Vossa Senhoria?

— Eu sei lá como era o nome do gigante! Vocês parecem que pedem documento pros bichos antes de matar, cada um sabe o nome do seu gigante. Desse eu só sei que tinha seis dedos em cada mão e em cada pé.

— Eita, que essa doeu...

— É verdade! Cada dedão que parecia uma viga.

— E como foi que você matou o dedudo?

— Ah, lembrei da história do rei Davi e resolvi fazer do mesmo jeito. Matei na pedrada.

— Ué. Só isso?

— É.

— História sem graça, Jônatas.

— Eu sei, eu sei. Foi um negócio muito sem graça mesmo. O gigante vinha vindo lá dos lados da Filistia. Corria e xingava a gente. Aquilo foi me deixando puto, o sangue foi fervendo, não agüentei: botei uma pedra na funda e *ZAPT*, lá foi ela se encravar bem na testa do desgraçado. Nisso, eu lembro bem, eram umas nove da manhã. Às oito da noite já tinha acabado.

— Hein? Como? Acabado o quê?

— Ué. Eu acertei a pedrada na testa dele às nove da manhã. Ele foi caindo, foi caindo... Eu saí, fui comer alguma coisa, depois fui jogar baralho com os outros soldados. Voltei e o gigante ainda tava caindo. Só foi terminar de cair às oito da noite...

— Hum.

— É...

— Gigantes, né?

— Pois é...

— Vambora?

— É. Depois dessa, é melhor mesmo.

O HINO DA VITÓRIA DE DAVI

(II Samuel 22)

Próximo ao seu final, o segundo livro de Samuel começa a ficar bastante nostálgico. Exemplo disso é este capítulo, que transcreve o hino que Davi compôs quando Deus o livrou da perseguição de Saul. Já velho, Davi gravou essa bela canção em disco. A qualidade não é das melhores: um tecladinho de churrascaria, a voz do rei bastante vacilante e matratada pela idade. Mesmo assim, foi um grande sucesso em Israel na época. Quer ouvir? Aqui está a música. Clique com o botão direito, *salvar como*, e cante junto com o rei:

Aquarela de Javé

Javé, és minha fortaleza
Um deus que é uma beleza
Vou cantar-te nos meus versos
O Javé, deus que nos dá

Inimigos pra trucidar
O Javé, deus de terror
Ele é nosso senhor
Javé! Javé!
Pois é... Pois é...

Ô, esse Javé que tá no céu
É o grande deus de Israel
Terra do leite e do mel
Javé! Javé!

Deixa cantar de novo o Davi
Que andou fugindo aqui e ali
Antes de ser o rei daqui
Quero ver esse Javé me abençoando
E aos inimigos matando
Com seus olhos injetados
Javé! Javé!
Pois é... Pois é...

Javé, faz a terra tremer
A montanha ceder
E fica indiferente.
O Javé, deus que nos dá
Inimigos pra trucidar
O Javé, deus de terror
Ele é nosso senhor.
Javé! Javé!
Pois é... Pois é...

Ô, esse raio que cai do céu
Que mata mais de um milhão
Nas noites claras de luar
Javé! Javé!

Ah, essa voz tonitruante
À qual não ouso dizer não
Só resta mesmo concordar

Oi, esse deus do mundo inteiro

É nosso deus carniceiro

Raivoso e justiceiro

Javé! Javé!

Pois é... Pois é...

OS SOLDADOS FAMOSOS DE DAVI

(II Samuel 23)

Numa praça de Jerusalém, perto do palácio real, dois repentistas cantam para a crescente roda de curiosos. Um deles, Zé de Gade, é um varapau desdentado e de olhar esperto. Patativa de Zebulom, seu companheiro, é atarracado, não tem pescoço nem dentes, e sorri o tempo todo. Ambos são feios como a necessidade. E cantam:

Eu vou lhes contar a história

Mais bonita que já vi

Dos soldados mais famosos

Os valentes de Davi

O Josebe-Bassebete

Cabra de muitos talentos

Sem nenhum constrangimento

Andou pintando muito o sete

A história não se repete

Se não me falha a lembrança

Armado com sua lança

E de olhos muito atentos

Matou mais de oitocentos

E foi aquela lambança.

Eleazar, filho de Dodo

Sujeito de cara amarrada

Gostava de dar porrada

E não era nada bobo

Numa ocasião foi fogo:

Foi lutar com os filisteus

E de raiva dos ateus

A mão se pegou na espada

Só largou na hora dada

Da vitória dos hebreus.

Vou falar também de Sama
De família hararita
Que em Israel habita
E ainda tem muita fama
Eu já lhes conto toda a trama
Do feito que muito brilha:
Numa plantação de ervilha
Mandou os filisteus pra chama
Do inferno que os inflama
Ô, Javé, que maravilha!

Esses três cabras valentes
Estavam em Adulão
Onde Davi estava então
Junto com os seus agentes
E com a voz mais pungente
Expressou sua vontade
Que inspirou caridade
A toda aquela gente
Um pedido diferente
Não atender era maldade:

"Cercaram minha cidade
Minha querida Belém
Não foram homens de bem
Mas os filisteus na maldade
Meu Deus, que barbaridade
E eu aqui passando sede
Queria estar na minha rede
Com toda tranqüilidade
Tomando água do balde
Do poço perto da parede".

Josebe e Eleazar
E o hararita Sama
Percebendo logo o drama

Do rei naquele lugar
Resolveram ir buscar
A água do poço de Belém
Para mostrarem que além
De serem homens de lutar
De matar, e trucidar,
Eram sujeitos de bem.

Ao receber um tal presente
Muito se emocionou o rei
"Meu Javé, agora eu sei
que querem me ver contente
Pois me viram tão carente
E quiseram me ajudar
Não sou digno de tomar
Essa água da nascente
Que me trouxeram os valentes
Melhor mesmo é derramar".

Muitos além desses três
Se destacaram em Israel
Foram todos para o céu
Isso eu digo pra vocês
Agora mesmo é a vez
De falar de Abisai
Que nunca soltou um ai
E muita coisa boa fez
Matou trezentos e seis
Eu juro por Nosso Pai.

E o filho de Jeoiada
O famoso Benaías
Também teve os seus dias
Era um cabra da pesada
Armado com sua espada
Matou dois grandes guerreiros
Mais um leão carniceiro
E com uma vara afiada

Matou de uma estocada
Um egípcio lanceiro.

A lista desses soldados
É enorme como o quê
Se eu começo a dizer
Vou ficar até cansado
Os feitos realizados
Nos tempos de antigamente
Por todos esses valentes
Ficaram mesmo no passado
Hoje só se vê veado
Andando na nossa frente.

Eu já lhes contei a história
Mais bonita que já vi
Dos soldados mais famosos:
Os valentes de Davi

DAVI MANDA CONTAR O POVO

(II Samuel 24)

No antepenúltimo capítulo, último antes das reminescências e cantorias de Davi, vimos que Javé voltou à cena depois de andar sumido por um tempo. E voltou demonstrando que continuava o mesmo de sempre, ou seja, um deus sanguinário e meio maluco. Acompanhem.

Aconteceu que Javé ficou com raiva de Israel. Assim, do nada. Simplesmente acordou um dia — de ressaca, provavelmente — olhou lá pra baixo, viu seu povo escolhido e pensou: "Eita, povinho enjoado". Resolveu, pois, que iria castigar seu povo. No entanto, mesmo sendo Deus, Senhor do Universo, Ser Supremo e muitas outras coisas de acordo com os diplomas na parede, Javé sabia que não podia simplesmente castigar o povo apenas para relaxar. Bom. Poder, podia. Ninguém iria processá-lo nem nada assim. O problema é que não ia pegar nada bem. Então resolveu que faria com que Davi prejudicasse o povo, dando assim motivos à ira divina. De que forma? Simples: foi falar com Davi[1].

— Davi!

— Quem é?

— DAVI!

— QUEM É, DIABO?

— DIABO É O CACETE! EU SOU É DEUS, TÁ ME OUVINDO? DEUS!

— J-Javé?

— Ai meu saco... Por que é que todo mundo começa a gaguejar quando fala comigo? Para imitar o Moisés? Já não disse que não adianta?

— É o medo, Javé.

— Medo de quê, Davi?

— Ah, sei lá. Quando o senhor aparece é sempre pra dar uma dura na gente, ou dizer que vai mandar fome, peste, guerra...

— Que é isso, rapaz! Velhos tempos, velhos tempos! Vim em missão de paz, pode ficar sossegado.

— Ufa... Mas então, Javé, que é que manda?

— Eu queria que você contasse o povo de Israel.

— Como?

— Sei lá como! Te vira!

— Não, não. É que não entendi. Contar o povo por quê?

— PORQUE EU ESTOU MANDANDO, CACETE!

— Boa razão.

— Humpf.

— E o que mais?

— Mais nada, ué. Agora dê licença, que eu vou cochilar um pouco. Dor de cabeça desgraçada...

— Até mais, Javé.

— Grunf.

Assim que Javé saiu, Davi mandou chamar Joabe, o comandante de seu exército (após a fugaz passagem de Amasa pelo cargo, interrompida pelo próprio Joabe quando... Bom, relembrem).

— Joabe, tenho uma missão para você.

— Opa. Quem eu tenho que matar agora?

— Matar? Que história é essa? Eu alguma vez mandei você matar alguém.

— Bom. Não oficialmente, né?

— NEM EXTRA-OFICIALMENTE! O QUE VOCÊ ESTÁ INSINUANDO, JOABE?

— ...

— HUMPF! Deixe de bobagem e preste atenção: quero que você saia por todo o Israel, tribos do sul e do norte, contando o povo. Quero saber em quantos somos.

— Mas que bobagem, majestade! Que Javé faça o povo de Israel cem vezes mais numeroso do que agora, e que o senhor viva para ver isso. Para que contar o povo?

— NÃO É DA SUA CONTA, CÁSPITA!

— ...

— Escuta aqui: eu te dei uma ordem e você vai cumpri-la. Compreendido?

— Sim senhor.

— Então vai, e só volte aqui com os números nas mãos.

— Sim senhor.

Então Joabe saiu de Jerusalém com seus oficiais. Atravessaram o rio Jordão e acamparam ao sul de Aroer. Depois seguiram para o norte, para a cidade de Jazer, continuaram até Gileade e depois Cades, terra dos heteus, de onde partiram para Dã, depois para Sidom, Tiro, passando pelas terras dos heveus, dos cananeus, e finalmente por Berseba, no sul de Judá. No mapa abaixo vocês podem ver o itinerário completo (caso pudesse ser feito de avião, o que não era o caso):

Nove meses e vinte dias depois da partida, eles voltaram a Jerusalém com os números: oitocentos mil homens capazes para o serviço militar em Israel, e mais quinhentos mil em Judá.

Estranhamente, depois de realizar a contagem o rei começou a sentir um peso na consciência. Lastimava-se e clamava a Deus:

— Javé! Pois é! Eu fiz uma coisa terrível ao mandar contar o povo, um grande pecado! Oh, Javé, perdoa-me! Foi uma maluquice, eu bem sei!

Er...

Ok, esperem aí.

Mandar contar o povo fora um grande pecado? Mas por quê? E por que Davi pedia perdão a Deus e se martirizava por isso, se a idéia partira do próprio Javé, para começo de conversa? Pois é, ninguém sabe. Bom, se vocês procuram lógica nas Sagradas Escrituras, leiam *O Código da Bíblia*. Voltemos.

Na manhã seguinte Davi foi acordado por um tal Gade. O sujeito dizia ser profeta, e trazia uma mensagem de Deus:

— Rei Davi, Javé me pediu para vir até aqui falar com o senhor.

— Ah, sei. É sobre o censo?

— Não sei não, só sei do recado que ele mandou. Pediu para o senhor escolher entre três coisas, o que o senhor escolher ele fará.

— Opa! Então Javé agora virou gênio da lâmpada? Que beleza! E quais são minhas opções?

— Três anos de fome na sua terra, três meses fugindo de seus inimigos ou três dias de peste em Israel.

— Epa. Não era bem isso que eu esperava...

— Bom, foi só isso que ele me mandou dizer.

— Hum. Bah, que merda. Adianta argumentar?

— Não.

— Bom. Eu estou desesperado, mas não quero ser castigado pelos homens. Que o próprio Javé nos castigue, então.

— ...

— ...

— E qual a sua opção, majestade?

— O QUE VOCÊ É? IDIOTA?

— Não sei, só vim trazer o recado.

— A PESTE, IMBECIL!

— Ah. Tá bom. Vou avisar Javé.

O profeta saiu e o rei ficou prostrado. Por sua culpa o povo sofreria com uma epidemia terrível. Havia algo de errado nesse esquema, mas ele não conseguia atinar com que fosse. Enquanto isso, feliz da vida, Javé mandou seu anjo preferido — aquele que matara os primogênitos no Egito — distribuir a peste por todo o Israel. O anjão carrancudo saiu andando pelo reino com sua espada na mão, e de norte a sul morreram setenta mil israelitas. Quando, porém, o anjo ergueu sua espada para atacar Jerusalém, Deus o interrompeu:

— Ô, rapaz. Chega, pode voltar pra cá.

— Pô, seu Javé.

— Não tem seu Javé nem seu Mané. Mandei voltar.

— Mas agora que eu ia começar a me divertir!

— NÃO ME INTERESSA!

— CHATOBOBO!

O Grande Anjo Destruidor fez beicinho e voltou para casa, deixando a capital do reino passar incólume. O lugar de onde ele pretendia atacar Jerusalém era um terreiro de malhar cereais pertencente a um certo Araúna.

Da janela de seu palácio, vendo o anjo destruir o povo, Davi se lamentava:

— Culpa minha. Tudo culpa minha. Tudo, tudo culpa minha. Eu fiz a merda e agora o povo paga. Não é justo. Eu e minha família é que deveríamos ser castigados.

— EPA! EU NÃO!

— CALABOCA, SALOMÃO! Ô moleque impertinente...

Javé deve ter ouvido o que Davi dissera, porém, porque resolveu contemporizar: no mesmo dia o profeta Gade voltou ao palácio.

— Rei Davi, trago um recado de Javé. Ele ordena que o senhor vá até o terreiro de malhar cereais de Araúna e construa lá um altar.

— Araúna? Quem é Araúna?

— Não sei, eu só vim mesmo trazer o recado.

— Gade?

— Senhor?

— Você é uma bosta de profeta, sabia?

— Sei de nada, só vim pra...

— TRAZER O RECADO! JÁ SEI, JÁ SEI! RASPA DAQUI, PEDAÇO DE ASNO!

O profeta saiu correndo, e Davi tratou de informar-se sobre o tal Araúna. Pergunta daqui, pergunta dali, acabou descobrindo onde era a tal propriedade na qual o altar deveria ser erguido. Foi até lá pessoalmente.

O terreno ficava num lugar alto. Ao olhar para baixo e ver que o rei e seus oficiais vinham até sua propriedade, Araúna desceu correndo ao encontro do soberano, ajoelhando-se ao chegar perto.

— Senhor! O que o traz aqui?

— Hum. Que cheiro é esse?

— Er... O senhor viu o anjo?

— Vi sim.

— Viu a hora em que ele levantou a espada e Javé mandou ele parar?

— Vi, vi.

— Então. Eu estava bem embaixo. Aí...

— Tá, já entendi de onde vem o cheiro. AR-RAM... Eu vim comprar esse seu terreiro e construir nele um altar dedicado a Javé, para que assim a peste acabe.

— Majestade, se o propósito é tão bom eu dou o terreiro para o senhor. E mais ainda: tenho bois que podem ser oferecidos como sacrifícios, além de suas cangas e as tábuas para debulhar cereais, que podem ser usadas como lenha. Pronto, é tudo seu. Que Javé aceite o subor... Digo, a oferta, e nos livre dessa peste.

— É muito gentil de sua parte, Araúna, mas não posso aceitar. Não vou oferecer a Deus sacrifícios que não me custaram nada. Vou comprar sua propriedade, seus bois e tudo mais. Olhando assim, por alto, ofereço a você... Hum, deixa ver... 570 gramas de prata. Tá bom?

Araúna concordou, contrariado. O rei não aceitar o presente era uma coisa. No entanto, oferecer por toda sua propriedade um preço irrisório (equivalente, pela cotação atual da prata, a cerca de 380 reais) chegava a ser ofensivo. Mas Araúna estava tão interessado quanto qualquer outro na rápida solução daquele impasse, então embolsou sua prata e foi embora. O rei construiu o altar conforme Javé solicitara, ofereceu sacrifícios, e Deus finalmente concordou em retirar a peste de Israel.

Pois muito bem. Entenderam? Resumindo: Javé estava puto com seu povo sem motivo. Então ordenou que Davi contasse os israelitas, o que era um pecado medonho, sabe-se lá por quê. Como castigo por esse pecado, Deus mandou uma peste para afligir a Israel. Para retirar a peste do reino, exigiu que Davi construísse um altar e lhe oferecesse sacrifícios. Simples.

É por nada não, mas se existissem psiquiatras na época Javé estaria internado até hoje...

1: O 21º capítulo do primeiro livro das Crônicas conta esse mesmo episódio. Quando chegarmos lá eu detalho melhor as diferenças, mas vale a pena chamar atenção para uma: nas Crônicas, é Satanás quem dá a idéia do censo a Davi, tornando a história um pouquinho mais plausível.

Iniciado em 2 de agosto de 2004
Concluído em 6 de maio de 2005